

Rabassa Maria Luiza B r. 124 av Domingos Almeida...	1007
<b>RADIO PELOTENSE</b>	
Escritórios 712 Fx Cunha...	2222
Escritórios 712 Fx Cunha...	3950
Transmissões 1039 Estr D Almeida...	2212
Sahal & C Ltda faz 201 pr Cel P Osório...	3344
Rahal Elias Querino r 152 15 Nov...	3945
Rahal José Cheffe méd 754 Gonz Chaves...	1258
Ramalho Athenas Greque hotel 1165 D Pedro II...	4557
Ramalho Darcy Solfer r 805 F Cunha...	1776
Ramalho Dirceu r 1408 Pe Anch...	3013
Ramalho Leny Pinto r 253-A F Cunha...	2724
RAMI repr 259 7 Set...	2400
Ramil Kléber Pons dr r 123 A Anjos...	1013
RAMIL, MANOEL A móv 707 15 Nov...	5276
Ramiris, A marmor 406 Br Sta Tecla...	4949
<b>RAMOS, A MARTINS</b> livr	
Livraria 564 15 Nov...	2236
Oficinas Gráficas 411/3 Br Sta Tecla...	2781
Ramos Alberto Martins r 970 D Pedro II...	3617
<b>RAMOS, ALBINO</b> arquit 720 Br Sta Tecla...	2249
Ramos Dario Carvalho repr 508 Cd P Alegre...	1827
Ramos Fº José Carvalho r 409 Moreira César...	1654
Ramos Maria Dinorah pens 568 Pe Anch...	4426
Ramos Mercedes Behocaray r 881 Gen Osório...	2787
Rangel Gonçalo r 360 M César...	1877
Rangel Rubens r 204 G Chaves...	4735
<b>RAPIDO ALIANÇA DE TRANSPORTES LTDA</b>	
663 15 Nov 5798	
<b>RAPIDO PANEX</b> 772 Fx Cunha...	5507
Raro Bernardino Ferreira r 314 Mar Floriano...	3859
Rassler Dilson r 158A Mar Floriano...	1614
Rastler Gaston r 821 D Pedro II...	1580
Rato José da Cunha r 728 Pe Anch...	2520
Ratto Leopoldino r 776 15 Nov...	3922
Raupp Euripedes da Silveira...	5194
Raupp Maria Candida da...	3607

**PELOTAS**  
CEUS ARRABALDES  
Escala: 1 / 25.000

**INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E ESPAÇO URBANO:  
A IMPLANTAÇÃO DA COMPANHIA TELEFÔNICA  
MELHORAMENTO E RESISTÊNCIA EM PELOTAS/RS**



ORIENTADORA:  
Profª Dra Leila Christina Dias

**FONE 482**

**JOLAS**

**Perf** Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Curso de Pós-graduação em Geografia (Área de Concentração Desenvolvimento Regional e Urbano) para obtenção do título de mestre em Geografia.

**CASA AMERICANA**  
15 de Novembro, 601

**FONE 295**  
**PELOTAS**

Archedo — José da Costa	Ct 23
Rochefort — Silvano	Ct 101
Rodrigues — Odoaldo	Ct 150
Rodrigues — Abilio	Ct 1722
Rodrigues — Abilio	Ct 2275
Rodrigues & Cia. — Adelio de Souza	Ct 1999
Rodrigues — Alfredo	Ct 1423
Rodrigues — Alfredo Ferreira	Ct 1669
Rodrigues — Alfredo J.	Ct 1629
Rodrigues — Alice Dias	Ct 2325
Rodrigues — Anarolino	Ct 1098
Rodrigues — Bernardo	Ct 695
Rodrigues — Clotilde Gomes	Ct 1338
Rodrigues — Euclides	Ct 737
Rodrigues — Faraide de Deus	Ct 1783
Rodrigues — Honorina	
Rodrigues — José	
Rodrigues — Manoel Lopes	
Rodrigues — Maria da Luz Mendes	
Rodrigues — Modesto	
Rodrigues — Nilo Agostinho	
Rodrigues — Pedro dos Anjos	
Rodrigues — Pedro Jr	

# "Inovação Tecnológica e Espaço Urbano: A Implantação da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência em Pelotas/RS".

**Vanda Ueda**

*Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Geografia, área de concentração em Desenvolvimento Regional e Urbano, do Departamento de Geociências do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de Mestre em Geografia.*

*Leila Christina Dias*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila Christina Duarte Dias  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM: 04/11/1998

*Leila Christina Dias*

Dr.<sup>a</sup> Leila Christina D. Dias (Orientadora-UFSC)

*Joana Maria Pedro*

Dr.<sup>a</sup> Joana Maria Pedro (Membro-UFSC)

*Ivo Sostisso*

M.Sc. Ivo Sostisso (Membro-UFSC)

Florianópolis - 1998

U23 Ueda, Vanda.

Inovação tecnológica e espaço urbano: a implantação da Companhia Telefônica  
Melhoramento e Resistência em Pelotas/RS. \ Vanda Ueda. - Florianópolis: Universidade Federal  
de Santa Catarina, 1998.

152 p.: IL

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

1. Redes técnicas - telecomunicação 2. Espaço urbano - inovação tecnológica 1 -  
Título.

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a todas as pessoas que me acompanharam nesta caminhada, contribuindo de alguma forma para o término desta.

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, Mario e Nair, que num primeiro momento distantes - Japão - torceram por mim e agora mais perto - Mogi das Cruzes - torcem pelo meu sucesso. Agradeço também à minha irmã Laide (uma grande educadora e artista-plástica), ao Luís Augusto que muitas vezes ficou cuidando do Kim quando precisei ir à Biblioteca Pública. Às minhas tias que tem a força das mulheres batalhadoras das quais herdei a vontade, o esforço e a dedicação.

À Maria Helena, ao Gastão (in memoriam) e ao Luciano que me ensinaram a ver e conhecer Pelotas, pois a memória está presente no cotidiano de cada um.

A minha orientadora Dra. Leila Chistina Dias, pelo carinho e esforço na orientação. Suas dicas foram valiosas. Obrigado!

Para Marilane, que realizou as primeiras revisões, e para o arquiteto Maurício Sheibt, que soube grafar o que eu queria. Ao pessoal da Biblioteca Pública Pelotense, em especial D. Sônia e D. Zita, e aos meus alunos, Jefferson Umpierre, Mara L. Rocha, Ramsés A. Brum, Alexandre Amaral e Janete A. Franke, e a minha amiga Marli Morales Piñeiro minha sincera gratidão pela estimável colaboração.

Não poderia deixar de agradecer aos funcionários da CTMR, em especial ao Carlos Jorge (geógrafo de formação e hoje especialista em gerência de redes), pelas conversas e discussões sobre o papel das redes de telecomunicação. A Magaly Lanfourcard (funcionária e idealizadora do museu) e aos funcionários do Museu do Telefone, que valorizam a importância de preservar a memória da cidade e da CTMR, pelo acesso a documentos indispensáveis a este trabalho.

Registro agradecimentos aos professores do curso de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, à Seção de Pós-Graduação, à CAPES e ao CNPQ pelo apoio financeiro, e ainda, aos professores Rosa Ester Rossini, Roberto Lobato Corrêa, Horácio Capel, Francisco Elifalete Xavier, Isabel Bonat Hirsch e Luis Ernani G. Ávila pelo incentivo.

Finalizando, quero agradecer do fundo do coração aos meus amores (Paulo e Kim), que sempre estiveram comigo nesta caminhada. Ao meu grande amigo, companheiro e jogador de futebol - KIM - que soube entender que a distância era imperiosa. Quero penitenciar-me se muitas vezes não dei a atenção necessária e não estive presente, como nos jogos (estaduais e citadinos) ou nas festinhas do colégio. Avalio o quanto a minha ausência o decepcionou. Ao PAULO, que me ensinou a gostar de Pelotas, mostrando-me o que de mais belo há nesta cidade, como ouvir Vitor, Kleiton e Kledir Ramil, sentir a umidade bárbara ou passear no Laranjal. Agradeço pelas noites que ficou ao meu lado, incentivando-me a fazer uma análise crítica do trabalho com discussões e perguntas que me ajudaram a clarear as colocações. Ao meu companheiro que mesmo distante (na Espanha) sempre se preocupou comigo. Enfim foi meu companheiro, psicólogo e amigo, a quem, juntamente com o Kim, atribuo a fonte de inspiração e força para concluir este trabalho. Eu os amo!

Vanda

## SUMÁRIO

ÍNDICE.....	V
Índice de figuras .....	VII
Índice de quadros e tabelas .....	VIII
Resumo.....	IX
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I: O ADVENTO DA MODERNIDADE: FALANDO DO TELEFONE .....	14
1- O telefone: encurtando distâncias .....	15
2- O projeto modernizador em Pelotas e uma nova vivência do espaço e do tempo .....	23
CAPÍTULO II: O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DA COMPANHIA TELEPHONICA "MELHORAMENTO E RESISTÊNCIA" (CTMR) .....	40
1- Pelotas e o telefone: das primeiras iniciativas à Companhia Telephonica "Melhoramento e Resistência" .....	44
2- A Elite pelotense e a "Melhoramento e Resistência" .....	55
3- A Companhia Telephonica "Melhoramento e Resistência": da origem do capital à incorporação da empresa .....	60
CAPÍTULO III: A EXPANSÃO DA COMPANHIA TELEPHONICA "MELHORAMENTO E RESISTÊNCIA" E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM PELOTAS .....	70
1- Os agentes inovadores na consolidação da CTMR .....	76
2- A atuação dos proprietários dos meios de produção .....	80
2.1 - os interesses dos industriais .....	80
2.2 - os comerciantes e o telefone .....	86
2.3 - um caso à parte: a presença (constante) do Cel. Alberto Rosa .....	95

3 - A ação dos promotores imobiliários: as redes na malha urbana .....	96
4 - A expansão territorial da CTMR: os centros telefônicos .....	103
4.1 - Área central da cidade ao porto .....	108
4.2 - Os bairros da cidade .....	110
4.3 - A zona rural do município .....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	114
BIBLIOGRAFIA .....	118
ANEXOS .....	130

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA I - Pelotas: Localização no Estado do Rio Grande do Sul.....	02
FIGURA II - Banco Pelotense - Movimento de instalações de filiais .....	10
FIGURA III - Pelotas - Planta da cidade - Núcleo urbano inicial .....	28
FIGURA IV - Pelotas - Confeitaria Brasil - Rua XV de Novembro (1922).....	31
FIGURA V - Pelotas - Aspectos da Praça da República na década de 20 .....	33
FIGURA VI - Pelotas - Casarões.....	36
FIGURA VII - Pelotas - Rua Andrade Neves -1919.....	37
FIGURA VIII - Pelotas - Primeira ligação telefônica particular - 1883 .....	45
FIGURA IX - Pelotas - Primeira linha telefônica - 1884.....	47
FIGURA X - Pelotas - Extensão de linhas telefônicas para os arredores da cidade.....	49
FIGURA XI - Pelotas - Rede telefônica urbana - 1919.....	72
FIGURA XII - Pelotas - Rede telefônica urbana - 1922 .....	73
FIGURA XIII - Anúncio com telefones das companhias CTMR ("MR") e Ganzo .....	75
FIGURA XIV - Pelotas - Localização das principais indústrias (final do século XIX e início do século XX) .....	83
FIGURA XV - Pelotas - Fábrica Lang .....	84
FIGURA XVI - Pelotas - Rua XV de Novembro na década de 20.....	88
FIGURA XVII - Pelotas - Casa comercial na Rua XV de Novembro.....	90
FIGURA XVIII - Pelotas e arredores (1909) .....	91
FIGURA XIX - Pelotas - Estabelecimento comercial na zona rural .....	93
FIGURA XX - Pelotas - Estabelecimento comercial na zona rural.....	94
FIGURA XXI - Pelotas - Anúncio do Hotel Alliança .....	99
FIGURA XXII - Pelotas - Área urbana - 1924 .....	102
FIGURA XXIII - Pelotas - Localização dos centros telefônicos da CTMR na zona rural.....	109



## ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

QUADRO I - Pelotas - Implantação das obras de infra-estruturas urbanas e o cenário urbano.....	43
QUADRO II - Pelotas: primeiras concessões de linhas telefônicas - 1884 a 1885 .....	50
QUADRO III - Pelotas: principais indústrias (final do século XIX e início do século XX).....	62
QUADRO IV - Pelotas: evolução da economia em relação ao Rio Grande do Sul e ao Brasil ( 1800 a 1930).....	65
QUADRO V- Interesses relacionados com a fundação da CTMR - 1919.....	79
TABELA I - Pelotas - População recenseada (1872 -1920) .....	102
TABELA II - Pelotas (CTMR) e Porto Alegre: Evolução do número de telefones (1919 a 1930) .....	107

## RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo discutir a presença da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR) no espaço urbano de Pelotas-RS. Trata-se de uma experiência exemplar, pois esta é a mais antiga companhia de telecomunicações em atividade no país. O exame das condições políticas, econômicas, sociais e espaciais que presidiram a sua implantação e consolidação é realizado ao longo do trabalho, utilizando-se de referenciais da geografia histórica para unir os conceitos de técnica, espaço e tempo. O trabalho divide-se em três capítulos, nos quais são discutidas (1) o advento da modernidade e o telefone em Pelotas, (2) o processo de implantação da CTMR e (3) a expansão da companhia e a produção do espaço urbano em Pelotas. A atuação da elite da cidade e o papel dos principais agentes inovadores também é destacada no trabalho. Na conclusão evidencia-se o papel das redes técnicas (a rede telefônica em particular) na produção do espaço geográfico, observando que as mesmas exercem funções importantes no espaço urbano ao inserir-lhe um conteúdo técnico-científico.

Palavras-chaves: redes técnicas- telefone-espaço urbano-inovação tecnológica

## INTRODUÇÃO

No Brasil, a trajetória e a experiência da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR) é impar pela sua história particular<sup>1</sup>. Surgida em 1919, a empresa é hoje um modelo de "eficiência" comparada a outras empresas do sistema TELEBRÁS<sup>2</sup>.

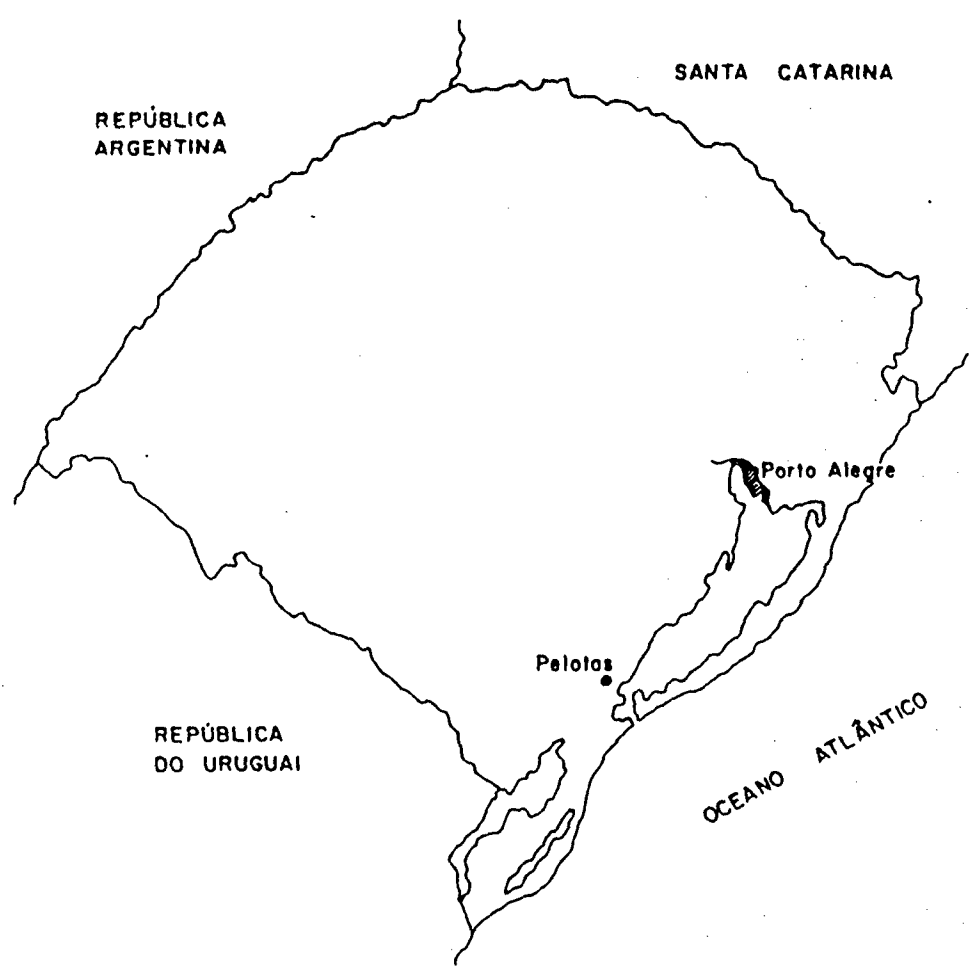
Na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul (FIGURA 1), um mês é o tempo máximo que transcorre entre a aquisição de uma linha telefônica e a sua instalação e pleno funcionamento. Esta situação sui generis no sistema de telecomunicações do país tem dado destaque para a cidade e sua companhia telefônica<sup>3</sup>. A Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR) tem-se apresentado como uma

---

<sup>1</sup> CTMR- Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência atende os municípios de Pelotas, Capão do Leão, Morro Redondo e Turuçu (antigos distritos de Pelotas). No restante do Rio Grande do Sul o serviço de telefonia é prestado pela Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT), que era mantida pelo governo do Estado. Em dezembro de 1996, o governo do Estado leiloou as ações da Companhia Riograndense de Telecomunicações (primeira grande estatal a abrir seu capital à iniciativa privada no país), que passou a pertencer à TELEFÔNICA INTERNACIONAL DE ESPAÑA e a RBS (Rede Brasil Sul de Telecomunicações - afiliada da Rede Globo de Televisão).

<sup>2</sup> Eficiência no que tange à qualidade dos serviços prestados, por exemplo: grau de congestionamento, chamadas completadas, obtenção do tom de discar, atendimento de reparação, entre outros serviços.

<sup>3</sup> Revistas de circulação nacional como Exame e Veja têm dado destaque à CTMR, apontando sua eficiência como fator de valorização da cidade de Pelotas para investimentos.

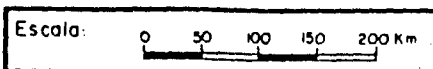


**PELOTAS: LOCALIZAÇÃO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Fonte: IBGE, Geografia do Brasil, Região Sul, vol 2 1990  
Montagem: Vanda Ueda

Desenho: M.Seibt

**FIGURA I**



das melhores empresas de telecomunicações do Brasil, com índices de qualidade dos serviços comparável às empresas dos países do "primeiro mundo"<sup>4</sup>.

É importante ressaltar que num mundo onde as transformações econômicas, sociais e espaciais são cada vez mais rápidas, a eficiência das redes técnicas (incluindo-se aqui a rede telefônica) se torna necessária e fundamental para acelerar a circulação das informações. Como formas de organização e como sistemas, as redes não devem ser analisadas e vistas isoladamente, ou seja, não podem ser isoladas das condições de ordem econômica, política, social e territorial que presidem sua instalação. É necessário relacioná-las com a urbanização e as funções produtivas, com a ampliação da divisão territorial do trabalho e com as formas particulares de sua introdução nas cidades.

Na literatura sobre o papel das redes, muitos trabalhos resultaram em discursos freqüentemente prospectivos, seguindo pressupostos de uma "causalidade linear" entre o desenvolvimento técnico e as transformações espaciais, sociais e econômicas (Dias, 1995b).

Foi nesse contexto que se difundiu o discurso do "impacto" e do "efeito" das redes técnicas na organização do território<sup>5</sup>. A apropriação social das novas tecnologias pode ser entendida como o domínio dos equipamentos por uma categoria mais favorecida, formada por pessoas ou grupos capazes de usar a tecnologia em benefício próprio<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> "A CTMR está entre as cinco melhores do sistema TELEBRÁS. Apesar de atender apenas 3,5% da população gaúcha. Em 1996, apresentou 8,3% do total de terminais instalados no Rio Grande do Sul. Até o final de 1997, o plano de expansão prevê investimento inicial de R\$ 23 milhões, e sua execução resultará numa relação de um telefone para cada três habitantes". Diário Popular. Pelotas, 08 de março de 1997.p. 03.

<sup>5</sup> Os termos "impacto" e "efeito" são criticados por J. M OFFNER (1993) e por G. DUPUY (1982).

<sup>6</sup> I.BENAKOUCHE. "*Novas tecnologias de comunicação: realidades e mitos*". In: Universidade e Sociedade. Ano V, nº 9, outubro 1995, p. 56-59. E em "*Du telephone aux nouvelles technologies: implications sociales et spatiales des réseaux de télécommunication au Brésil*". Tese de doutorado, Paris, 1989.

Nessa perspectiva, Dupuy (1982) critica a visão que coloca em primeiro lugar a existência de uma técnica e posteriormente de seu efeito social ou espacial<sup>7</sup>. Da mesma forma, Dias (1995b) questiona que a técnica tem a capacidade virtual de criar condições sociais inéditas, podendo modificar a ordem econômica mundial e transformar territórios<sup>8</sup>.

É nossa intenção demonstrar também que o termo rede não é recente. Novas são as tecnologias empregadas. Na busca deste entendimento encontramos Ribeill apontando que:

*"os dicionários de Tecnologia (1828) e o de Artes e Manufaturas de Laboulaye (1847) ignoraram completamente o termo rede. As definições encontradas no Grande Dicionário Universal do Século XIX de Larousse (1875) causam perplexidade: - qualquer objeto formado por linhas ou por fios entrelaçados; entrelaçamento de objetos dispostos em linhas e de forma figurada: complicação, entrelaçamento de coisas que constroem, embaraçam" (1988:51).*

O termo apareceu na primeira metade do Século XIX como um conceito chave e privilegiado das idéias do Conde de Saint-Simon<sup>9</sup>, que; na linha de um socialismo planejador e tecnocrático, defendeu a criação de um Estado organizado racionalmente por cientistas e industriais. Alguns discípulos da escola saint-simoniana (como é o caso de Michel Chevalier, em 1832) utilizaram o termo rede para traçar uma relação entre as comunicações e o sistema de crédito, pois se uma

<sup>7</sup> G. DUPUY. "Les effets spatiaux des techniques des télécommunications: ouvrons la boîte noire!". Bulletin de IDATE, nº 07, julho 1982, p. 78.

<sup>8</sup> L. C. DIAS. "Redes : emergência e organização". In: Geografia: conceitos e temas. Bertrand Brasil, 1995b, p.142-143.

<sup>9</sup> Idéias defendidas por G. RIBEILL (1988), que ressaltou a importância de dois textos datados de 1832 e escritos por discípulos do Conde de Saint-Simon. É o caso do famoso artigo de Michel Chevalier e de quatro engenheiros (Lamé, Clapeyron e os irmãos Stéphane e Eugène Flachat). Muitos autores, como E. HOBBSAWN e N. BOBBIO evidenciam a importância das idéias de Saint-Simon, principalmente no que se refere ao socialismo utópico.

destas estruturas estivesse traçada, a outra se encontraria paralelamente determinada<sup>10</sup>.

Segundo Ribeill (1988), as idéias de Saint-Simon sobre a estreita ligação entre as redes bancárias e as redes de comunicação evidenciaram-se justas. Assim como as comunicações, o banco com suas filiais contribuíram para quebrar a compartimentação da economia e a fragmentação do território. O projeto saint-simoniano consistia em um projeto de integração dos mercados regionais com a eliminação das barreiras físicas e dos obstáculos à circulação de mercadorias, matérias-primas e, sobretudo, de capitais<sup>11</sup>.

Os estudos sobre redes ficaram muito tempo limitados à rede urbana (Dias, 1995b). Atualmente, a retomada do tema se dá em vários campos disciplinares, como a Sociologia, a História, a Economia, entre outros. A noção pode ser empregada também por aqueles que se organizam em forma de rede, como as redes estratégicas, redes geográficas, redes de solidariedade e redes de informação (internet)<sup>12</sup>.

Em recente trabalho, Santos (1996) aponta que o entendimento sobre as relações entre as redes e o espaço urbano é muito amplo, ressaltando que as definições sobre a temática se multiplicam, admitindo que podemos enquadrá-las em duas grandes matrizes: a

---

<sup>10</sup> Chevalier apud Ribeill, 1988, p. 52.

<sup>11</sup> No Brasil, as idéias do projeto saint-simoniano podem ser comparados às do Barão de Mauá (Irineu Evangelista de Souza), que se dedicou aos grandes projetos modernizadores de sua época, promovendo sobretudo o desenvolvimento social. Essa comparação foi estudada por J. M. de CARVALHO. "Mauá e a ética Saint-Simoniana". Editora UEL, 1997.

<sup>12</sup> O termo redes geográficas é citado por KANSKY, K.J, apud: R.L.CORRÊA, ensinando que "*por rede geográfica entendemos um conjunto de localizações geográficas interconectadas entre si por um certo número de ligações*". R.L.CORRÊA indica que existem três dimensões para realizar o estudo das redes geográficas, que são as dimensões organizacional, temporal e espacial; convém ressaltar que estas não podem ser analisadas isoladamente. In: "*Trajetórias geográficas*". Bertrand Brasil, 1997. p. 107-118. A noção de redes de solidariedade aparece em alguns estudos regionais, como o caso da "rede regional gaúcha", estudada por R. H. COSTA. "*Gaúchos no nordeste: modernidade, des-territorialização e identidade*", Tese de doutoramento, USP, 1995.

que apenas considera a sua realidade material e uma outra, em que é também levado em conta o dado social<sup>13</sup>.

Percebemos que os discursos sobre as redes (as redes de telecomunicação, especificamente) ainda aparecem sempre ligados a uma realidade material (principalmente entre os engenheiros). A participação da sociedade é inexistente<sup>14</sup>. Recentemente, no âmbito da geografia brasileira, teses e dissertações passaram a incorporar essa terminologia nas suas discussões.

Entendemos não ser possível estudar questões referentes às inovações tecnológicas e às redes técnicas sem um vínculo com a geografia histórica. Segundo Soja (1993), a paisagem geográfica apresenta projetadas, em diversas escalas, pretéritas marcas e vestígios das ações humanas e das divisões espaciais do trabalho<sup>15</sup>.

No Século XIX, a formação de novas paisagens geográficas seguiu os fundamentos esboçados em um período econômico e histórico anterior. Foi com a chegada da modernidade que as velhas trilhas e caminhos foram substituídos pelas estradas de ferro que passaram a cortar o território. Com a invenção do telégrafo, e em seguida do telefone, os mensageiros foram dispensados. Assim, essas inovações tecnológicas permitiram maior velocidade na circulação de bens, de pessoas e de informações, próprias do período de expansão do sistema capitalista mundial.

Neste sentido, foram as elites que mais influenciaram na organização do espaço através do investimento em infra-estrutura (transportes, comunicações etc.). No Brasil, a participação dos

---

<sup>13</sup> M. SANTOS. *"A natureza do espaço - Técnica e tempo. Razão e emoção"*. Hucitec, 1996. cap.11.

<sup>14</sup> Trabalhos como os da Geografia Teorética, que analisam as redes de comunicação como sistemas.

<sup>15</sup> E. W. SOJA . *"Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica"*. Jorge Zahar ed., 1993. p.191.



plantadores de café nas sociedades de estrada de ferro demonstrou sua habilidade e seu poder social. Decidindo sobre a configuração espacial da rede ferroviária e sobre a circulação dos produtos, ela comandava o processo produtivo de forma quase completa (Dias, 1995a)<sup>16</sup>.

Em Pelotas, o advento da modernidade teve seu apogeu demarcado entre o final do Século XIX e o início do Século XX como consequência das atividades produtivas derivadas da produção e da exportação de charque. Em 1867, para o escoamento dessa produção, foi necessário desobstruir a foz do Canal de São Gonçalo, visando à construção do porto; já em 1877, começou a ser construída a ligação férrea Rio Grande - Bagé, que beneficiou a cidade de Pelotas. Neste período, Pelotas contava com uma rede de estradas de rodagem (municipais e intermunicipais) e com um serviço de linhas férreas urbanas e suburbanas (Ferro Carril e Caës de Pelotas), inaugurado em 1873, para a circulação de pessoas no centro urbano.

Com a chegada do telégrafo em 1868, a inauguração da 1ª agência postal (1873) e com o telefone (1882/83), as novidades e as ordens circulavam mais rápido<sup>17</sup>. Tais transformações modificaram os espaços local, regional e nacional, sendo as redes técnicas os vetores que permitiram aumentar a velocidade de circulação de todos os fluxos envolvidos. É o momento em que o capitalismo começa a sua empresa de aniquilação do espaço pelo tempo.

Comerciantes e industriais foram os que mais investiram na instalação das primeiras linhas telefônicas, pois estas eram uma condição primordial para a integração de suas atividades aos

---

<sup>16</sup> Para aprofundar-se no assunto ver: P.MONBEIG. *"Pioneiros e fazendeiros de São Paulo"*. Hucitec, 1984 e J. CALDEIRA (et al.). *"Viagem pela História do Brasil"*. Companhia das Letras, 1997.

<sup>17</sup> A primeira rede telegráfica ligava Pelotas a Rio Grande; somente em 1876 aconteceu a ligação entre Pelotas e Porto Alegre.

mercados interno e externo. Nesse sentido, os processos de urbanização e de integração nacional pressupunham um grau de complementaridade entre as diferentes regiões que compunham uma fragmentada economia nacional.

Pelotas permanecia sendo o núcleo de maior circulação monetária e de acumulação de capitais do Estado do Rio Grande do Sul, passando por um amplo processo de modernização. Novas indústrias complementares (curtumes, fábricas de velas e sabão) surgiram ampliando a comercialização e o beneficiamento de carnes, intensificando as operações de crédito e as transações bancárias, que iriam completar uma das redes econômicas mais lucrativas da época.

Enriquecidos, os charqueadores se transferiram para o núcleo urbano (afastando-se dos seus estabelecimentos industriais) e investiram em infra-estruturas básicas (sistemas de água, esgotos, iluminação e transportes - os carris urbanos) para a sua manutenção na cidade.

Para integrar-se ao mercado nacional, a elite pelotense criou mecanismos de fortalecimento da economia local, visando a atender seus próprios interesses. Dias indicou que

*" a história da constituição da rede urbana brasileira é marcada pela associação entre o processo de urbanização e o processo de integração do mercado nacional".(1995b:150)*

Neste momento, o Estado de São Paulo começava a apresentar-se (através da cafeicultura) como o pólo nacional da acumulação e centro da economia dominante, e Pelotas vinculava-se como economia subsidiária à economia brasileira de exportação.

Em Pelotas, dois fenômenos merecem destaque nesta fase do processo de integração da economia nacional:

- 1- a fundação do Banco Pelotense;
- 2- o surgimento da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência.

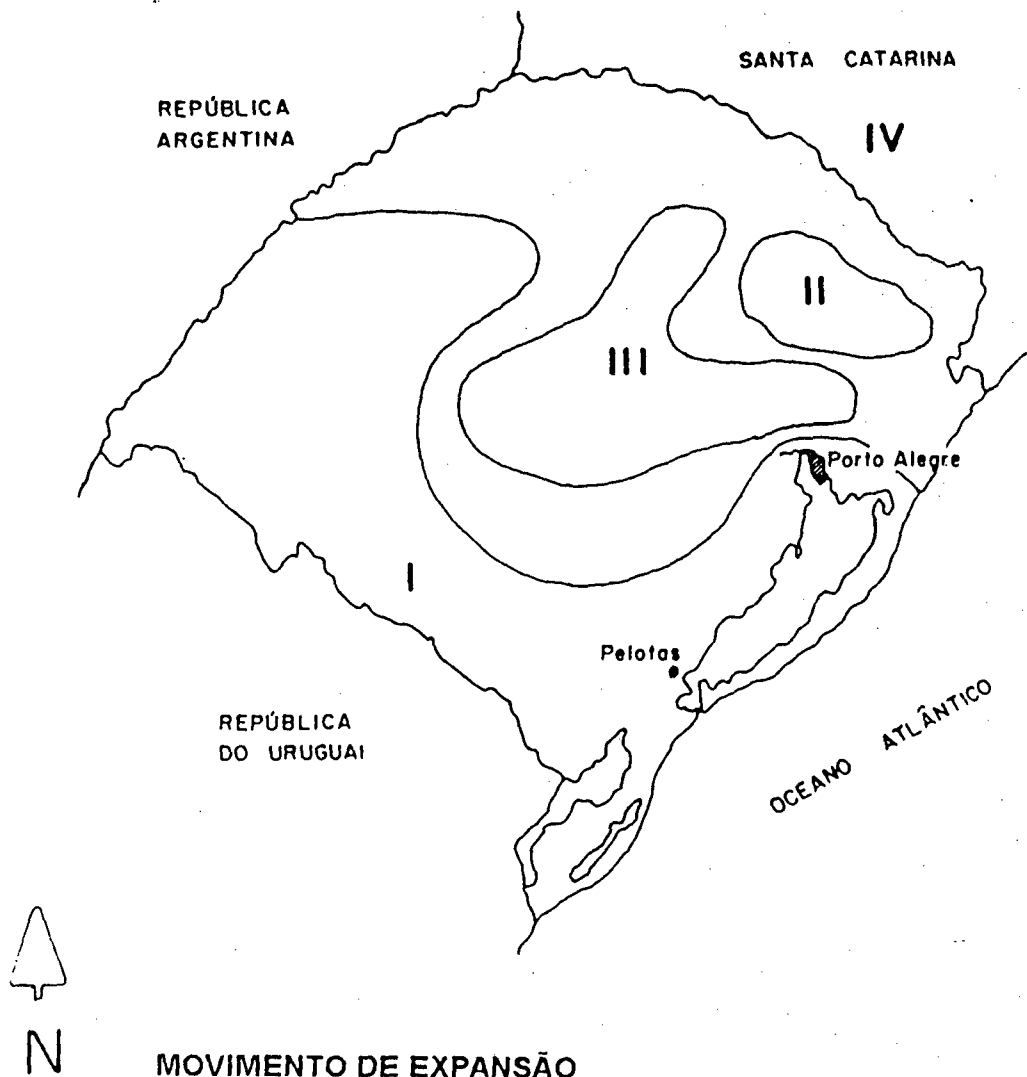
O Banco Pelotense surgiu em 1906 como iniciativa do setor pecuarista/charqueador, apoiado pelo comércio da cidade. Em 1910, o crescimento da principal atividade econômica à qual se vinculava permitiu expansão acelerada do número de agências do Banco, cobrindo todo o território gaúcho. Após 1919, foram inauguradas filiais na capital federal (Rio de Janeiro) e nos estados de Minas Gerais e Paraná<sup>18</sup>. (FIGURA II)

A Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR) surgiu em 1919, com os objetivos de melhorar os serviços e resistir às pressões do capital estrangeiro, justamente no período de expansão nacional do Banco Pelotense, quando era maior a necessidade de comunicações rápidas para os negócios de importante parcela da elite da cidade<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> E.LAGEMANN. "*O Banco Pelotense & o Sistema Financeiro Regional*". Mercado Aberto, 1985.

<sup>19</sup> Os pelotenses estavam insatisfeitos com os serviços telefônicos, as altas tarifas e os precários serviços eram evidentes, pois para conseguir uma ligação demorava-se quase duas horas. Praticamente não existia serviço de longa distância. Os serviços eram explorados pela Companhia Telefônica Riograndense, de propriedade da empresa Ganzo, Durruty & Co.. Neste ínterim a companhia foi adquirida pela subsidiária da International Telephone and Telegraph (ITT), que instalou na cidade vizinha (Rio Grande) telefones automáticos, os primeiros no Brasil, e estendeu as linhas para Porto Alegre. Em seguida, a companhia americana começou a comprar as ações da CTMR e era preciso melhorar os serviços e resistir às pressões do capital estrangeiro. Os estatutos foram reformulados para que a companhia não ficasse em poder dos norte-americanos.



### MOVIMENTO DE EXPANSÃO

- I - Campanha e Porto Alegre (1906/12)
- II - Região Colonial Italiana (1912)
- III - Região Colonial Alemã, Centro, Planalto (1914/18)
- IV - Outros estados (1919/22)

## BANCO PELOTENSE - MOVIMENTO DE INSTALAÇÕES DE FILIAIS

Fonte: Langemann, Eugénia. Banco Pelotense. 1985. p.199  
 Montagem: Vanda Ueda

Desenho: M. Seibt

## FIGURA II

Escala: 0 50 100 150 200 Km

Entretanto, a crise de 1929 acelerou o processo de mudanças estruturais na economia do país, atingindo também o Banco Pelotense que desapareceria em 1931<sup>20</sup>. A Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR) permaneceu em atividade, sendo a primeira empresa telefônica nacional com capital totalmente subscrito e integralizado por cidadãos de um município<sup>21</sup>.

Nessa perspectiva é que propomos responder à seguinte questão: *"quais foram as condições de ordem política, econômica, social e espacial que presidiram a implantação da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR) em Pelotas?"*

Para responder essa questão central, trabalhamos com a geografia histórica aproximando a técnica, o espaço e a história. Na compreensão das relações entre as inovações tecnológicas (o telefone) e o processo de urbanização em Pelotas, demarcamos o

---

<sup>20</sup> Segundo E. LAGEMANN op. cit. p. 129-136, há três versões da história da liquidação do Banco Pelotense: uma local, outra regional e outra nacional. A versão local, elaborada por Pedro Luís Osório (ex-diretor do Banco Pelotense), aponta as seguintes causas: a prolongada crise econômica que se refletia em todos os estabelecimentos bancários, a ação do recém-criado Banco do Estado do Rio Grande do Sul aliciando funcionários treinados; ação que visava ao desprestígio do Banco Pelotense junto aos seus clientes; a omissão dos governos estadual e federal, retirando os depósitos do Tesouro do Estado, omitindo-se na ajuda moral e material, empréstimos ou redescontos via Banco do Brasil. A versão estadual, elaborada por Alcebíades de Oliveira (presidente do Banco do Estado do Rio Grande do Sul), foi a seguinte: causas externas à instituição (crise política, financeira e bancária nacional aliada à crise mundial), causas internas (más aplicações, falta de visão do movimento geral da economia); falhas administrativas (anarquia administrativa, com ausência de organização e métodos de trabalho claramente definidos, insuficiência de fiscalização, incompetência da direção e gigantismo em instituição multifiliada). A versão do governo federal, coordenada pelo senhor João Soares aponta as seguintes causas principais (erros de origem, de orientação, política expansionista a partir de 1919, participação excessiva em ações industriais, comerciais e outros) e as causas secundárias (crise econômica e financeira mundial e brasileira, lutas políticas e campanha de descrédito movida contra o banco).

<sup>21</sup> A segunda empresa telefônica nacional só nasceu no início da década de 50, em Minas Gerais.

período de 1882 até 1930 (fase de grandes transformações espaciais, sociais, políticas e econômicas na cidade).

Para entender o processo de implantação da CTMR - por sua situação ímpar - e para compreender o papel das redes técnicas (telefone), dividimos o nosso trabalho em três capítulos:

- 1- O advento da modernidade: falando do telefone;
- 2- O processo de instalação da Companhia Telephonica "Melhoramento e Resistência" e
- 3- A expansão da Companhia Telephonica "Melhoramento e Resistência" e a produção do espaço urbano em Pelotas.

No primeiro capítulo discutimos as novas tecnologias e como se deu a apropriação do telefone no mundo. Fizemos um retrospecto das primeiras notícias do telefone nas principais cidades do mundo, cujos modelos eram seguidos no Brasil. Reportamos importante acontecimento na Exposição do Centenário, com a frase célebre de D. Pedro II diante do novo aparelho, pois foi a partir desse evento que o telefone passou a ser difundido mundialmente. Discutimos ainda sobre a experiência do espaço e do tempo nos projetos modernizadores, relacionando-os com a cidade de Pelotas e seu cotidiano. A vivência das novas tecnologias (incluindo aqui o telefone) modificou o cotidiano da cidade, quando as conversas passaram a ser através do novo aparelho.

No segundo capítulo enfatizamos o momento econômico vigente e o papel da elite no processo de implantação da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência. Na busca de informações sobre a CTMR fizemos (ainda que brevemente) uma análise sobre as primeiras iniciativas de instalação do telefone na cidade, acompanhando todas

as suas transformações espaciais. Vimos também quais eram os interesses dominantes nos momentos que antecederam a sua instalação. A apropriação social do telefone aconteceu lentamente por parte da maioria da população, ficando a gestão do processo de implantação da CTMR a cargo da elite. Acreditamos ter sido este grupo que proporcionou o desenvolvimento da cidade, através da industrialização e conquistando novos mercados e consumidores de serviços. O telefone surgia como um meio de demonstrar poder e evidenciar interesses que estavam em jogo nos cenários local e regional.

No terceiro capítulo relacionamos a expansão urbana com o processo de expansão das redes telefônicas na cidade de Pelotas, enfatizando o papel dos agentes inovadores neste processo. Com o crescimento desordenado da cidade, a elite pelotense criou novos espaços, levando a valorização algumas áreas que se tornaram privilegiadas com o advento da técnica e da infra-estrutura.

O estudo da temática e suas relações com a organização do espaço (local, regional, nacional e mundial) nos proporcionou a revisão de estudos clássicos sobre o Rio Grande do Sul e Pelotas, de fundamental importância para o entendimento do imaginário e do cotidiano da elite pelotense, permitindo-nos desvendar o aparecimento da modernidade na cidade.

Desta forma, procuramos romper com a perspectiva de analisar a inovação tecnológica (aqui representada pelo telefone) e a urbanização de forma isolada e fragmentada, considerando que os atores sociais dentro do sistema capitalista irão organizar e estruturar os espaços de acordo com os interesses vigentes.

## CAPÍTULO I

### O ADVENTO DA MODERNIDADE: FALANDO DO TELEFONE

A partir do Século XIX as inovações tecnológicas, em geral, foram largamente difundidas em todo o mundo. Com o desenvolvimento do capitalismo elas passaram a ser traços definidores de uma nova realidade, pois caracterizavam e consolidavam os grandes progressos realizados anteriormente. Isto significa dizer que nos ofereceram elementos indicativos para as mudanças que estariam por vir.

As novas tecnologias em geral apresentaram ampla possibilidade de aplicação. Puderam atingir praticamente todas as esferas da atividade humana, tanto as de natureza produtiva (no caso da indústria ou dos serviços), como as atividades que não estavam diretamente vinculadas à produção (ensino, pesquisa, administração pública, planejamento urbano etc.)<sup>22</sup>.

Neste sentido, não podemos ignorar que as inovações tecnológicas como as estradas de ferro, a navegação a vapor, o

---

<sup>22</sup> Idéias defendidas por O. B. K. CARRION e M. C. DEBIAGI no artigo "*Novas tecnologias e organização do espaço*", In: O Rio Grande do Sul Urbano, 1990, p. 214-229.



telégrafo, a substituição da energia a gás pela eletricidade, a invenção do automóvel e do telefone, passaram a fazer parte do "*cenário da vida moderna*"<sup>23</sup>, transformando e modificando os espaços locais, regionais e nacionais.

Ao incorporar no seu cotidiano os avanços tecnológicos, os indivíduos modificaram e alteraram seus ritmos e rotinas de vida. As pessoas começaram a familiarizar-se com a ciência e a técnica, buscando sobretudo a sua adaptação.

Assim, o telefone passou a fazer parte desse novo cotidiano, permitindo ligações instantâneas entre pessoas e atividades, independente da distância que as separasse no território<sup>24</sup>. O encurtamento de distâncias e do tempo tornou-se imprescindível à sociedade capitalista, que passou a viver a hegemonia do espaço-tempo da produção industrial.

As mercadorias consumidas nas cidades já não são mais produzidas no próprio local, e a transmissão das informações não poderia depender somente de mensageiros ou veículos. Com o telefone elas passam a chegar muito mais rapidamente, são quase simultâneas, permitindo maior intercâmbio entre os lugares.

## 1- O TELEFONE: ENCURTANDO DISTÂNCIAS

Historicamente, a implantação das inovações tecnológicas (incluindo aqui o telefone) no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Pelotas

---

<sup>23</sup> E. J. HOBBSAWAN argumenta que "a revolução tecnológica" foi a terceira característica da economia mundial da era dos impérios. "*A era dos impérios*", Paz e Terra, 1992, p. 81. Detalhes dessas mudanças e adaptações, no capítulo 2 - "Uma economia mudando de marcha".

<sup>24</sup> M. M. PARDO "*Nuevas tecnologías, territorio y espacio local. Reflexiones y experiencias*". In: *Estudios territoriales*, 1989, 31: 37-55.

aconteceu quase que simultaneamente com a sua invenção e aparição no mundo.

O primeiro registro mundial do telefone data de 1876, com Alexandre Graham Bell e Elisha Gray<sup>25</sup>. Em 10 de março, Graham Bell se encontrava no último andar da hospedaria Exeter Place, 5, em Boston, onde alugara duas salas. Seu auxiliar trabalhava no térreo e atendeu o aparelho telefônico. Neste momento ouviu espantado: - "*Senhor Watson, venha cá. Preciso falar-lhe*". Prontamente deslocou-se até o sótão, de onde Bell lhe havia telefonado. O invento estava quase pronto<sup>26</sup>. A primeira ligação interurbana do mundo foi realizada por Graham Bell em 26 de novembro desse ano, ligando Boston e Salem, numa distância de 25 quilômetros.

Em poucos anos, foram instaladas as primeiras redes telefônicas em Nova Iorque, Filadélfia e outras cidades dos Estados Unidos pela "*Bell Telephone Company*", fundada por Graham Bell. O crescimento do uso do telefone foi rápido, embora saibamos que, num primeiro momento, a resistência da maioria das pessoas em aceitar e utilizar o telefone era muito grande, por não vislumbrar sua importância e utilidade para a vida social e econômica<sup>27</sup>.

Mesmo assim o telefone espalhou-se rapidamente por todo o mundo. As cidades cresciam e mudavam de natureza, conseqüentemente as funções urbanas se diversificavam. Remond

---

<sup>25</sup> No dia 14 de fevereiro de 1876, Alexandre Graham Bell chegou ao "escritório de patentes" dos Estados Unidos com o memorial descritivo do invento para registrá-lo às 14 horas e obteve a patente nº 174.465. Elisha Gray, eletricista de Chicago, lá chegou por volta das 16 horas para registrar invento similar, portando também seu memorial descritivo, mas não obteve a patente do telefone. Alexandre Graham Bell chegara antes dele, consagrando-se como seu inventor. L.J. LIBOIS, "*Genèse et croissance des télécommunications*". Masson S.A, 1983, p. 36 e p. 306.

<sup>26</sup> Idem, p.307.

<sup>27</sup> Idéias a partir de vários textos que relataram o surgimento do telefone no mundo, como a Revista do Museu do telefone TELESP (sem data e sem numeração de páginas). Cabe assim lembrar, que as inovações tecnológicas, num primeiro momento, sofreram uma grande resistência por parte de seus usuários.

salienta que, às funções desempenhadas pelos centros urbanos em todas as sociedades, acrescentaram-se outras recentemente, provenientes das mudanças provocadas pela técnica, pela economia e pelo "*governo dos homens*" (1976:136-148).

Com todas estas mudanças alterou-se a própria dimensão das cidades e o homem já não consegue cobrir a pé todos os seus deslocamentos, necessitando de meios eficazes para a circulação e para transmissão de informações. As invenções da modernidade vão transportar o homem e encurtar distâncias, permitindo que as cidades tomem novo impulso de crescimento para conquistar novos espaços, principalmente os que circundam.

Na segunda metade do Século XIX, com a crescente urbanização só existiam duas cidades no mundo com mais de 500 mil habitantes: Londres - cidade gigante da Europa, e Paris - a cidade das luzes e da modernidade<sup>28</sup>.

Impulsionada pelo crescimento das cidades, pela revolução técnica e com a difusão do telefone nos Estados Unidos, a Grã-Bretanha fundou em 1878 sua primeira companhia telefônica privada, a "*Telephone Company Ltd.*". No ano seguinte, foi constituída outra sociedade, a "*Edson Telephone Company of London*" fundindo-se

---

<sup>28</sup> Londres constituiu-se numa megalópole, permitindo o nascimento dos grandes bairros-dormitórios e a duplicação da sua população em trinta anos. A influência urbana acentuou-se sem nenhum planejamento e em 1850 foi criado o departamento de serviços públicos, para cuidar do saneamento e da higiene pública. Uma leitura sobre Londres do Século XIX pode ser encontrada no texto de Élisée Reclus e Karl Baedeker, no qual os dois viajantes relatam suas impressões sobre a cidade. M. CHARLOT e R. MARX, "*Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*", Jorge Zahar Ed., 1993. Já em Paris no Século XIX os esforços são imensos para restabelecer a ordem no sentido de limpar as ruas, iluminá-las e assegurar o abastecimento de água. Durante o Segundo Império, o Barão de Haussmann foi o prefeito que a transformou em uma cidade nova, com grandes bulevares, avenidas retilíneas, teatros, bosques, praças e principalmente a rede de água e esgotos, para modernizá-la. H. GONZÁLES, "*A comuna de Paris*". Ed. Brasiliense, 1989. p.58-60 e J. WILHELM, "*Paris no tempo do rei sol*", Companhia das Letras, 1988.

ambas em 1880 para formar a "*United Telephone Company*" e a "*Western Union*"<sup>29</sup>.

Na mesma época, em 1879, alavancado no crescimento e na modernização de Paris, o Ministério dos Correios e Telégrafos da França publicou portaria determinando as condições para o estabelecimento das redes telefônicas nesta metrópole. No ano seguinte foi criada a "*Société Générale de Téléphones*" (SGT), que iniciou uma política de compra das concessões já existentes, estabelecendo, assim, o monopólio das redes telefônicas no país<sup>30</sup>. Já em 1891 foi inaugurada a primeira linha telefônica ligando Paris a Londres.

O processo de implantação da rede telefônica no resto do mundo se deu quase que simultaneamente. Em 1880 existiam redes em sete países europeus, centradas sempre nas grandes cidades<sup>31</sup>. Na Espanha, as primeiras linhas telefônicas foram instaladas em 1877, quando o engenheiro Narcis Xifra juntamente com Tomás Dalmau organizaram, em caráter experimental, a comunicação telefônica entre Barcelona e Gerona, utilizando-se dos cabos telegráficos<sup>32</sup>. Podemos salientar, como indica Horácio Capel (1994), que o telefone na Espanha nasce de uma "*clara vinculação com a indústria elétrica*", quando os interesses de sua expansão ficaram evidentes. Seguindo o ritmo das inovações, iniciou-se a instalação de linhas telefônicas pelo

<sup>29</sup> L.J. LIBOIS, op. cit. p.272.

<sup>30</sup> C. BERTHO. "*Pneumatique, télégraphe, téléphone. Les réseaux de télécommunications à Paris-1879-1927*". Les Annales de la recherche urbaine, nº 23-24. p.143-155 e L.J. LIBOIS. "*Genèse et croissance des télécommunications*", 1983, destacam a importância do telefone e a trajetória das telecomunicações da rede criada na França. Na segunda parte do livro, Libois fala sobre a evolução e organização administrativa das telecomunicações na França.

<sup>31</sup> Os países citados são: Grã-Bretanha, França, Dinamarca, Bélgica, Holanda, Alemanha e Suíça. Na Grã-Bretanha de 1888 existiam 200.000 telefones de uso diário. H. CAPEL. "*Estado, Administración municipal y empresa privada, en la organización de las redes telefónicas de las ciudades españolas, 1877-1923*". *Geocrítica*, nº 100, 1994, p.05.

<sup>32</sup> Barcelona era considerada a Paris do sul. In: R. HUGHES. "*Barcelonà*", Companhia das Letras, 1995. O livro retrata a Barcelona do século passado e de hoje, destacando os principais agentes modernizadores da cidade.

Estado, cujos serviços eram prioritariamente para os centros militares e políticos<sup>33</sup>.

Na América do Sul, temos o exemplo da cidade de Buenos Aires, cujas elites pretendiam transformá-la em uma "grande cidade europeia" em pleno sul da América, tanto no desenho urbano, quanto na arquitetura e, principalmente, na infra-estrutura. Com o apoio das elites oligárquicas a cidade vai tomando o caminho da modernidade, sendo o telefone explorado comercialmente a partir de 1881<sup>34</sup>.

A chegada do telefone ao Brasil aconteceu logo após a visita de D. Pedro II à Exposição do Centenário da Independência dos Estados Unidos, na Filadélfia, em 1876. Um acontecimento inusitado fez com que o telefone fosse divulgado em todo o mundo, despertando-se o interesse pela novidade. Trata-se da experiência de D. Pedro II na exposição do Centenário, quando escutou nitidamente pelo aparelho a voz de Graham Bell e, não se contendo, exclamou: - "*My God, it speaks!*"<sup>35</sup>. A seguir, prometeu a Graham Bell introduzi-lo no Brasil, pois sentira de perto os benefícios que o telefone poderia proporcionar aos homens<sup>36</sup>.

Assim, as primeiras linhas telefônicas no Brasil foram instaladas já em 1877, no Rio de Janeiro, ligando a residência Imperial (Palácio da

<sup>33</sup> Para saber mais sobre as inovações tecnológicas na Espanha ver de H. CAPEL.(dir.) "*Las Tres Chimeneas. Implantación industrial, cambio tecnológico y transformación de un espacio urbano barcelones*", Barcelona, 1994. 3 vols.

<sup>34</sup> Buenos Aires vai imitar Paris. "*El ejemplo europeo estaba presente: Haussmann había trazado su Avenida de la Ópera en París; Buenos Aires tuvo su gran bulevar de tipo parisiense, la Avenida de Mayo*". C. BRAUN e J. CACCIATORE. "*El imaginario interior: el intendente Alvear y sus herederos. Metamorfosis y modernidad urbana*". In: Buenos Aires 1880-1930 (La capital de un imperio imaginario). Dirigido por H. Vázquez-Rial. Alianza Editorial, 1996, p. 35. Para entender a chegada da modernidade e a memória da cidade de Buenos Aires a partir de 1880 até 1930 ver H. VÁZQUEZ-RIAL(dir.). Buenos Aires 1880-1930 (La capital de un imperio imaginario). 1996.

<sup>35</sup> Meu Deus, isto fala!

<sup>36</sup> M. BRITO, "*Subsídios para a história da telefonia no Brasil*", NEC, 1976, p.2.

Quinta da Boa Vista) com as residências dos ministros de Estado. O aparelho utilizava uma linha até o centro da cidade e fora construído nas oficinas da "*Western and Brazilian Telegraph Company*"<sup>37</sup>.

Os telefones eram instalados apenas para comunicação entre repartições do governo, órgãos militares e corpo de bombeiros. Maculan (1981) ressalta que, apesar de sua importância econômica e comercial, a criação e a exploração de uma rede de telecomunicações não parece ter despertado, grande interesse por parte dos governantes brasileiros. A legislação era escassa e de pouco alcance em relação à rede telefônica e poderia ser definida num princípio único: o Estado era proprietário da rede, mas a exploração pertencia à iniciativa privada através de concessões. A intervenção do poder público foi, portanto, normativa. Mas o comércio na cidade do Rio de Janeiro levou a nova invenção para as lojas e armazéns do porto (chegando inclusive até os navios ancorados)<sup>38</sup>.

Em 1877, a casa comercial "*Ao Rei dos Mágicos*", da firma Rodle & Chaves, começou a fabricar telefones seguindo as descrições da gazeta francesa<sup>39</sup>. Estabeleceu, ainda, uma linha telefônica pública, desde o estabelecimento até o Corpo de Bombeiros. A referida instalação tinha os seguintes objetivos: "*proteger a firma comercial em caso de eventual incêndio, com a comunicação rápida 'com os soldados do fogo' e servir de chamariz para o público*"<sup>40</sup>.

Em seguida (agosto de 1878) ocorreu a primeira ligação interurbana em território brasileiro, quando Morris Kohn (engenheiro da

---

<sup>37</sup> O aparelho telefônico instalado foi presente de Alexandre Graham Bell ao Imperador D. Pedro II, em sua visita ao Estados Unidos.

<sup>38</sup> G. MAGALHÃES. "*Telecomunicações*". In: A história da Técnica e da tecnologia no Brasil. M. VARGAS (org.), Ed. da UNESP e CEETEPS, 1994, p. 317.

<sup>39</sup> A casa comercial "*Ao rei dos Mágicos*" situava-se na Rua do Ouvidor -116, na cidade do Rio de Janeiro, e pertencia a Ferdinand Rodle e Antonio Ribeiro Chaves.

<sup>40</sup> M. BRITO, op. cit., p. 2.

corte) ligou a Estação de Ferro Paulista, em Campinas, e a Estação Inglesa, em São Paulo<sup>41</sup>.

Somente em 6 de setembro de 1879 D. Pedro II concedeu privilégio, por dez anos, a Frederico Allen Gouver, de introduzir no Império o "*telephono cronômetro*" de sua invenção<sup>42</sup>. Nada mais se ouviu falar sobre tal privilégio.

Em 15 de novembro de 1879, o imperador outorgou a primeira concessão para a exploração dos serviços telefônicos no Brasil<sup>43</sup>. Foi contemplado *Charles Paul Mackie*, que representava os interesses da "*Bell Telephone Company*"<sup>44</sup>, autorizada a construir e operar as linhas telefônicas no Rio de Janeiro, em seus subúrbios e na cidade de Niterói.

Em 13 de outubro de 1880 foi fundada a "*Telephone Company of Brazil*"<sup>45</sup>, que só entraria em funcionamento quando Charles Paul Mackie requereu outra concessão ao governo imperial para explorar os serviços de uma nova companhia<sup>46</sup>.

<sup>41</sup> EMBRATEL. "*Pequena cronologia das telecomunicações*". 1994, p. 2.

<sup>42</sup> Através do Decreto no. 7461. "*Brasil. Leis, Decretos etc. Collecção das leis*". Typ. Nacional, 1880. p. 467.

<sup>43</sup> "*A primeira concessão iniciou com o decreto imperial no. 7589. O referido decreto continha oito cláusulas, determinava que as linhas da companhia não seriam instaladas sem a prévia aprovação da repartição geral de telégrafos, a fim de não prejudicar as linhas telefônicas já existentes na corte, na polícia e no corpo de bombeiros. Os aparelhos instalados seriam fornecidos gratuitamente pela empresa, que cobraria apenas uma taxa mensal ou anual. O monopólio era de cinco anos e a concessão válida por dez anos. O decreto ainda oferecia duas opções: ou o empresário se engajaria pessoalmente ao empreendimento, ou organizaria uma sociedade para explorar a sua concessão*". L. R. KROETZ, "*A história da telefonia no Paraná*". TELEPAR, 1982, p. 14.

<sup>44</sup> Revista do museu do telefone da TELESP.

<sup>45</sup> "*A companhia foi registrada em Nova torque e seus estatutos continham treze artigos. A empresa era composta por sete sócios, possuindo um capital inicial de 300.000 dólares, distribuídos em 3.000 ações, no valor nominal de 100 dólares cada uma. O maior acionista, e praticamente seu dono, era Henry S. Russell, que subscreveu 2.940 ações; os demais sócios, 10 ações cada um*". P. A. de O. SILVA "*Pequena História da Telefonia no Ceará*". TELECEARÁ, 1982, p. 22.

<sup>46</sup> Obtida pelo Decreto nº 8.065, de 17 de abril de 1881. "*Davam permissão para sua extensão a todo o Brasil, além de estabelecer quatro situações de primazia ao público: 1) chamada aos bombeiros, 2) chamadas aos médicos; 3) chamadas à polícia em caso de assaltos e 4) levar recados, cartas ou encomendas por portadores afiançados*". L. R. KROETZ, op. cit. p. 15.

Por resolução Imperial, as linhas telefônicas foram consideradas em iguais condições às linhas telegráficas, pertencendo como estas, ao domínio exclusivo do Estado, cabendo ao Governo Imperial o "direito de concessões", ainda que para uso particular das localidades<sup>47</sup>. (ANEXO I)

No mesmo ano, o governo brasileiro promulgou diversos decretos autorizando a instalação de linhas telefônicas por todo o País. O Decreto nº 8.457 autorizava a "*Companhia Telefônica do Brasil*" a prestar serviços telefônicos a outras cidades brasileiras, como Salvador, Maceió, Porto Alegre, Rio Grande, PELOTAS e Petrópolis<sup>48</sup>. (ANEXO II)

Com uma gama de decretos, leis, cláusulas e regulamentações o Brasil começou a inserir-se na era da telefonia.

Segundo Dias, "*entre 1900 e 1920 os investimentos em linhas telefônicas se multiplicaram a fim de acompanhar uma demanda social crescente*"(1995a:38). A telefonia automática se desenvolveu a partir de 1910 na Europa e já em 1922, na cidade de Porto Alegre, foi inaugurada uma central automática, a primeira no Brasil e a terceira na América (após Chicago e Nova Iorque). A segunda cidade brasileira a possuir uma central automática foi a cidade de Rio Grande. Esta é vizinha de Pelotas, da qual dista 60 quilômetros, e recebeu sua central em 1925.

A chegada do telefone a Pelotas é uma consequência da consolidação do capitalismo, pois sua difusão é um caso de rápida adaptação de uma população e de uma economia às inovações tecnológicas. Esse projeto inovador e modernizador só conseguiu ter um impacto maior graças à classe dos homens de negócios da cidade,

---

<sup>47</sup> Segundo o Decreto 8453A, de 11 de março de 1882. "*Collecção das leis do Imperio do Brazil de 1882. Parte I. Tomo XXIX. Vol. I, Typographia Nacional*", p.313-315.

<sup>48</sup> Idem., p. 366.



pois foi a *"cidade e mais precisamente a burguesia de negócios urbanos que foi cliente do telefone e permitiu seu desenvolvimento"* (Dupuy, 1982:78).

## 2- O PROJETO MODERNIZADOR EM PELOTAS E UMA NOVA VIVÊNCIA DO ESPAÇO E DO TEMPO

Aqui precisamos discutir um pouco mais sobre a experiência do espaço e do tempo no projeto modernizador da telefonia e do espaço urbano pelotense. Discutiremos as noções de espaço e tempo e as mudanças em curso em Pelotas, tendo como referencial e como marco as inovações tecnológicas.

Sabemos que é preciso articular as inovações com a vida social e esclarecer os vínculos materiais entre os processos político-econômicos e culturais. Isso nos permite explorar como o projeto de modernidade do capitalismo incluiu também uma transformação do uso do espaço e do tempo na acumulação de capitais.

*"Espaço e tempo são fundamentais para a existência humana"* e podem significar muito mais do que as atribuições que lhes dão normalmente, algo naturalizado e que faz parte do nosso cotidiano (Harvey, 1992:187).

Observamos que tais noções (espaço e tempo) servem cotidianamente para designar que o espaço é algo natural, onde podemos ver, observar e perceber. Tempo é movimento que se justapõe. Assim, *"os movimentos cíclicos e repetitivos oferecem uma sensação de segurança"*, e o progresso das inovações tecnológicas

parece sempre estar à nossa frente como algo desconhecido, diante do qual não sabemos como nos comportar (insegurança)<sup>49</sup>

Estudar o espaço e o tempo em Pelotas implica reconstruir historicamente diferentes práticas e processos materiais que serviram à reprodução da vida social. Para verificar de que modo esses conceitos eram apresentados e estavam presentes no processo de implantação do sistema de telefonia, vamos assentar-nos na ótica da modernidade, vinculando-a com as inovações tecnológicas que estavam florescendo em todo o mundo, caracterizando assim uma imensa mudança social.

Nesse sentido, a experiência da modernidade só é possível através da mudança de visão de mundo e da apropriação social das inovações. Com a expansão do capitalismo no fim do século passado, Kern, apud Soja, afirma que

*"uma série de mudanças radicais na tecnologia e na cultura criou modos novos e distintos de pensar sobre o tempo e o espaço e de vivenciá-los. As novas inovações tecnológicas, incluindo o telefone, o telégrafo sem fio, o raio X, o cinema, a bicicleta, o automóvel e o avião estabeleceram a base material dessa reorientação; os avanços culturais independentes, tais como o romance do fluxo da consciência, a psicanálise, o cubismo e a teoria da relatividade, moldaram diretamente a consciência. O resultado foi uma transformação das dimensões da vida e do pensamento" (1993:35).*

Portanto, o capitalismo intensificou o seu desenvolvimento introduzindo mudanças, através de uma estruturação social e espacial, estendendo suas relações de produção e suas divisões (social, territorial) do trabalho<sup>50</sup>. Com essa ascensão, podemos dizer que houve uma modificação do tempo e do espaço, surgindo uma nova forma de teorização social. *"A teoria social sempre teve como foco processos de mudanças social, de modernização e de revolução (técnica, social,*

<sup>49</sup> D. HARVEY. *"Condição pós-moderna"*, Edições Loyola, 1992, p. 188.

<sup>50</sup> E. SOJA, *"Geografias pós-modernas"*, Jorge Zahar Editor, 1993, p. 36.

*política)*" (Harvey,1992:190). Assim, quando falamos de progresso estamos relacionando o processo histórico com o seu objeto teórico.

A experiência dos tempos modernos implica uma conquista do espaço, na derrubada de barreiras espaciais que "*aniquilam (ultimam) o espaço através do tempo*"<sup>51</sup>. Com a noção de progresso, a sociedade manifesta a tendência de reduzir o espaço a uma categoria secundária. A sociedade volta-se para o tempo. O "*ganhar tempo*" torna-se a tônica da vida social e sinônimo de estar à frente. O trem, o telefone e o automóvel representam esse pensamento, pois sua utilização se torna um ícone dessa evolução e um marco de diferenciação em relação às épocas anteriores.

Com a modernidade, a experiência do progresso através da modernização tende a enfatizar a temporalidade e o processo de vir-a-ser, em vez do ser, no espaço e no lugar<sup>52</sup>.

Soja salienta que

*"a modernização, como todos os processos sociais, desenvolve-se desigualmente no tempo e no espaço e, desse modo, inscreve geografias históricas bem diferentes nas diferentes formações sociais regionais" (1993:37).*

A expansão do capitalismo e da produção industrial refletem, pois, no crescimento urbano e no comércio internacional. A passagem de um regime clássico, competitivo e empresarial de acumulação de capital e regulamentação social, para um regime concentrador e monopolista, impôs uma nova geografia mundial, permitindo que áreas até então periféricas convivessem também com a temporalidade da vida moderna.

---

<sup>51</sup> D. HARVEY, op. cit., p. 190.

<sup>52</sup> Idem, p.190.

Berman define a modernidade como *"uma experiência vital - experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros"* (1982:15). Para o autor, ser moderno é ser parte do universo, onde vivificamos as experiências de espaço e tempo, a história e a geografia, as simultaneidades, enfim, o estar vivo em determinado momento e lugar.

A vida moderna nasce com as grandes descobertas nas ciências físicas, que acarretaram uma mudança da imagem do universo e do lugar que ocupamos nele. A industrialização da produção transforma o conhecimento científico em tecnologia, provocando a aceleração do ritmo de vida, decorrente também do rápido crescimento urbano que é verificado e das facilidades desenvolvidas pelos novos sistemas de comunicação de massa<sup>53</sup>.

Os *"ritmos peculiares da modernidade do Século XIX"* construíram uma *"nova paisagem"*, altamente desenvolvida e dinâmica. Encontramos esta nova paisagem e seus símbolos na Pelotas da virada do Século XIX para o Século XX: engenhos a vapor (o Engenho de Arroz São Gonçalo, do Cel. Pedro Osório), fábricas automáticas (a Fábrica Pelotense de Fiação e Tecidos), ferrovias (os ramais ferroviários que cruzam o seu espaço urbano), amplas e novas zonas industriais (ao longo dos ramais ferroviários), bairros que cresceram do dia para a noite (os bairros operários da periferia). Jornais diários (Diário Popular, Correio Mercantil, A Discussão, Pelotense, O Noticiador, Araribá, Brado do Sul, Diário de Pelotas, Jornal do Commercio), telégrafos (iniciados em 1868), telefones (com diversas companhias e, principalmente, a CTMR) e outros instrumentos de mídia (a Rádio Pelotense - inaugurada em 1925).

---

<sup>53</sup> M. BERMAN. *"Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade"*. Companhia das Letras, 1987. p.18.

Pelotas, que nasceu planejada pelo traçado xadrez das ruas (FIGURA III), no final do Século XIX e início do XX se tornou uma cidade moderna, recebendo até os anos 30 facilidades disponíveis no mundo<sup>54</sup>. A cidade apareceu como centro de desenvolvimento intelectual, um lugar elegante, moderno, progressista e higiênico<sup>55</sup>.

Com a passagem do Império para a República, sua elite vai reforçar a idéia de progresso, promovendo a produção das riquezas e das trocas, quando as comunicações deveriam ser dinâmicas.

A população urbana em 1926 era de 55.000 pessoas. A cidade possuía seis grandes avenidas, onze praças, sessenta e seis ruas e três logradouros. Com seu crescimento, em 1928 a cidade empenhou-se em um grande plano de saneamento, chegando a 7.294 prédios abastecidos por água e 4.735 servidos pela rede de esgotos<sup>56</sup>.

A cidade moderna necessitava de um projeto, de um modelo como os em voga na Europa. Pelotas tem seu primeiro projeto de saneamento em 1887, contudo somente conseguiu executar as instalações de esgotos em 1913. A cidade foi dividida em duas zonas (ocidental e oriental), e seus despejos eram lançados no Canal São

---

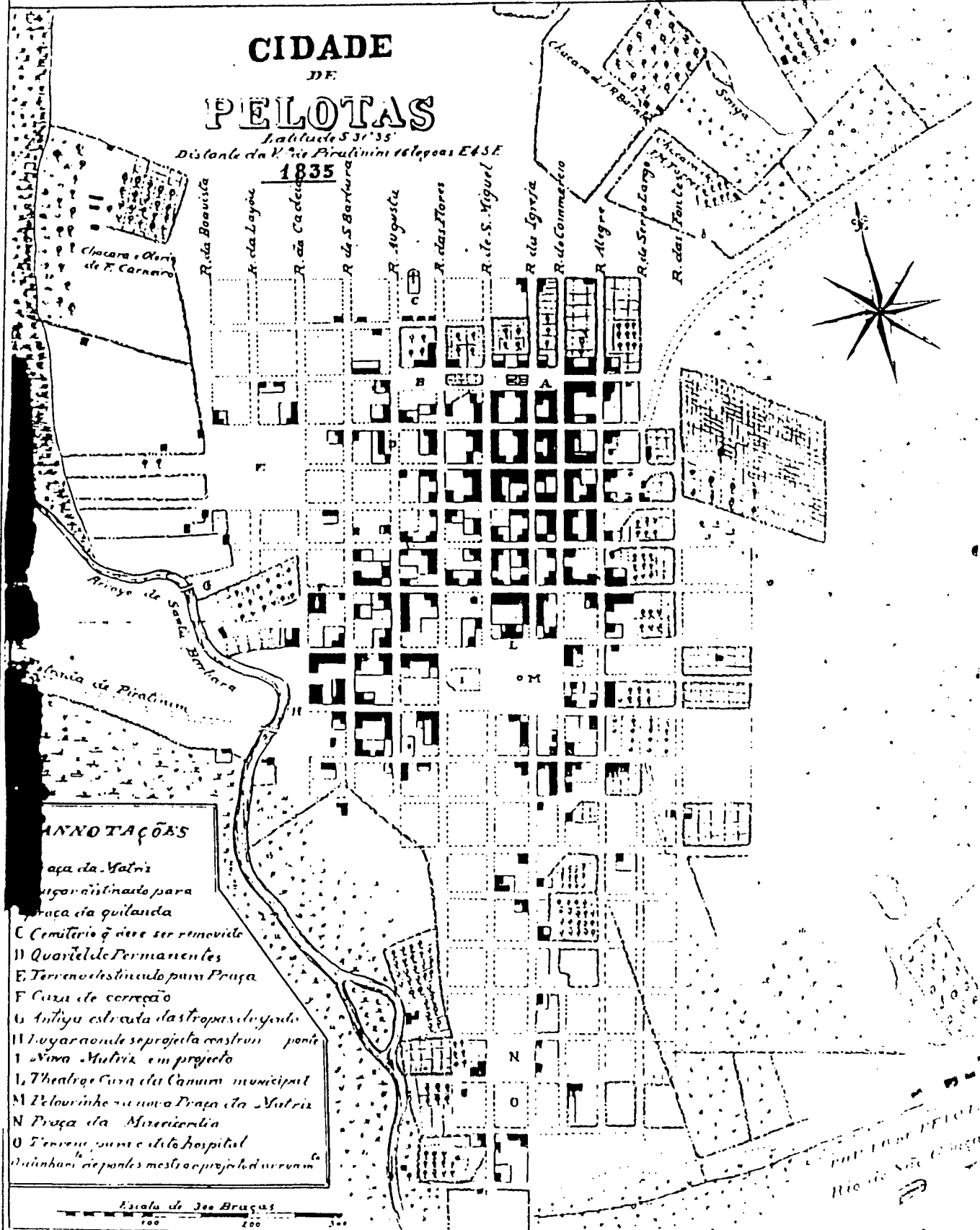
<sup>54</sup> Seu centro urbano foi construído em um terreno doado pelo capitão-mor Antônio Francisco dos Anjos no ano de 1812. Quando da sua elevação à categoria de vila, o núcleo urbano se expandiu pelas propriedades de Mariana Eufrásia da Silveira, acompanhando o traçado inicial com mais algumas ruas. Em 1835 foi elevada à categoria de cidade. M. O. MAGALHÃES *"Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)"* Editora da UFPel, 1993, p. 25 e E. ARRIADA, *"Pelotas - gênese e desenvolvimento urbano"*, Editora Armazém Literário, 1994, p.107.

<sup>55</sup> O discurso higienista nas cidades brasileiras é decorrente das grandes epidemias. A questão da salubridade influenciou na construção de prédios mais higiênicos para a solução dos problemas. Na Geografia a temática foi trabalhada por M. de A. ABREU em "Habitação popular, forma urbana e transição para o capitalismo industrial: o caso do Rio de Janeiro". In: "Geografia e meio ambiente", 1995, p. 118-135 e "Pensando a cidade do Brasil do passado". Comunicação em mesa redonda do Colóquio: O discurso geográfico na aurora do Século XXI. Florianópolis. Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFSC. 1996.

<sup>56</sup> N. N. MAGALHÃES, Pelotas Memória, ano 8 - número 1- 1997, p. 05.

# CIDADE DE PELOTAS

Incluído S 31' 35"  
Distante da V. de Piratini 44 legoas E 4 SE  
1835



PELOTAS- PLANTA DA CIDADE.  
NÚCLEO URBANO INICIAL

Fonte: Arquivo Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente

FIGURA III

Escala: Indicada

Gonçalo. As duas grandes metas do plano de saneamento da cidade eram: (1) fazer desaparecer os focos de insalubridade e (2) estancar as epidemias, com a construção de um sistema de coleta de esgotos caseiros e que eram lançados posteriormente (através de uma rede de canais) até o São Gonçalo. Com isso, a Intendência diminuiria as altas taxas de mortalidade na cidade.

No que se refere ao abastecimento de água, houve a ampliação dos sistemas de captação dos mananciais com a construção das represas Moreira, Quilombo e Sinotti <sup>57</sup>.

Além da modernização da cidade, todas as mudanças sociais, políticas e econômicas, ampliaram os usos do espaço urbano, e a vida social também se movimentou, pois a cidade se modernizava culturalmente. A base econômica ainda relacionada com as atividades agrárias (as charqueadas se situavam no entorno da cidade) possibilitava que um grande número de pessoas da elite pelotense vivesse as ruas, os teatros, os cafés, os clubes, as confeitarias e as inovações tecnológicas. Para Julião

*"em seu conjunto, essas representações urbanas constituíam um índice de elementos que integravam o imaginário das elites brasileiras no final do Século XIX. Eram visões que correspondiam à sensação de que se começava a viver, no País, um aventura da modernidade. Processo que trazia consigo a promessa de transformações radicais, de rompimento com os laços de uma sociedade que permanecera, até então, encastelada em moldes tradicionais. Mirando-se nos exemplos das cidades européias, tais imagens vinculavam a capital a um ambiente promotor do desenvolvimento material ininterrupto e de mudanças profundas na vida social e cultural"(1996: 50).*

---

<sup>57</sup> A represa do Quilombo foi projetada e executada pelo engenheiro Benjamin Gastai. Já o reservatório foi projetado pelo engenheiro A. Lamy e modificado pelo engenheiro F. Leivas.

A cidade deseja nesse momento imitar Paris<sup>58</sup>. Podemos dizer que ela se europeizava. Essa modernização ligada à europeização fez com que houvesse uma grande efervescência cultural. Pelotas, que fora durante muitos anos comercial e portuária, passa agora a identificar-se com a modernidade urbana. Segundo Sarlo

*"la trama urbana, fuertemente marcada por lo que Marshall Berman considera las heridas pero también los logros de la modernidad, proporciona lugares para la transición de valores diferentes y el conflicto de intereses (...) el gran teatro de una cultura compleja".(1996:187)*

Para resgatar o modernismo que surgia nas ruas de Pelotas é preciso lembrar de alguns pontos da cidade para onde fluía o movimento urbano. Os bares, as confeitarias e os cafés tornavam-se pontos de encontro, o local de troca de informações<sup>59</sup>. Liam-se jornais, discutiam-se literatura, cinema, política e até os rumos da cidade. Sabia-se de todos os "*burburinhos*" e dos acontecimentos da época.

Em Pelotas, as confeitarias e os cafés estavam localizados sobretudo no entorno da Praça da República e na Rua Quinze de Novembro<sup>60</sup> (FIGURA IV). Cumpre destacar também que o telefone contribuiu para que as novidades chegassem rapidamente, pois

<sup>58</sup> No que se refere a cultura, ao modo de vida e as inovações tecnológicas.

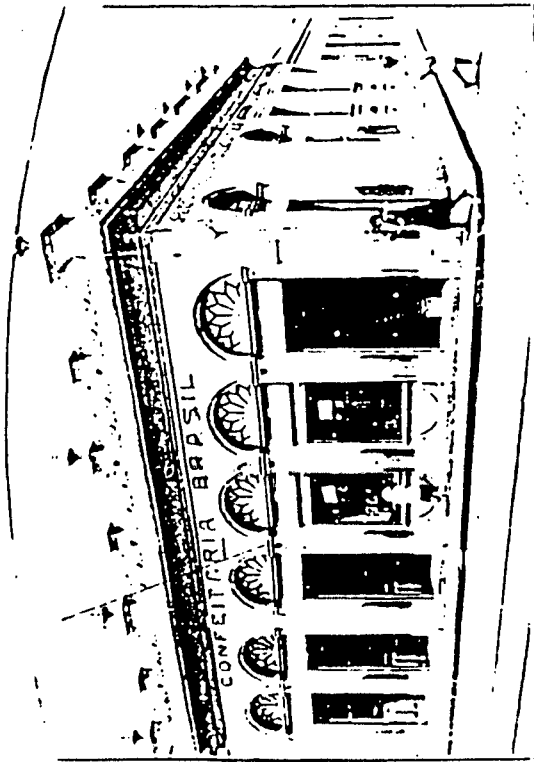
<sup>59</sup> "*O café nasceu em Paris em 1672. A cidade sempre foi lançadora de moda em todo o mundo. Originalmente essas maisons de café só ofereciam bebidas não-alcoólicas, chamadas de "licores exóticos", como o café, o chá, o chocolate, o sorvete, e eram acima de tudo frequentados pela aristocracia. (...) Pouco a pouco, o café tomou-se não só um lugar onde se bebia e comia, mas um lugar onde se praticava a magia da conversação, fosse política, literária ou outra. (...) Depois, veio o Século XIX, que seria o século do ouro do café francês*". Les cafés. In: Hotelnews, número 278 - maio/junho p. 12-14.

<sup>60</sup> Os bares e cafés, tradicionalmente freqüentados por pessoas do sexo masculino, eram o centro de muitas decisões políticas e econômicas da cidade. Existe atualmente o Café Aquário, que resistiu a todas as mudanças. É o ponto de encontro dos políticos, em cujo balcão, muita coisa ainda pode ser decidida, como, por exemplo, o futuro político da cidade. As confeitarias eram normalmente freqüentadas por senhoras ou senhoritas da elite pelotense. Lá passavam as tardes conversando, Sabia-se da moda e dos modelos usados em Paris, dos rapazes que estavam estudando em outros países e estados, falava-se de tudo um pouco. Alguns autores estudaram o modo de agir e pensar nos cafés e confeitarias.



# CONFEITARIA BRASIL

CASA FUNDADA EM 1915



Vista frontal da Confeitaria Brasil

*Confeitaria Brasil está instalada em amplo prédio, á praça da República, lugar de maior movimento na cidade.*



Vista parcial do interior da Confeitaria Brasil

*A Confeitaria está instalada com luxo e gosto a sala especial para familias, onde tem sempre variedades de finos bon-bons, licores, doces, sorvetes e gelados.*

PELOTAS - CONFEITARIA BRASIL  
RUA XV DE NOVEMBRO

Fonte: Album comemorativo de Pelotas - 1922  
Montagem: Vanda Ueda

FIGURA IV

Escala: —

tomava-se conhecimento das notícias nesses pontos de encontro e imediatamente ligava-se para quem não estava no local. A importância que o aparelho adquiriu mereceu destaque na obra de cronistas da época<sup>61</sup>.

O cotidiano urbano que, num primeiro momento, se encontrava circunscrito à área do porto, agora convergia para o centro comercial e cultural da cidade, no entorno da praça central (a Praça da República). O cronista da vida pelotense da época, Fernando Melo, inicia assim a sua novela, ambientada em Pelotas, "*Os fios telefônicos*":

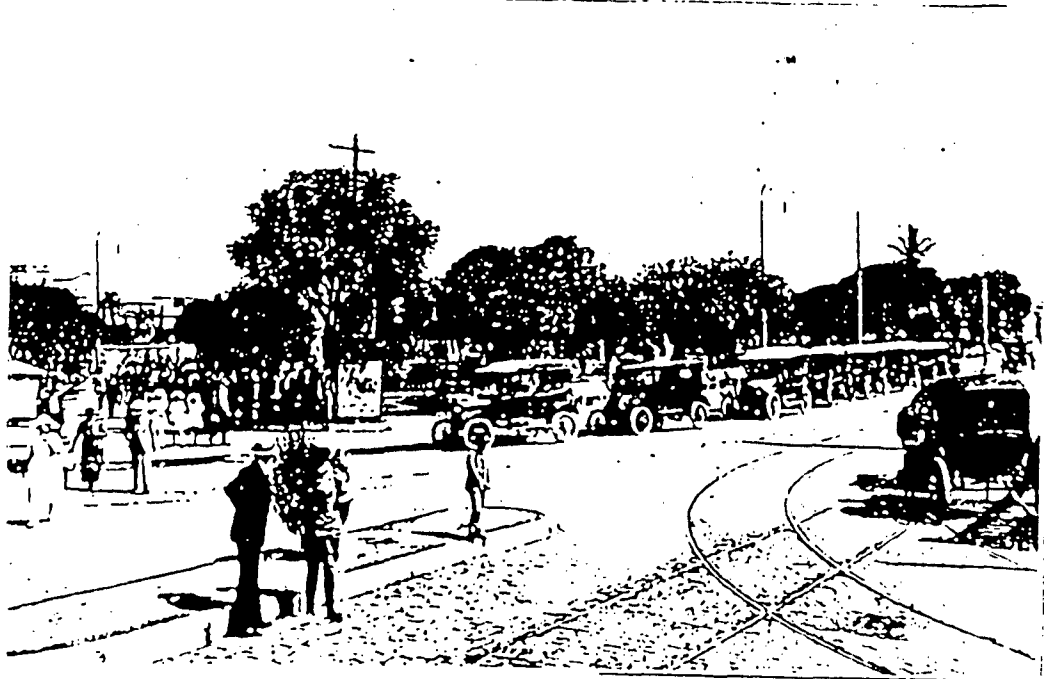
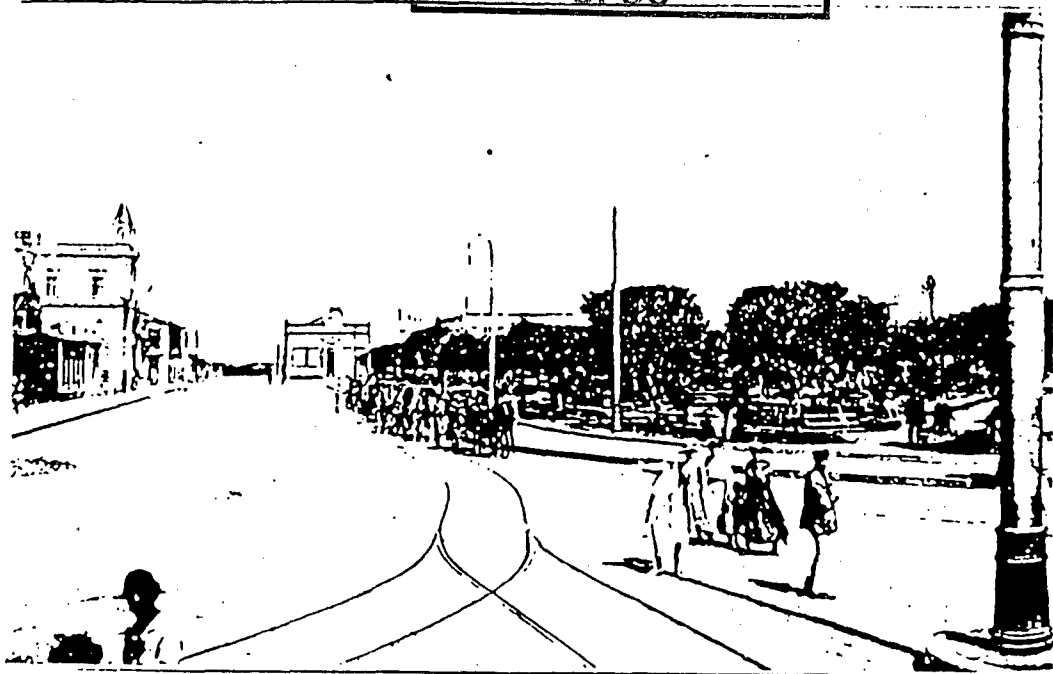
*"Aqui de cima, podeis ver como são retas e planas as ruas da pequena cidade. Aquela ruazinha estreita, no centro, é a 15 de Novembro, onde se faz o futing (sic) e onde estão localizados os cafés sempre cheios e barulhentos."*

Nesta área estavam localizados os espaços coletivos mais atraentes, os edifícios públicos (Biblioteca Pública, Prefeitura, Mercado Público etc.), os teatros (7 de Abril e Guarany), os cinemas (Ponto Chic, Polytheana), as confeitarias (Nogueira e Brasil), o Grande Hotel. Também estavam ali concentrados os serviços urbanos modernos (saneamento, bondes, iluminação etc.). Era nessa área que as elites construía suas residências, faziam seus negócios e também desfrutavam seu lazer. Justamente próximo desses espaços eram realizados os "*footings*" com elegantes senhoras, homens cultos e bem vestidos, personagens próprios da cidade de Pelotas (FIGURA V). Os modelos eram, sem dúvida, os de Paris, Londres e Rio de Janeiro. Tudo era copiado ou trazido desses grandes centros.

---

<sup>61</sup> Como na obra de Fernando Melo, "*Os Fios Telefônicos*", que ressaltou todo o cotidiano da elite pelotense através das conversas pelo telefone. Original de 1948, reeditado pela Editora da UFPel em 1996.

Biblioteca Universitária  
UFSC



PELOTAS - ASPECTOS DA PRAÇA DA REPÚBLICA  
NA DÉCADA DE 20

Fonte: Álbum comemorativo de Pelotas - 1922

FIGURA V

Escala: —

Os cinemas eram locais onde as pessoas poderiam ver o mundo sem lhes exigir qualquer participação, proporcionando liberdade ao imaginário do espectador. Julião (1996) retrata esse aspecto muito bem ao mencionar que as pessoas poderiam ver Paris e sentir-se<sup>62</sup>.

Com ares aristocráticos e europeus, Pelotas chamava a atenção dos viajantes que a conheciam. Muitos importaram-se em registrar a delicadeza e a elegância das mulheres pelotenses<sup>63</sup>. Needell aponta que

*"o bonde e as novas perspectivas que eles abriam para as mulheres no final do Século XIX revelam as oportunidades e recursos da nova era. A riqueza crescente, proveniente da expansão das importações e dos serviços urbanos, somados ao impacto da nova tecnologia europeia, permitiu o surgimento de novas experiências, requintes e complexidades, o que levou a uma metamorfose das mulheres e das expectativas a respeito delas (...) as mulheres começaram a adquirir maior refinamento e uma experiência ampliada do mundo exterior" (1993: 163).*

Em Pelotas, o resultado da busca das mulheres por novos espaços de lazer e consumo foi a criação de associações de caridade, as reuniões e chás nos clubes (Comercial, Caixeiral, Centro Português), as compras em grandes magazines, que começavam a fazer parte do cotidiano urbano.

---

<sup>62</sup> Existia na cidade vários cinemas, entre eles: o Avenida, o Tabajara, o Polyteana, o Pelotense, etc.

<sup>63</sup> Saint-Hillaire (1820), Conde d'Eu (1865), Dreys (1839), Hebert Smith (1882) entre outros. Os viajantes que por aqui passaram registraram o seguinte: que as mulheres "espanholas do novo mundo" tocam piano muito bem, falam francês, dançam bem e permitem até o galanteio de um cavalheiro, em determinadas circunstâncias eram avançadas para a época. Ver M. O. MAGALHÃES, Op. cit., parte 2.

Nesse momento Pelotas era um "berço de cultura" com escolas e faculdades, e tudo que acontecia nos grandes centros urbanos do país refletia em Pelotas<sup>64</sup>. Mario Osório Magalhães afirma que

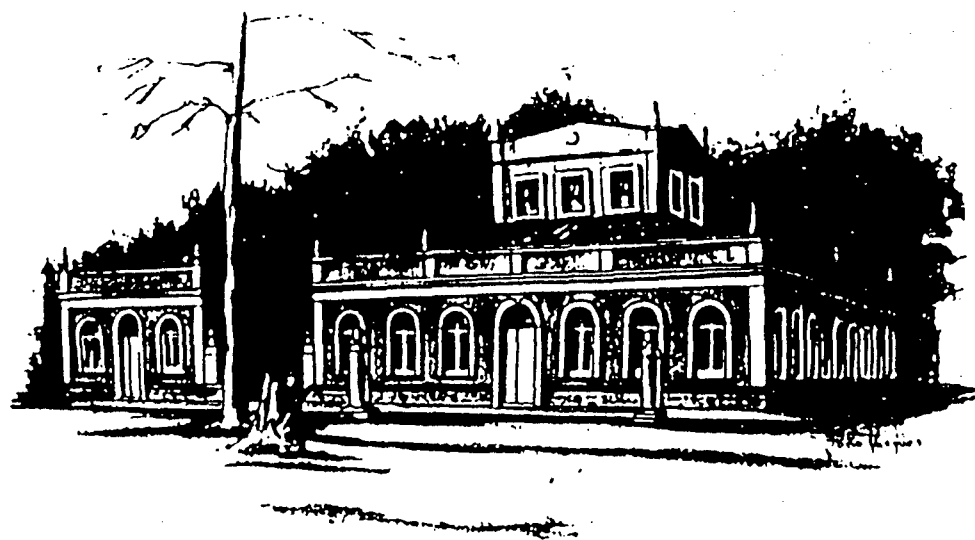
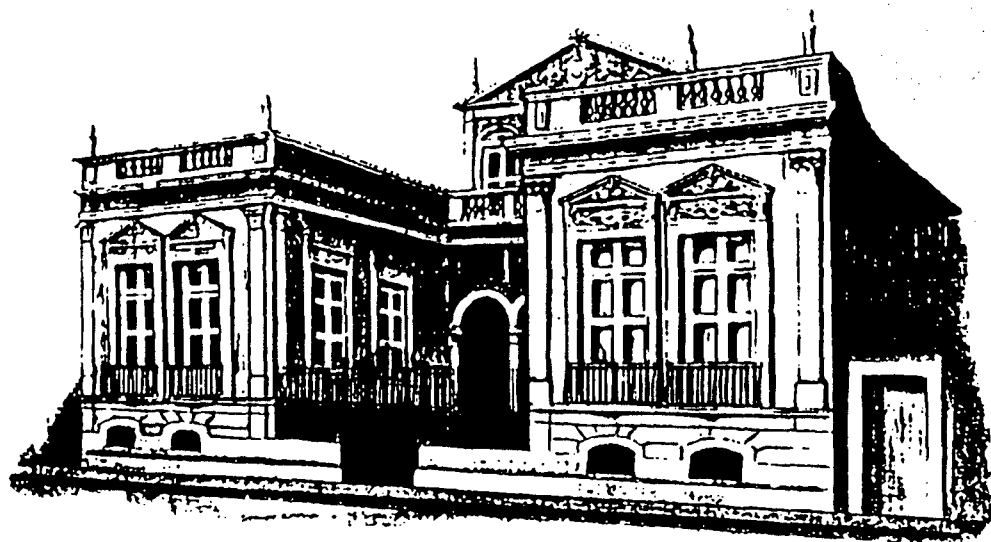
*"as companhias líricas da corte e de outras capitais do mundo chegavam a esta cidade quase que em primeira mão" (1993: 137).*

Não podemos esquecer também que as novidades advinham das viagens realizadas pelos comerciantes e industrialistas pelotenses, ou das notícias e encomendas que seus filhos enviavam por estudarem em outros centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e, até mesmo, Paris, Lisboa e Coimbra.

O ornato da cidade tinha todo o luxo da Europa; os casarões em estilo neoclássico (introduzido no Brasil após a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro) e em art-nouveau eram os preferidos das famílias (FIGURAS VI e VII). Traziam o mármore de Carrara, azulejos portugueses, torneiras inglesas, praticamente toda a decoração dos casarões era feita e aplicada por decoradores estrangeiros (franceses ou ingleses). Devemos ressaltar que em Pelotas a modernidade foi uma consequência da vinda de pessoas e exemplos de outros locais para a cidade; exemplos dos engenheiros (a maioria de outros países) e dos médicos que estudavam em Salvador e Rio de Janeiro. Estes atuavam como verdadeiros "*agentes inovadores*" na cidade de Pelotas.

---

<sup>64</sup> A primeira faculdade de Pelotas foi a de Agronomia e Veterinária (1883 - a primeira do Brasil), depois implantaram-se as faculdades de Farmácia (1911), e Direito (1912), bem como as escolas de Comércio (inaugurada em 1920, funcionava no Colégio Gonzaga - fundado em 1895) e Artes (Conservatório de Música -1919).

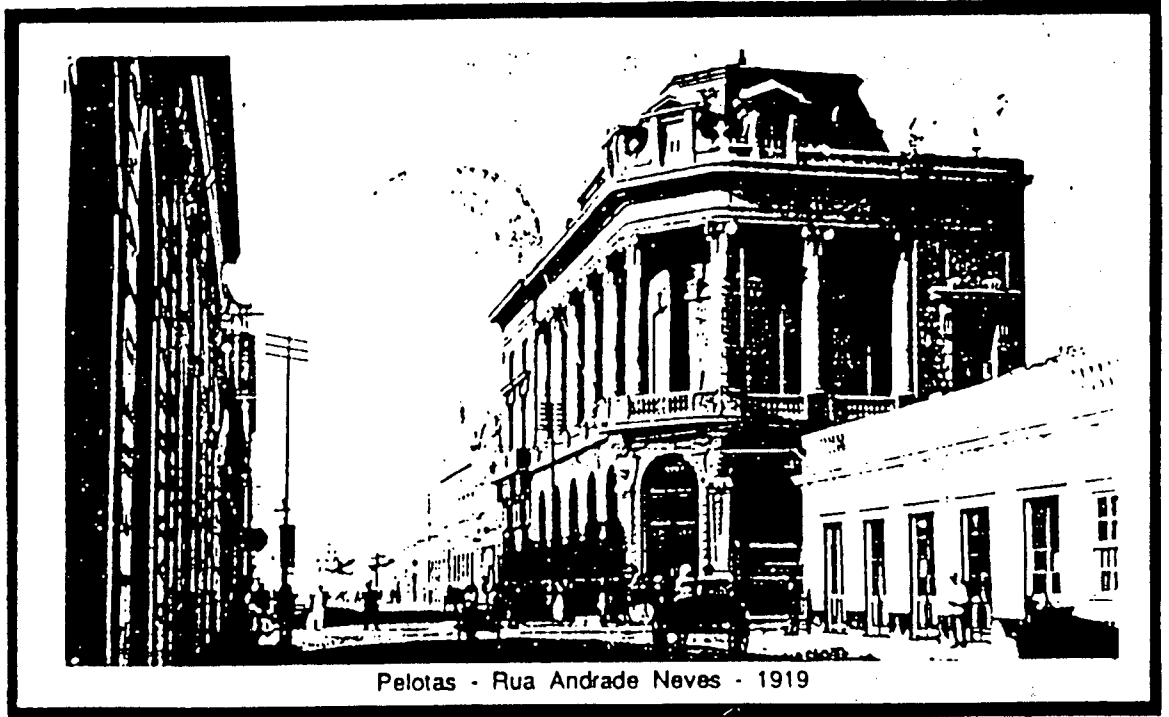


PELOTAS- CASARÕES NEOCLÁSSICO

Fonte: João Vasques (obra). Edição Nelson Nobre Magalhães - 1997

FIGURA VI

Escala: —



Pelotas - Rua Andrade Neves - 1919

PELOTAS- RUA ANDRADE NEVES - 1919

Fonte: Edição Nelson Nobre Magalhães - 1993

FIGURA VII

Escala: —

Essa influência européia que a elite pelotense "*tentava copiar*" era uma conseqüência do auge do ciclo do charque em Pelotas. Nos mais de 600 navios que entravam no seu porto por ano, as novidades iam e vinham<sup>65</sup>. Os navios que levavam o charque para outros estados, para a Europa e para os Estados Unidos, voltavam carregados de mantimentos e artigos de consumo para as famílias aristocráticas.

A maioria dos proprietários de comércio e indústria ficavam em comunicação direta com o porto da cidade por meio da linha telefônica implantada pelo jornal "*Correio Mercantil*", e comunicando-se entre si. Como importantes capitalistas, precisavam estar ligados por meio do telefone para saber das chegadas e saídas dos navios e o que cada um deles transportava. Sabemos que o abastecimento de vários produtos que vinham de outras cidades e estados e todo o escoamento da produção do charque era feito através do porto. Além disso, as novidades como louças, perfumes, livros, pratarias, panos finos também chegavam a Pelotas pelos vapores, que, para não retornar vazios, traziam as encomendas dos comerciantes locais<sup>66</sup>.

A cidade que se inspirou num modelo europeu dos casarões, das praças, dos bulevares, dos cafés e confeitarias refinadas pretendia ser a cidade ideal, onde técnica, ordem, beleza e modernidade prevalecessem.

A circulação de produtos, bens e capitais, centrada no eixo porto-centro, substituiu os antigos caminhos entre a cidade e a sua "hinterlândia", ocorrendo, assim, uma mudança espacial e funcional

---

<sup>65</sup> N. N. MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 02

<sup>66</sup> Encontramos nos jornais várias propagandas da época, nas quais os comerciantes anunciavam a relação de produtos disponíveis que recém haviam chegado através dos paquetes. Muitas vezes notamos que o comerciante justificava a falta de um determinado produto porque o paquete não havia chegado.



no espaço urbano pelotense. Num primeiro momento, a organização espacial da cidade centrava-se nas charqueadas (localizadas às margens do Arroio Pelotas e do Canal de São Gonçalo), de onde partiam todas as estradas e caminhos. Essas estradas eram as de maior movimento. Posteriormente, os fluxos se direcionaram para a área do porto, para, finalmente, concentrarem-se sobretudo no entorno da Praça da República.

Podemos concluir que os projetos inovadores traçados e adquiridos pelos planejadores eram (como não poderiam deixar de ser) puramente elitistas. E foi essa elite aristocrática, latifundiária, mas ao mesmo tempo relacionada com as mudanças do seu tempo, que mais se preocupou com a chegada da modernidade à cidade, principalmente com o telefone.

## CAPÍTULO II

### O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DA COMPANHIA TELEPHONICA "MELHORAMENTO E RESISTÊNCIA" (CTMR)

A implantação da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência aconteceu em 1919 e estava intimamente ligada a uma tentativa de integração da região de Pelotas à economia nacional e também aos interesses dos principais acionistas do Banco Pelotense.

Essa integração ao mercado nacional ocorreu num primeiro momento através da indústria saladeiril, que, entre 1860 e 1890, atingiu o auge de seu desenvolvimento e produção<sup>67</sup>. Pelotas assumiu, assim, a posição de centro econômico polarizador da zona da campanha, ao desenvolver o primeiro ramo industrial vinculado ao setor pastoril/charqueador. Uma atividade própria e quase exclusiva no cenário

---

<sup>67</sup> Segundo M. O. MAGALHÃES, op. cit. p. 81, "o charque produzido em Pelotas representava 74,9% das exportações do Rio Grande do Sul". A economia do charque tem destaque nos trabalhos de A. F. MARQUES: "ao longo do século XIX, à medida que o centro econômico se deslocava para as áreas cafeeiras das províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e sul de Minas Gerais, aí também ia aumentando o consumo de charque. Continuavam, no entanto, as vendas muito importantes, para as áreas açucareiras do Nordeste, centralizadas em Recife e Salvador" In: "A economia do charque. O charque nas artes. Culinária do Charque". Martins Livreiro, 1992, p. 19.

nacional. M. O. Magalhães (1993) salienta que a economia de Pelotas era polarizada em duas unidades que se completavam, mas cada uma com características próprias e bem definidas: de um lado a estância e de outro as charqueadas<sup>68</sup>.

A indústria local, que se caracterizava pela produção do charque, passou a diversificar sua produção (com poucos ramos). Com a chegada dos imigrantes europeus, o processo de industrialização no Rio Grande do Sul consistiu em substituir paulatinamente os artigos importados por produtos manufaturados localmente, promovendo o crescimento da indústria local (Singer, 1977).

Nesse período (final do século XIX e início do século XX), Pelotas passava por grandes transformações econômicas e sociais, quando as indústrias se modernizaram e incrementaram sua produção. Com o crescimento da indústria local, a cidade permanecia como líder da produção industrial, principal cidade escoadora da produção gaúcha, "*evidenciando uma estruturação regional do espaço na Campanha*" (Costa, 1988: 70).

A presença de uma atividade econômica forte através da industrialização reuniu capital de diversas fontes em Pelotas e Rio Grande, que constituíram a principal área industrial do sul do Estado. As duas cidades formavam um centro regional de produção e as indústrias que nelas se estabeleceram não visavam apenas ao mercado regional, mas sobretudo ao mercado nacional.

---

<sup>68</sup> Socialmente os estancieiros eram formados por chefes militares e proprietários rurais. Levavam uma vida simples e passavam a maior parte do ano cuidando da estância. As charqueadas funcionavam de novembro a abril, quando a produção era intensa. Nos períodos de entressafra os charqueadores transferiam-se para o núcleo urbano, desenvolvendo uma sociedade urbana e uma vida social comparada à dos grandes centros (Rio de Janeiro, Paris, Barcelona e Buenos Aires). Cabe salientar que cada charqueador possuía em média 80 escravos.

Segundo Milton Santos, na fase do capitalismo concorrencial as demandas sociais poderiam ser mais facilmente atendidas pelas elites locais, uma vez que as redes técnicas tinham menor alcance territorial<sup>69</sup>. A mobilização de capital para sua implantação era de menor custo e exigia menos recursos, daí a presença de muitas empresas de origem municipal na provisão das infra-estruturas urbanas. (QUADRO I)

Foi nesse contexto de expansão de capital, do advento da modernidade, das inovações tecnológicas (com as indústrias e serviços) e do crescimento do espaço urbano da cidade que surgiu a Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR).

---

<sup>69</sup> M. SANTOS. *"A Urbanização brasileira"*. Hucitec, 1993, p.102.

## QUADRO I

PELOTAS - IMPLANTAÇÃO DAS OBRAS DE INFRA-ESTRUTURAS  
E O  
CENÁRIO URBANO

Ano	Infra-estrutura	Cenário Urbano
1867	Desobstrução do canal de São Gonçalo	
1868	Telégrafo	
1871	Hydráulica Municipal	
1873	Primeira agência postal Bonds (Ferro Carril e Caës de Pelotas)	
1877	Ferrovias Rio Grande-Bagé	
1879		Clube Caixeiral
1881		Clube Comercial
1883	TELEFONE - primeira ligação particular	Faculdade de Agronomia
1901		Primeira sessão de cinema
1906		Banco Pelotense
1911		Faculdade de Farmácia
1912	Iluminação pública	Faculdade de Direito
1913	Redes de esgoto	
1915	Represa do Arroio Moreira	
1918		Conservatório de música
1919	Companhia Telefônica Melhoria-mento e Resistência - CTMR	
1920		Escola de Comércio
1921		Theatro Guarany
1925		Sociedade Rádio Pelotense
1928	Canalete da Rua Argolo	Grande Hotel

Fonte: Magalhães, N.N. Pelotas mem ória - vários números.  
Montagem: Vanda Ueda

## 1- PELOTAS E O TELEFONE: DAS PRIMEIRAS INICIATIVAS À COMPANHIA TELEPHONICA "MELHORAMENTO E RESISTÊNCIA"

As primeiras tentativas de instalação de linhas telefônicas na cidade de Pelotas datam de 1882, logo após o decreto de D. Pedro II<sup>70</sup>. Não se teve notícias do telefone na cidade até 14 de abril de 1883, quando Narciso José Ferreira & Cia solicitaram à Câmara Municipal local a concessão para implantar uma linha telefônica da sua residência, à Rua São Jerônimo, até o porto da cidade<sup>71</sup> (FIGURA VIII).

Era um momento em que a expansão e os pedidos de concessão para instalação de linhas telefônicas no Brasil caminhavam aceleradamente<sup>72</sup>. Não só em Pelotas, mas em todo o território gaúcho, a economia do charque era uma das atividades mais rendosas e lucrativas. O comércio se ampliava e se diversificava, e, levando a cidade a passar um processo de intensa urbanização, transformando-se em um núcleo de maior circulação monetária e de acumulação de riquezas.

Para os homens de negócios (charqueadores, industrialistas e comerciantes), as inovações tecnológicas (incluindo o telefone) teriam grande utilidade, pois as informações precisavam chegar rapidamente para aqueles que buscavam ampliar seus negócios e seus lucros.

---

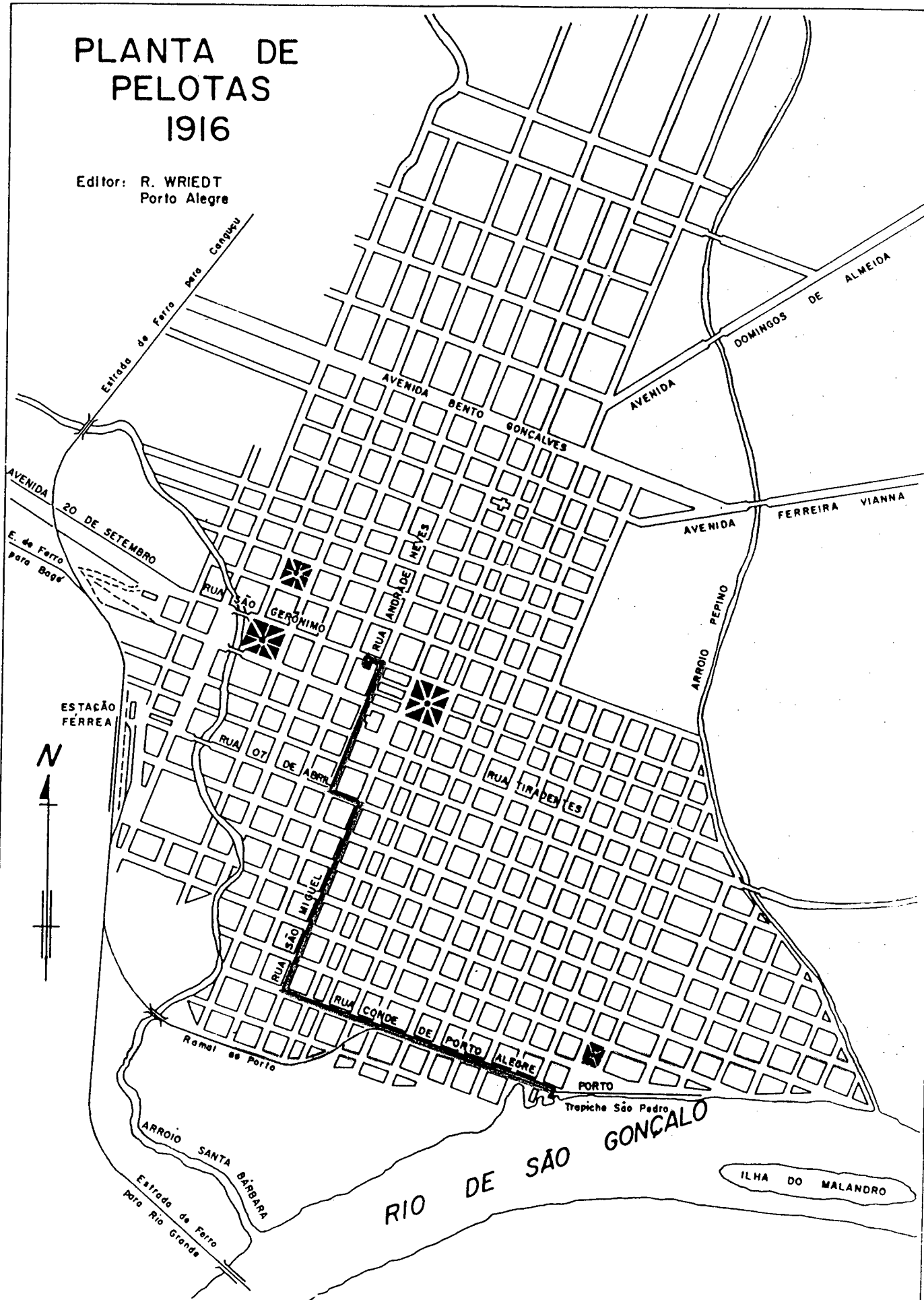
<sup>70</sup> Decreto imperial nº 8.457 de março de 1882. In: "*Collecção das leis do Imperio do Brazil de 1882. Parte I. Tomo XXIX. Vol. I, Typographia Nacional*".

<sup>71</sup> Ficando a seu cargo a colocação dos postes, a inspeção seria do engenheiro da Câmara Municipal de Pelotas. Conforme o decreto imperial nº 8453-A de 1882, que concedia permissão para exploração e construção de linhas telefônicas. Ata nº 12 da Câmara Municipal de 14 de abril de 1883.

<sup>72</sup> No jornal *Correio Mercantil* (1882 a 1884) encontramos várias notícias sobre os pedidos de instalação de linhas telefônicas que estavam ocorrendo em todo o país, principalmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia (onde os filhos da elite pelotense estudavam).

# PLANTA DE PELOTAS 1916

Editor: R. WRIEDT  
Porto Alegre



**PELOTAS - PRIMEIRA LIGAÇÃO TELEFÔNICA PARTICULAR - 1883**  
Fonte: Arquivo Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente e Correto Mercantil  
Montagem: Yanda Ueda  
Desenho: M. Seibel

**FIGURA VIII**

Escola: 1 : 10.000

Dessa forma, em junho de 1884 notificou-se a instalação de linhas telefônicas pelo Sr. Antonio Joaquim Dias - proprietário do jornal Correio Mercantil - que recebeu autorização para explorá-las<sup>73</sup>. A empresa do Correio Mercantil, em conjunto com a agência de cartas do Sr. José Dias Moreira, instalou a primeira linha telefônica de Pelotas. Ligando o centro da cidade (no caso, a Rua do Imperador, principal rua comercial da cidade) ao armazém da Companhia São Pedro, localizada no porto, às margens do Canal São Gonçalo. (Figura IX)

Por telefone chegavam todas as notícias do porto: sabia-se desde a chegada de vapores até as notícias da cidade e, principalmente, da reação e da adaptação da sociedade diante do novo aparelho<sup>74</sup>.

---

<sup>73</sup> Cabe aqui ressaltar o lado empreendedor e associativo do Sr. Antonio Joaquim Dias. Além de proprietário do jornal Correio Mercantil, teve a iniciativa de fundar a Biblioteca Pública Pelotense em 1875, sendo seu primeiro diretor, e em 1882 fundou o Asilo de Mendigos. Segundo M.O. MAGALHÃES (1993), op. cit., parte 3, "*Antonieta Cesar Dias (filha do proprietário do jornal Correio Mercantil) fora estudar medicina na cidade do Rio de Janeiro em 1884*", ficando evidente seu interesse pelo telefone. Em nota no Correio Mercantil de 12 de julho de 1884, o sr. Antonio Joaquim Dias recebeu autorização do sr. Antonio Ribeiro Chaves, proprietário da loja "*O rei dos mágicos*", situada na Rua do Ouvidor - 116 no Rio de Janeiro, para ser seu único representante no Rio Grande do Sul, explorando todos os artigos referentes à telefonia e à colocação dos aparelhos. Os fios telefônicos passariam pelos telhados de algumas casas.

<sup>74</sup> O Correio Mercantil criou uma coluna chamada "*Telephones*". Em 4 de julho de 1884 descreveu o cotidiano do porto e do centro comercial de Pelotas, com o seguinte diálogo:

" - *O Zé Trapiche diz que não entende absolutamente nada desta atrapalhada. Parece um bicho de sete cabeças.*

- *Qual cabeça, nem qual bicho homem. Isto é muito simples. Põe-se o fone na boca e o ouvido na palheta.*

- *Ah! Eu não sabia."*

Outro diálogo sobre a nova inovação foi publicado no Correio Mercantil de 9 de julho de 1884; por volta das 14 horas ligaram para o jornal fazendo a seguinte pergunta:

"- *Na época das maravilhas eu lhe pergunto:*

- *Os aparelhos também entendem francês?"*

Nos dias 23 e 24 de julho de 1884, na coluna "*Telephones*" encontramos algumas reclamações com relação às brincadeiras realizadas diante dos telefones.

"- *Continuam as brincadeiras.*

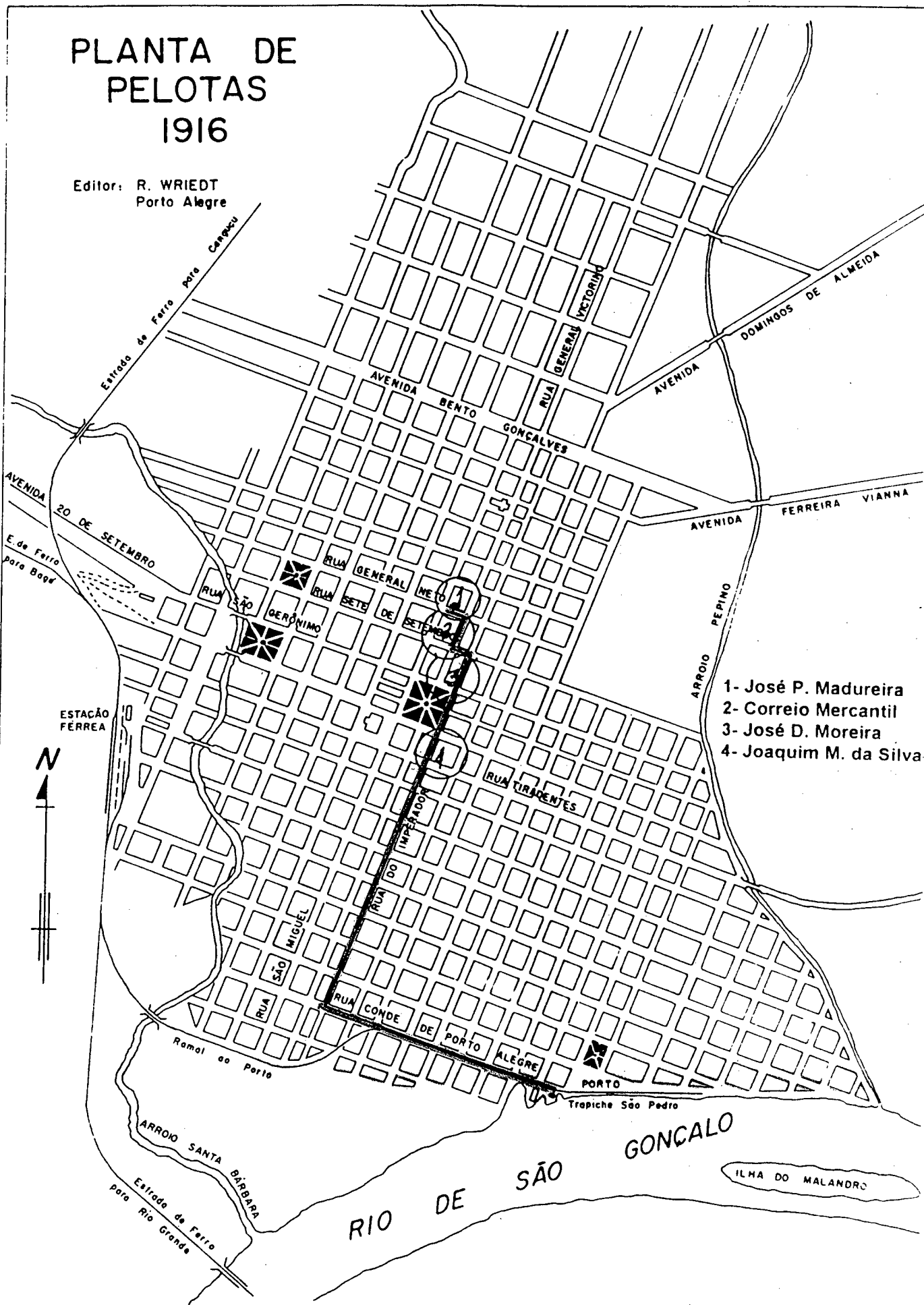
- *Agora deram em tocar tambor na palheta.*

- *Vamos pedir informações e ao autor dessas brincadeiras que pare com o tal barulho, senão imporemos a pena de rufar dia e noite".*



# PLANTA DE PELOTAS 1916

Editor: R. WRIEDT  
Porto Alegre



- 1- José P. Madureira
- 2- Correio Mercantil
- 3- José D. Moreira
- 4- Joaquim M. da Silva

PELOTAS - PRIMEIRA LINHA TELEFÔNICA - 1884

FIGURA IX

Fonte: Arquivo Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente e Correio Mercantil  
Montagem: Vando Ueda  
Desenho: M. Seibt

Escala: 1:10000

Imediatamente o novo meio de comunicação despertou o interesse de diversos profissionais pelotenses, que solicitaram a instalação de linhas telefônicas particulares<sup>75</sup> (FIGURA X). Nesse sentido, é importante e interessante saber quais as razões econômicas e sociais que levaram estes inovadores a adquirir tal empreendimento e por que se interessaram tão rapidamente pela introdução dessa inovação tecnológica. (QUADRO II)

As primeiras experiências corresponderam à expectativa dos usuários e satisfizeram plenamente seus proprietários. "*Podia-se falar perfeitamente de um ponto da linha a outro e ouvir com perfeição até mesmo o barulho do relógio que encontrava-se na sala*"<sup>76</sup>. O proprietário do Correio Mercantil tentou em diversos momentos instalar o seu centro telefônico, mas esbarrou nas pressões da direção geral do "Correios e Telégrafos" a quem, segundo legislação do governo geral, cabia a prestação desse serviço<sup>77</sup>. Mesmo com o sucesso das suas linhas o proprietário do Correio Mercantil não conseguiu a instalação. Portanto, através de interesses tão antagônicos e pessoais

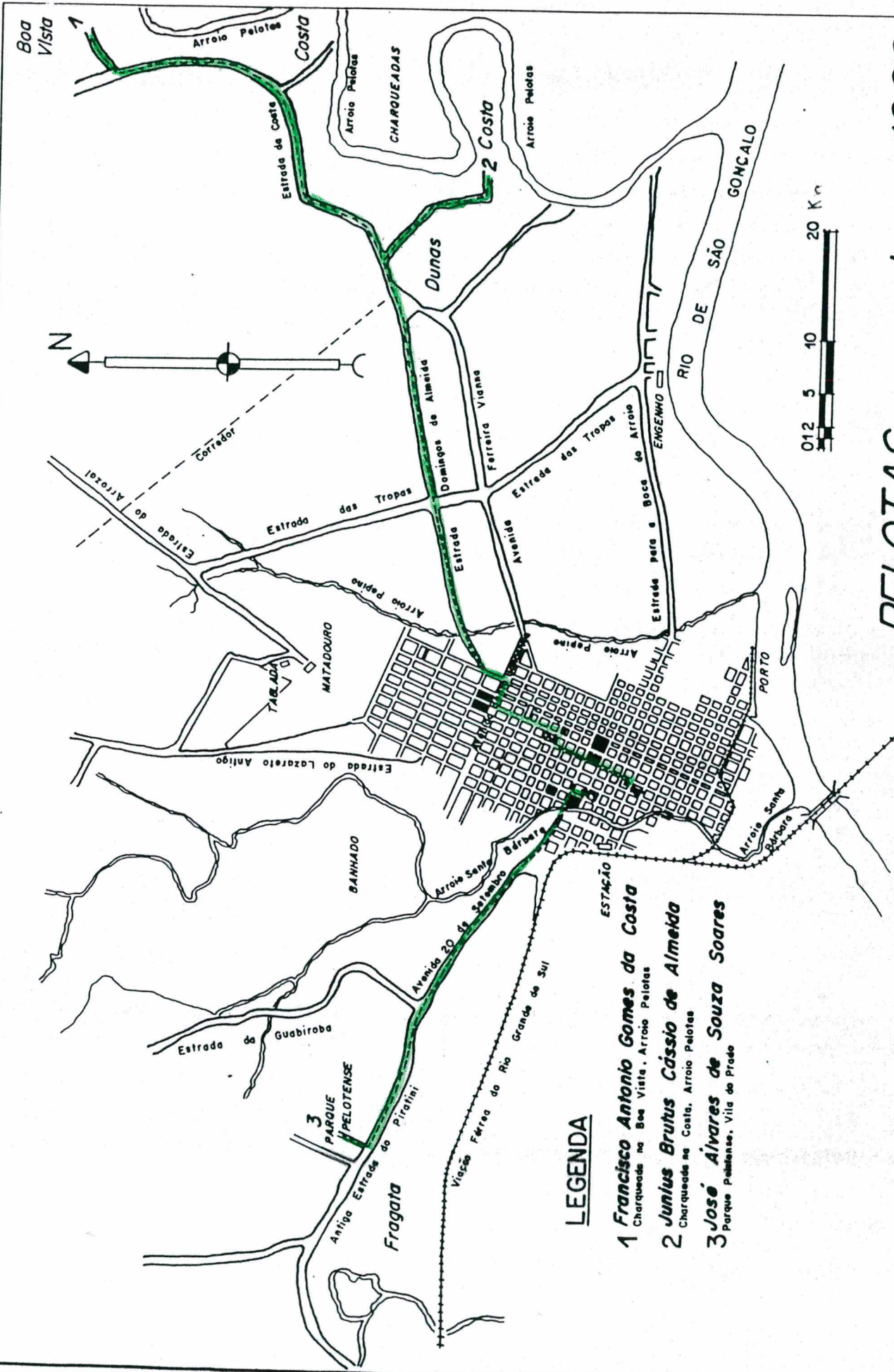
---

<sup>75</sup> Foram os casos de José Dias Moreira (proprietário da agência de cartas), José Pinto de Madureira e Joaquim Maria da Silva (agentes das companhias de navegação) e também de José Álvares de Souza Soares (proprietário de um laboratório homeopático e do Parque Pelotense). Não podemos ainda esquecer dos industrialistas/charqueadores Francisco Antonio Gomes da Costa, o Barão do Arroio Grande e Junius Brutus Cassio de Almeida, filho do senador Domingos de Almeida, que ligaram linhas telefônicas de suas residências, no núcleo urbano, às charqueadas. "*Apesar da distância entre as residências e as charqueadas, os aparelhos funcionaram perfeitamente*" (Correio Mercantil de 17 de julho de 1884). No mês de janeiro de 1885, no Correio Mercantil observamos grande anúncio onde José Álvares de Souza Soares relatava as belezas do novo aparelho e de sua importância para o seu laboratório, pois ligou-o ao Parque Pelotense, que se localizava distante da área central.

<sup>76</sup> Correio Mercantil de 14 de julho de 1884.

<sup>77</sup> Segundo o Decreto 8.453A de 11 de março de 1882. Observamos também que em algumas cidades do mundo, como Barcelona e Paris, as linhas telefônicas eram regulamentadas pela direção geral dos Correios e Telégrafos. H. CAPEL (1994). "*Estado, Administración...*", op. cit., p. 8; C. BERTHO, op. cit., p. 143 e em outra pesquisa realizada por H. CAPEL e M. TATJER. "*La organización de la red telegráfica española*", In: Ciencia e ideología en la ciudad. I Coloquio Interdepartamental, Valencia, 1991.

# PELOTAS e arredores - 1909



## LEGENDA

- 1 **Francisco Antonio Gomes da Costa**  
Charqueada na Boa Vista, Arroio Pelotas
- 2 **Junius Brutus Cássio de Almeida**  
Charqueada na Costa, Arroio Pelotas
- 3 **José Álvares de Souza Soares**  
Parque Pelotense, Vila do Prado

**PELOTAS - EXTENSÃO DE LINHAS TELEFÔNICAS PARA OS ARREDORES DA CIDADE**

Fonte: Glenda Pereira da Cruz, 1992; Ester J. B. Gutierrez, 1993; e Correio Mercantil.  
Montagem: Yanda Ueda  
Desenho: M. Seibt

**FIGURA X**

Escala: 1 : 25.000

Pelotas não conseguiu, em 1886 instalar o seu primeiro centro telefônico que auxiliaria comerciantes, charqueadores e população em geral<sup>78</sup>.

## QUADRO II

Pelotas: primeiras concessões de linhas telefônicas - 1884 a 1885

Solicitante	Trajetos: De	Para:	Ano
Antonio Joaquim Dias	Correio Mercantil Rua 7 de Setembro, 18	Companhia São Pedro-Porto	1884
José Dias Moreira	Agência de cartas Rua do Imperador	Companhia São Pedro - Porto.	1884
José Pinto de Madureira	Companhia de navegação Rua General Neto, 33	Companhia São Pedro - Porto	1884
Joaquim Maria da Silva	Companhia de navegação Rua do Imperador, 107	Companhia São Pedro - Porto	1884
Junius Brutus Cassio de Almeida	Residência Rua Voluntários da Pátria, 11 e 13	Charqueada na Costa do Arroio Pelotas	1884
Francisco Antonio Gomes da Costa	Residência Rua Andrade Neves esq. Pedro II	Charqueada na Costa do Arroio Pelotas	1884
José Alvares de Souza Soares	Laboratório Homeopático R. Santa Bárbara, 63	Parque Pelotense	1885

Fonte: Correio Mercantil -1884 a 1886.

Montagem: Vanda Ueda

<sup>78</sup> Nesse ano foram instaladas linhas telefônicas nas cidades de Porto Alegre e Rio Grande, pela "Companhia União Telephonica do Brazil". Diário de Rio Grande, 21 de agosto de 1886.

A primeira concessão telefônica privada foi ao "*Centro Telephonico Pelotense*", instalado em 1888, quando a Câmara Municipal de Pelotas concedeu ao senhor José Bernardino de Souza a permissão de instalar linhas telefônicas na cidade e no município. Uma das cláusulas da Lei Municipal nº 1678 de 13 de janeiro de 1888, que regulamentava a concessão, era a seguinte:

*"a Câmara Municipal se obriga não permitir licença a outra qualquer empresa ou particular para estabellecimento telephonico n'esta cidade durante dez anos da celebração do contrato".*

Ao colocar essa cláusula, o presidente da Câmara Municipal assegurava os interesses dos pelotenses em ter sua própria empresa telefônica, pois a companhia comandada pelo governo geral tinha o interesse em expandir seus serviços, principalmente na cidade de Pelotas, centro econômico importante no estado<sup>79</sup>. Neste sentido, ao fundar o *Centro Telephonica Pelotense* percebemos, mais uma vez, que o interesse da elite local era manter seus privilégios com relação aos projetos inovadores da época. E com o telefone não foi diferente.

Diante da concessão e do privilégio cedidos ao senhor José Bernardino de Souza, no final de 1888 voltaram a ser discutidas as cláusulas do *Centro Telephonico Pelotense*, sendo mais polêmica a que não permitia linhas telefônicas por conta do governo geral dentro do município.

---

<sup>79</sup> O presidente da Câmara Municipal de Pelotas era o Sr. Arthur Antunes Maciel, filho do Barão de Butuí. "*Estudou engenharia na Bélgica, junto com o seu irmão Eliseu Antunes Maciel e foi o inovador no cultivo de aspargos (na década de 20), trazendo a técnica de Formosa*". Z. de LEÓN. "*Pelotas, casarões contam sua história*". D. M. Hofstätter, 1994, vol. I.

Para fortalecimento da elite e preservação de seus interesses foi criado, em 1889, o "Banco Commercial Pelotense", cujos incorporadores eram o Barão de Arroio Grande, Faustino Trapaga, Pedro da Fontoura Lopes e José Bernardino de Souza (o concessionário do centro telefônico)<sup>80</sup>. (ANEXO III)

Sabemos que, no final do século XIX, o processo de industrialização passou a ter um papel importante na estruturação do espaço urbano. As indústrias buscaram áreas de maior interesse para seu desempenho produtivo. Verificou-se em Pelotas maior concentração na área do porto e ao longo da ferrovia Bagé-Rio Grande (inaugurada em 1884), que acompanhava a várzea do Arroio Santa Bárbara. O ramal que ligou a ferrovia ao porto, às margens do São Gonçalo, também abrigou ao longo do seu curso importantes estabelecimentos industriais. Essa localização, evidentemente, deu-se em função do escoamento da produção.

Com as mudanças do regime político vigente no país, instalando-se a República e posteriormente com a Constituição de 1891, que concedeu autonomia aos estados, regulamentou-se o caso dos telefones<sup>81</sup>. A nova Constituição diminuiu sensivelmente os conflitos presentes na legislação e nas desordens referentes às concessões existentes. Estabeleceu claramente as respectivas esferas de competência:

*"ficam para o governo federal os serviços interurbanos interestaduais; para o governo estadual, os serviços como os interurbanos municipais e estaduais, e para o municipal, os serviços restritos à área do município"*<sup>82</sup>.

---

<sup>80</sup> Bibliografia sobre o Banco Commercial Pelotense é escassa; pouco se sabe sobre seu funcionamento e a duração. Os principais acionistas eram os charqueadores, industriais e comerciantes segundo ata encontrada em F.OSÓRIO. "A cidade de Pelotas". Typ. Diário Popular, 1922, p. 246.

<sup>81</sup> A.M.MACULAN. "Processo decisório no setor das telecomunicações". Tese de mestrado, IUPERJ, 1981, p. 21-22.

<sup>82</sup> "Collecção das Leis do Brazil". Imprensa Nacional, 1894, p. 58.

Após as reformulações das concessões de linhas telefônicas, em 1891, a "Companhia Telephonica Rio-Grandense", em nota publicada em vários jornais de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, anunciou a sua extinção, cessando, a partir de então, a concessão do Centro Telephônico Pelotense, que explorava linhas interurbanas (em Pelotas e Rio Grande), o que não era mais permitido pela legislação<sup>83</sup>.

A partir desse momento os direitos passaram a ser da "Companhia Industrial e Construtora do Rio Grande do Sul", que prestaria serviços nas três cidades e em todo o Rio Grande do Sul. Segundo notícias da época, em 11 de abril de 1891 o sr. José Bernardino de Souza entregou ao superintendente daquela companhia sr. Demétrio Ribeiro, a direção do Centro Telephônico Pelotense.

Notícias sobre o telefone naquele período são escassas. Pelo que se viu os serviços prestados pela empresa eram de excelente qualidade<sup>84</sup>. Ficou claro também que foram as indústrias, o comércio e os prestadores de serviços os que utilizaram em maior escala o telefone.

Em 1895 a "Companhia Industrial e Construtora do Rio Grande do Sul" vendeu sua concessão das linhas telefônicas à "*Empreza União Telephonica*", cuja sede era na cidade de Pelotas<sup>85</sup>. Concedeu também o privilégio do serviço telefônico das três principais cidades do Estado (Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas) e de seus bens materiais (propriedades, material de manutenção etc.).

---

<sup>83</sup> Companhia que detinha concessão do Estado para servir as cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande e foi extinta em 1891, com a revogação da legislação de 1882. Informação no *Correio Mercantil*, Pelotas, 27 de março de 1891.

<sup>84</sup> Encontramos apenas; notícias sobre a retirada do telefone do quartel, sob alegação de que particulares estavam usando-o. Outras notícias eram sobre os postes que haviam caído devido a um temporal e sobre o "montepio das telefonistas". "*O Nacional*" de 3 de agosto de 1891, p. 3.

<sup>85</sup> Sociedade anônima de responsabilidade limitada, cuja venda foi escriturada para o Sr. Francisco de Paula Lima por 500 contos de réis. "*Correio Mercantil*" de 03 de julho de 1895.

Com o passar dos anos, a Empresa União Telephonica enfrentou uma série de crises financeiras, e seus acionistas decidiram pela fusão com a *Companhia Telefônica Riograndense*<sup>86</sup>, fundada em Porto Alegre em 1908. Essa Companhia inaugurou em 1909 a primeira estação telefônica do País a bateria central, com telefonista e serviço semi-automático e com cabos subterrâneos. Porto Alegre passou a ser a quinta cidade do mundo a adquirir tal serviço<sup>87</sup>.

Pelotas conheceu os serviços dessa companhia ainda em 1908, quando muitos proprietários da Empresa União Telephonica adquiriram os telefones da Companhia Telefônica Riograndense, de propriedade da empresa Ganzo, Durruty & Co.<sup>88</sup>. As notícias sobre essa companhia em Pelotas versam principalmente sobre os pedidos de instalação dos serviços, já que a cidade expandiu-se para vários locais. Com isso pressupõe-se que a Empresa União Telephonica não estava em condições de atender à demanda local.

Cabe lembrar que, antes da fusão, os diretores da Empresa União Telephonica apresentaram uma proposta para sanar as dívidas (ANEXO IV). Alegaram que não poderiam deixar a "Empresa" nas mãos de uma companhia que não fosse da cidade, pois ela era genuinamente

---

<sup>86</sup> No dia 01 de abril de 1908, em reunião na Associação Comercial de Pelotas, o tema da fusão foi colocado em votação entre os acionistas. Foi aprovado por 192 contra 20 votos. A Companhia Telefônica Riograndense surgiu em 1908 na cidade de Porto Alegre e não podemos confundi-la com a companhia extinta em 1891.

<sup>87</sup> L. C. DIAS. "*Réseaux d'information et réseau urbain au Brésil*", L'Harmattam, 1995, p. 38.

<sup>88</sup> No Diário Popular de 1908 (vários meses) encontramos os nomes de Romulo Gentilini, Rafael Ribeiro, Caetano Sollazzo, Raul de Azambuja, Dr. Luiz Tavares Alves Pereira, entre outros, que adquiriram telefones da "*Companhia Telefônica Riograndense*". A empresa de Juan Ganzo Fernandez instalou linhas telefônicas na cidade de Montevideu, no Uruguai. Em 1900 colocou as primeiras linhas telefônicas na cidade de Jaguarão (fronteira Brasil-Uruguai). Em 1908 fundou a Companhia Telefônica Riograndense, conhecida carinhosamente em todo o Estado como "*Companhia GANZO*" ou "*Empresa Ganzo*", que iria instalar em 1927 as primeiras linhas telefônicas na cidade de Florianópolis, capital do vizinho Estado de Santa Catarina.



pelotense, embora muitos não pudessem prescindir de um meio de comunicação eficiente, não importando qual empresa ou companhia que viesse a prestar o serviço.

A criação do Banco Pelotense e o crescimento industrial da cidade fez com que em 1912 fosse criada a primeira linha de longa distância entre Pelotas e Porto Alegre<sup>89</sup>. Ligavam-se, pois, as duas principais cidades do Estado, os dois centros polarizadores da economia regional.

Os negócios que dependiam basicamente da circulação de informações vão encontrar no telefone um meio rápido e eficiente para realizar-se. A inovação tecnológica (o telefone) cumpria o seu papel de encurtar distâncias e unir diferentes pontos do território.

## 2-A ELITE PELOTENSE E A "MELHORAMENTO E RESISTÊNCIA"

A elite local teve papel importante no processo de implantação da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR). A companhia nasceu em 1919, por exigência da elite pelotense ligada aos principais setores econômicos (comercial, bancário e industrial). Os investimentos em linhas telefônicas visavam aos interesses de pequeno número de pessoas que se beneficiaram com tal inovação. O telefone fortaleceria o comércio, a integração das indústrias no mercado regional e no nascente mercado nacional e principalmente o Banco

---

<sup>89</sup> EMBRATEL. "*Pequena cronologia das telecomunicações*", 1983, p. 04.

Pelotense que, naquele momento, expandia-se por todo o Rio Grande do Sul e para outros estados<sup>90</sup>.

Quando a elite local não conseguiu impor-se no cenário nacional por suas funções produtivas (charque e derivados), começou a criar mecanismos (constituir um Banco com capital próprio e uma companhia telefônica) para o fortalecimento da economia regional e, principalmente, local, visando a atender puramente seus interesses. Pesavento salienta que:

*"socialmente, a classe dominante local, pecuarista, dispunha do aparelhamento estatal e exercia seu esquema de dominação política regionalmente, sem, contudo, poder impor a nível nacional seus interesses próprios. Vinculada a uma economia subsidiária à economia brasileira de exportação, apresentava-se como setor subordinado de uma classe dominante agrária nacional" (1980: 21).*

Para entender o papel da elite pelotense no processo de implantação da CTMR, trabalhamos de forma pluridisciplinar, partindo do pressuposto de que as *"teorias não são produtos prontos e acabados, portanto estão sempre abertas as críticas e novas indagações"* (Minella, 1986: 11-22). No decorrer da exposição introduziremos conceitos e noções que ajudarão o entendimento desta problemática.

Podemos, inicialmente, caracterizar a sociedade pelotense no período estudado, como sociedade dependente economicamente de outros centros do país e que buscou alternativas para o crescimento econômico dos seus principais setores (indústrias derivadas do charque, comércio e serviços).

---

<sup>90</sup> Criado em 1906, e dirigido pelo Cel. Alberto Rosa, o Banco Pelotense teve suas filiais espalhadas por quase todo o Rio Grande do Sul e expandiu-se principalmente para o Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais.

Na implantação de um sistema de telefonia eficiente em Pelotas percebemos "que uma pequena minoria decidiu pela maioria sobre como enfrentar os problemas" (Abbagnano, 1982:292). Esta forma de controle adotada pela minoria detentora do poder foi descrita por Bobbio no "Dicionário de Política", em seu verbete sobre a Teoria das Elites:

*"Por Teoria das Elites, se entende a teoria segundo a qual, em toda sociedade, existe, sempre e apenas, uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder, em contraposição a uma maioria que dele está privado". (1992, v.1:385)*

Desse modo, a teoria das elites nasceu e se desenvolveu com uma clara relação entre todas as formas de poder (econômico, ideológico e político). Salienta que, em cada sociedade, o poder político, econômico e ideológico está nas mãos da minoria, pertencendo sempre a um grupo restrito de pessoas que podem tomar e impor decisões válidas para todos os membros da sociedade. Needell (1993) mostra claramente que, durante o Império, a sociedade brasileira era dividida entre senhores e escravos. Era caracterizada por dois estratos: um muito poderoso e rico (fazendeiros e comerciantes brancos) e outro muito mais numeroso, formado por negros ou escravos libertos, meeiros, trabalhadores urbanos e pequenos sitiantes.

Na cidade de Pelotas, a elite minoritária de charqueadores, políticos, industriais, comerciantes e profissionais liberais desenvolveu estratégias para assegurar os seus interesses (econômicos, políticos e ideológicos)<sup>91</sup>. Isto significa afirmar que em toda sociedade ou cidade existe um número restrito de pessoas que a dirige formando uma "classe

---

<sup>91</sup> Como foi a decisão dos diretores da Associação Comercial de Pelotas e de alguns acionistas do Banco Pelotense, lá representada pelo Coronel Alberto Rosa, cujos interesses políticos e econômicos ficaram evidentes na fundação da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR).

política", que faz suas próprias leis segundo seus próprios interesses.

Mosca apud Bobbio insiste que:

*"a classe política encontra sua própria força no fato de ser 'organizada', entendendo por organização, tanto o conjunto de relações de interesse que induzem os membros da classe política a coligarem-se entre si e a constituírem um grupo homogêneo e solidário contra a mais numerosa, dividida, desarticulada, dispersa e desagregada classe dirigida (...) a teoria da classe política é habitualmente também chamada de teoria da minoria organizada."*  
(1992:385-386)

A partir do momento que a elite pelotense se organizou, ela criou mecanismos próprios capazes de legitimar seus interesses para alcançar o que desejava. Nesse acesso diferenciado de bens e valores criaram organizações, associações, clubes (o Comercial, o Centro Português e o Caixeiral) e instituições para exercer o seu poder<sup>92</sup>. A época de criação da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência era um momento em que também criaram-se outras instituições<sup>93</sup>.

<sup>92</sup> Podemos citar a criação dos clubes sociais e associações, principalmente as de caridade, como a Santa Casa (1846), a Beneficência Portuguesa (1857), o Asilo de Órfãos (1855), o Asilo de Mendigos (1882) entre outras. O Clube Comercial foi fundado em 17 de agosto de 1881, e sua primeira diretoria foi composta por: Francisco Alsina, Antônio Francisco da Rocha, Ismael Maia, Leopoldo Jouclá, H. Liennert, Joaquim Pinto da Rocha, Eduardo Schanmam, Vicente dos Santos Júnior, José Torres Crehuet, Eduardo da Silva Carvalho, José Diogo Brochado, José Joaquim Freitas, Albino G. Borges, João dos Santos Silva e Ramon Trápaga. O Clube localizava-se na Rua do Comércio. Localizado na Praça da República, o Clube Caixeiral foi fundado em 8 de dezembro de 1879. Segundo F. OSÓRIO (1922), op. cit., p. 213 *"foi a primeira conquista liberal do caixeiro pelotense, pois foi nesse dia que entrou em execução o convênio, entre proprietários de casa comerciais, sobre o fechamento das portas aos domingos e dias santificados"* ficando evidentes os interesses da elite.

<sup>93</sup> O Bispado de Pelotas (Diocese) data de 1910. Temos também a criação de várias associações "beneméritas" (como, por exemplo, as Damas de Caridade, em 1907) que prestavam serviços aos necessitados.

Segundo Mills apud Bobbio,

*"a 'elite no poder' é composta por aqueles que ocupam posições-chaves nos três setores: da economia, do exército e da política. Estes constituem uma elite no poder, porque, contrariamente ao que parece ou se faz crer, estão ligados uns aos outros por razões sociais, familiares, sustentam-se e se reforçam uns aos outros, tendem sempre mais a concentrar os seus instrumentos de poder em instituições centralizadas e interdependentes"* (1992: 388).

A gênese da elite pelotense data dos primórdios do Século XIX, com a acumulação de riquezas proporcionada pela atividade saladeiril, que foi baseada no trabalho escravo. Os estancieiros e charqueadores eram detentores do poder local, muitos deles eram homens letrados e políticos influentes<sup>94</sup>.

Bottomore (1985) acrescenta que o termo elite pode ser aplicado aos grupos de funcionários que possuem "*status*" elevados numa sociedade, como os empresários, intelectuais e altos funcionários públicos<sup>95</sup>.

Quando a elite pelotense se sentiu ameaçada em seu projeto de dominação (na expansão do Banco Pelotense) e pelo "deficiente" serviço prestado pela *Companhia Telefônica Riograndense*, ela procurou estabelecer bases sólidas com estratégias e ações que pudessem preservar seus interesses<sup>96</sup>.

Desse modo, a Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência manteve uma estratégia na qual a elite (comercial, política, industrial e bancária) deteve o poder de direção da sua empresa telefônica. Esta estratégia estava relacionada com o que caracterizava

<sup>94</sup> E. ARRIADA. op. cit., p. 64.

<sup>95</sup> O mesmo termo é empregado também por MOSCA. Para saber mais deste trabalho de BOTTOMORE, ler "*As elites e a sociedade*". Zahar Ed., 1985, vol. I e II.

<sup>96</sup> "Deficiente" para os interesses da elite pelotense naquele momento.

as elites em geral: o fato de elas representarem o poder, auto denominando-se "parte esclarecida" da população. Representaram ou exerceram, assim, um tipo de poder e de ascensão social que os diferenciaram do restante da população<sup>97</sup>.

### 3- A COMPANHIA TELEPHONICA "MELHORAMENTO E RESISTÊNCIA": DA ORIGEM DO CAPITAL À INCORPORAÇÃO DA EMPRESA

Para sabermos a origem do capital inicial no processo de fundação da CTMR, foi preciso avançar na compreensão da elite pelotense e suas estratégias de organização. Tal situação impunha uma "rede" de dependência entre o desenvolvimento local (indústria e comércio) e a expansão do Banco Pelotense no Estado.

Pelotas, que no final do século XIX e início do século XX seguia o ritmo e o modelo europeu de modernidade, exigiu que sua indústria suprisse os artigos e produtos importados.

No processo inicial de industrialização da cidade predominavam produtos derivados do setor pastoril/charqueador que utilizavam matérias-primas oriundas da atividade principal de exportação<sup>98</sup>.

---

<sup>97</sup> J. P. TEIXEIRA . *"Os donos do poder"*, Editora Insular, 1996, p. 102-104, afirma que *"os membros das elites locais são chamados ou reconhecidos pelo nome, por pertencerem às famílias distintas e tradicionais (históricas) na cidade, diferente do restante da população, constituída por estranhos, por cidadãos anônimos"*. Ainda hoje na cidade a elite local é reconhecida por nome e sobrenome.

<sup>98</sup> Os produtos derivados do setor pastoril/charqueador eram: sabões, velas de estearina, glicerina, sabonetes, botões, pentes e objetos diversos. A.F. MARQUES esquematizou os produtos derivados do charque em diferentes fases das charqueadas. In: *"Evolução das charqueadas rio-grandenses"*. Martins Livreiro, 1990. p. 81-82.

Na virada do século, a cidade possuía grandes estabelecimentos industriais, mas em poucos ramos, ligados principalmente às atividades de tecelagem, conservas alimentícias, moinhos e curtumes<sup>99</sup>. (QUADRO III).

No relatório da Intendência de 1910, percebemos que a cidade contava 188 fábricas. Já em 1919 há um aumento, totalizando 238. Na área urbana existiam 185 e na zona rural 53 fábricas (principalmente as relacionadas com curtimento do couro, moinhos - beneficiamento de farinhas, produção de pães e bolachas e as olarias)<sup>100</sup>.

---

<sup>99</sup> Em 1897 Pelotas contava com 8 fábricas de cerveja, 1 fábrica de sabonetes, 21 curtumes, 5 fábricas de beneficiar fumo, 5 fábricas de massas alimentícias, 1 fábrica de óleos, 1 fábrica de camisas, 1 fábrica de chocolate. Para saber mais sobre a indústria na cidade ver A. VARELA. *"Rio Grande do Sul, descrição physica, histórica e economica"*. Livraria Universal, 1897, p. 461 a 478.

<sup>100</sup> A. C. CUNHA. Relatório apresentado ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1919, pelo intendente engenheiro Cypriano Corrêa Barcellos.

## QUADRO III

Pelotas: principais indústrias (final do século XIX e início do século XX)

Nome da empresa	Produtos	Nome(s) do (s) proprietário(s)	Endereço	Ano de fundação
F.C. Lang	velas-sabão-sabonetes	F.C. Lang	Rua Gonçalves Chaves, 1158	1864
Curtume a Vapor Gomes Silva & Cia	couros em geral e solas de sapatos.	Gomes Silva & Cia	R. Gen. Victorino, 1161	1867
Fábrica de chapéus Pelotense	chapéus	Francisco Rheingantz	Praça da Constituição, 186	1881
Companhia Cervejaria Ritter	cervejas de várias marcas	F. Carlos Ritter	Praça Cipriano Barcellos, 102	1880
Fábrica de velas e sabão	velas e sabão	Roberto Neumann	R. Gen. Victorino, 261	1887
Cervejaria Sul Rio-Grandense	cervejas	Leopoldo Haertel	R. Conde de Porto Alegre, 56	1889
Fábrica Aliança	conservas em geral (peixes, frutas, legumes etc.)	Antonio Leivas Leite, Emílio Nunes e A. C. Nunes de Souza	Margem direita do arroio Santa Bárbara	1906
Fábrica de Fiação e Tecidos Pelotense	tecidos de algodão	Alberto Rosa, Plotino Duarte e Artur Rios	R. Moreira César, 52 - Porto	1908

Fonte: OSÓRIO, F. "A cidade de Pelotas" e "Álbum comemorativo da cidade de Pelotas"-1922.

Montagem: Vanda Ueda



A origem do capital industrial pelotense estava vinculada ao circuito de acumulação da pecuária tradicional da zona da campanha gaúcha (Pesavento, 1985). Como centro polarizador da indústria do charque, Pelotas foi também o centro de acumulação de capital mercantil oriundo da circulação dos produtos da campanha que tinham na cidade o seu local de comercialização e exportação. Essa acumulação de riquezas e a presença de uma elite consumidora atraiu para a cidade capital de "burgueses imigrantes" que nela instalaram suas fábricas<sup>101</sup>. Baseadas no trabalho escravo, também as charqueadas possibilitaram a acumulação de capital em Pelotas, mas estavam inseridas em uma crise econômica no final do século XIX, como toda a economia escravista no Brasil. Então, parte do capital acumulado nas charqueadas deslocou-se para o meio urbano quando se configurou a crise da indústria saladeiril (tal como ocorreu em outras economias regionais<sup>102</sup>). Saliente-se que entre os acionistas da CTMR havia um grande número de estancieiros e charqueadores, que

---

<sup>101</sup> "Burgueses imigrantes" termo utilizado por S. J. PESAVENTO. In: *"História da indústria sul-riograndense"*, RIOCELL, 1985. Destacamos como burgueses imigrantes nomes como Lang, Ritter, Gentilini, Echenique, Lhullier, Neumann entre outros. Considerando que esses burgueses imigrantes seguiram o *"comportamento das correntes migratórias havidas no Brasil desde o século XIX, podemos distinguir três fases: a primeira fase de 1808 a 1850; a segunda, de 1850 a 1930; a terceira, desde 1930 até a atualidade. (...) A primeira fase é marcada pela lei de D. João VI que permitia aos estrangeiros serem proprietários de terras. (...) A segunda fase foi a de maior entrada de imigrantes, principalmente entre 1888 e 1920, a maioria para realizar trabalhos rurais e mais tarde se deslocaram para as cidades, onde se converteram em mão-de-obra assalariada para as indústrias. (...) A terceira fase (de 1930 até hoje) se caracterizou e caracteriza pela política migratória brasileira"*. L.O. MACHADO. *"Brasil II - recursos y regiones"*. Ediciones Anaya, 1988, p. 34-38.

<sup>102</sup> Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, a elite carioca deslocou seus investimentos do meio rural para o urbano, dando origem ao capital imobiliário. In: L. C. Q. RIBEIRO *"Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia da cidade do Rio de Janeiro"*, Civilização Brasileira, 1997 parte II, cap. 6, p. 196-248. Temos também o exemplo da cidade de Campinas, onde a elite cafeeira modelou o espaço urbano, promovendo a valorização da cidade. R.de S. C. BADARÓ. *"Campinas: o despontar da modernidade"*. Área de Publicação CMU/UNICAMP, 1996, p. 33-36.

também eram acionistas do Banco Pelotense<sup>103</sup>.

O perfil industrial pelotense diferiu bastante do predominante na capital do Estado. Enquanto Pelotas, situada numa região escravista e latifundiária (possuindo, portanto, restrito mercado consumidor), produzia poucos gêneros, a maioria ligada ao setor do charque, Porto Alegre diversificou sua produção para atender às áreas de pequena propriedade familiar da colônia (Singer, 1977). Pesavento (1985) salienta que nessa economia regional se acumularam capitais que foram investidos na indústria, podendo-se distinguir três instâncias de comerciantes: os comerciantes rurais, os dos núcleos urbanos da colônia e os grandes comerciantes da capital<sup>104</sup>.

Nesse sentido, o surgimento de estabelecimentos industriais foi uma das formas encontradas pelos comerciantes para diversificar seu capital. Conforme observamos, em Porto Alegre houve muito maior possibilidade de diversificação, dada a variedade de capital presente na cidade e na sua hinterlândia, muito mais complexa na sua formação do que a pelotense.

Todavia, a imigração proporcionou a presença dos agentes inovadores, os quais trouxeram de cada país de origem o capital e a experiência técnica e profissional. A visão empreendedora fez com que esses "promotores" de tecnologia criassem um projeto de modernização. Legitimaram seu discurso com a presença de novos produtos, investindo e criando novas escolas para que fossem realizadas pesquisas visando à melhoria das mercadorias ofertadas, ao atendimento de novas demandas e à sua aceitação por parte do público<sup>105</sup>.

---

<sup>103</sup> Segundo S.J. *PESAVENTO*, o Banco Pelotense participou de alguns investimentos industriais (por exemplo, na Cia. de Fumos Santa Cruz, em 1919), mas teve sua atuação mais voltada para a pecuária, op. cit. p. 33-38.

<sup>104</sup> S.J. *PESAVENTO*, *idem*. p. 29-30.

<sup>105</sup> Apesar de analisar as inovações tecnológicas na sociedade atual, V. SCARDIGLI

Em Pelotas, convém citar o caso das fábricas de Lang, Rheingantz, Ritter e Haertel, que incorporaram ao espaço urbano novas tecnologias de produção para atender seu mercado consumidor.

Naquele momento (início do século XX), a economia brasileira se articulava em torno dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, que se apresentavam como pólos centralizadores pela presença da cafeicultura, consolidando nacionalmente a hegemonia destes dois centros (QUADRO IV ). Tal fator não impediu, até os anos trinta, o desenvolvimento industrial nas mais diversas regiões do País.

#### QUADRO IV

Pelotas: evolução da economia em relação ao Rio Grande do Sul e ao Brasil (de 1800 a 1930)

Período	1800-1850	1850-1900	1900-1930
Região			
Economia brasileira	açúcar café	borracha açúcar café	industrialização café
Economia do Rio Grande do Sul	charque pecuária lavoura	charque pecuária lavoura	lavoura pecuária/charque industrialização
Economia de Pelotas	charque pecuária	charque pecuária industrialização	industrialização charque

Fonte: CARRION JR, F. M. "RS: Política Econômica & Alternativas, 1981 e PESAVENTO, S.J. História da indústria sul-riograndense, 1985.

Montagem: Vanda Ueda

afirma que esse discurso modernizador atua diretamente no cotidiano das pessoas. In: "Les sens de la technique". PUF, 1992.

Com o desenvolvimento industrial, a organização espacial da cidade de Pelotas sofreu grandes transformações. As indústrias buscaram novos espaços para sua localização e realização de suas funções. Levaram em consideração a proximidade dos eixos e das linhas de transporte, como o porto e ferrovia.

Alguns fatos marcantes que alteraram a estrutura e o desenvolvimento urbano da cidade merecem ser destacados: a construção da ferrovia Rio Grande-Bagé, com um terminal ferroviário ligando ao porto, a substituição dos bondes de tração animal pelos elétricos (1915), a criação da companhia de força e luz (1912), dos serviços de esgotos (1913), além da criação de várias associações formando uma rede e, principalmente, a fundação do Banco Pelotense (1906).

Neste sentido, a abolição da escravatura<sup>106</sup>, a proclamação da República e, principalmente, a expulsão da mão-de-obra escrava das estâncias e das lavouras de pequenos proprietários proporcionou aumento da população na cidade<sup>107</sup>. Houve também um incipiente progresso técnico nas charqueadas que passaram a poupar força de trabalho, requisitada somente nos períodos de safra, em atividade sazonal.

---

<sup>106</sup> A abolição "formal" da escravatura em Pelotas aconteceu em 16 de outubro de 1884, quatro anos antes da Lei Áurea. Segundo F. H. CARDOSO, em seu livro *"Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional"*, Paz e Terra, 1977, nos capítulos IV e V, a abolição da escravatura em Pelotas aconteceu antes devido à decadência da produção do charque na região e à concorrência do charque do Rio do Prata. Com isso os charqueadores não precisavam mais da mão-de-obra escrava, porque o negro que trabalhava de novembro a abril ficava o resto dos meses ocioso. Isto impulsionaria a imigração no Estado e no Município. Os imigrantes impulsionariam a indústria na região.

<sup>107</sup> Segundo G. P. CRUZ, nos arredores da cidade existiam pequenas propriedades (chácaras) cuja mão-de-obra eram os escravos e membros da família; com a abolição da escravatura se vêem obrigados a dispensar os escravos, situação que os empurra para o núcleo urbano. In: *"Pelotas espaço construído no início da República"*. Editora da Universidade/UFRGS, 1992, p.114.

Foi nesse contexto de expansão de capital, de inovações tecnológicas (através das indústrias e serviços) e de crescimento urbano que surgiu a Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência<sup>108</sup>.

O capital incorporador da CTMR originou-se principalmente dos comerciantes (sócios da Associação Comercial<sup>109</sup>), dos charqueadores, das indústrias e do setor bancário. Descontentes com os serviços prestados pela empresa de telefonia existente na cidade e (principalmente) com a constante elevação das tarifas, os principais sócios da Associação Comercial resolveram, após várias reuniões, fundar sua própria companhia telefônica, formada a partir de "*capital pelotense*".

Segundo o "Diário Popular", aquele descontentamento vinha desde agosto de 1917, quando ocorreram várias reuniões com o proprietário da Companhia Telefônica Riograndense<sup>110</sup>. Em dezembro de 1918, a Companhia Telefônica Riograndense distribuiu circular para seus assinantes com nova tabela de preços, causando grande repercussão entre os comerciantes da cidade. Imediatamente a Associação Comercial convocou uma reunião para solucionar tais problemas.

---

<sup>108</sup> Segundo relatório da Intendência municipal de 1918, Pelotas possuía 238 fábricas, 483 oficinas e 1104 casas comerciais a varejo.

<sup>109</sup> A Associação Comercial foi fundada a 7 de setembro de 1873, por um grupo de comerciantes e industrialistas, tendo como seu primeiro presidente o Barão de Jarau - Joaquim José de Assumpção.

<sup>110</sup> Tratava-se do Coronel Juan Ganzo Fernandez, com o qual tentaram várias vezes solucionar os problemas. As reuniões encerravam sempre com a promessa de melhoria dos serviços, o que nunca ocorria. Diário Popular de 02 de agosto de 1917. Fundado em 1890, este jornal continua em circulação até hoje.

Em reunião na Associação Comercial, o Coronel Alberto Rosa, diretor do Banco Pelotense, afirmou que a única solução para melhorar os serviços telefônicos da cidade era fundar sua própria companhia telefônica com capital pelotense<sup>111</sup>.

A Associação Comercial de Pelotas, por meio de seus sócios, seria a principal incorporadora da nova companhia telefônica<sup>112</sup>.

Assim, nasceu a Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência, cujos objetivos eram: *"melhorar os serviços e resistir ao capital estrangeiro"*. (ANEXO V)

O processo de implantação da CTMR seguiu a legislação das sociedades anônimas e aconteceu rapidamente. Em menos de um mês a Associação Comercial de Pelotas declarou ter depositado no Banco do Brasil a importância de quarenta contos de réis, correspondente a dez por cento do capital declarado<sup>113</sup>. (ANEXOS VI e VII).

É interessante observar que os acionistas eram empresários, para os quais a nova companhia telefônica e o Banco Pelotense trariam

---

<sup>111</sup> A reunião aconteceu no dia 31 de dezembro de 1918, às 19 horas. Os interesses comerciais, industriais e bancários tornaram-se evidentes, principalmente com a expansão do Banco Pelotense por todo o Rio Grande do Sul, atingindo também os grandes centros urbanos como a capital da República. Observamos que, para manter seus interesses, os associados se articularam rapidamente e na véspera da passagem do ano. A convocação para a reunião foi publicada no Diário Popular do dia 31 de dezembro de 1918, página 02.

<sup>112</sup> Ficou a cargo do Sr. Bruno de Mendonça Lima, advogado da Associação Comercial e um dos fundadores da Faculdade de Direito de Pelotas (até hoje conhecida como "a casa de Bruno de Mendonça Lima"), a redação dos estatutos da nova entidade e de todos os documentos necessários para a fundação da nova sociedade anônima.

<sup>113</sup> O capital social foi de quatrocentos contos de réis, representado por duas mil ações de duzentos mil réis, todas nominativas. Os estatutos não permitiam dividendos superiores a 6% ao ano, e os lucros seriam aplicados na expansão e no melhoramento da rede telefônica. Chamou-nos atenção que os depósitos para a incorporação da CTMR foram realizados no Banco do Brasil e não no Banco Pelotense. Não se sabe os motivos.

grandes benefícios para seus negócios. Precisavam, portanto, de um serviço eficiente, para reduzir as distâncias e ter maior lucratividade nos seus empreendimentos.

Nesse contexto, é necessário esclarecer que interesses econômicos, sociais e políticos presidiram a implantação da CTMR. No capítulo seguinte, procuraremos esclarecer quais foram os agentes inovadores e como se deu a expansão do telefone em Pelotas.

### CAPÍTULO III

#### A EXPANSÃO DA COMPANHIA TELEPHONICA "MELHORAMENTO E RESISTÊNCIA" E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM PELOTAS

Fundada em 20 de março de 1919, a Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência pretendia explorar a indústria telefônica na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul e onde mais lhe conviesse<sup>114</sup>. Seu objetivo, após a fundação, era organizar um serviço aperfeiçoado e barato<sup>115</sup>. Iniciou-se, assim, uma nova fase de expansão da rede telefônica que acompanhou o crescimento do município e os interesses de acionistas ligados ao Banco Pelotense.

Para a implantação da central e expansão da rede telefônica, os diretores da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR) contrataram ainda, em 1919, a companhia norte-americana "*Western*

---

<sup>114</sup> A intenção dos diretores era expandir seus serviços para as cidades onde o Banco Pelotense possuísse agência. Pretendiam abrir as novas agências pelo interior do Estado e ter ligação direta com o Rio de Janeiro (capital do País). Era um momento de expansão de capital do Banco.

<sup>115</sup> Estatuto de fundação da CTMR de 1919, capítulo 1: "*A Companhia seria organizada pelo prazo de 30 anos e sua duração poderia ser prorrogada na forma de lei*".



*Company*" (subsidiária da ITT - "*International Telephone and Telegraph*"), que em menos de 2 anos colocavam em funcionamento os novos telefones e centrais. (FIGURAS XI e XII)

Os estudos técnicos para implantação do projeto foram realizados no escritório da companhia, situado em Buenos Aires; os aparelhos, do tipo semi-automático, funcionavam perfeitamente.

Com o sucesso da expansão da rede telefônica na área central de Pelotas, seus diretores resolveram estender os serviços de telefonia também para a vizinha cidade de Rio Grande. Mas não conseguiram seu intento, porque a americana ITT - International Telephone and Telegraph - havia incorporado a empresa prestadora dos serviços naquela cidade, instalando ali telefones automáticos.

Com a presença da sólida Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência em Pelotas, restou à ITT apenas o fornecimento de equipamentos; já na cidade de Rio Grande, a ITT conseguiu incorporar toda a rede telefônica<sup>116</sup>. A Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência ficou com a expansão das redes telefônicas em Pelotas e no vizinho município de São Lourenço, um núcleo urbano muito inferior a Rio Grande em termos econômicos e populacionais. Na "batalha pela telefonia" em Pelotas, a ITT bloqueou o acesso dos telefones da CTMR ao tráfego interurbano.

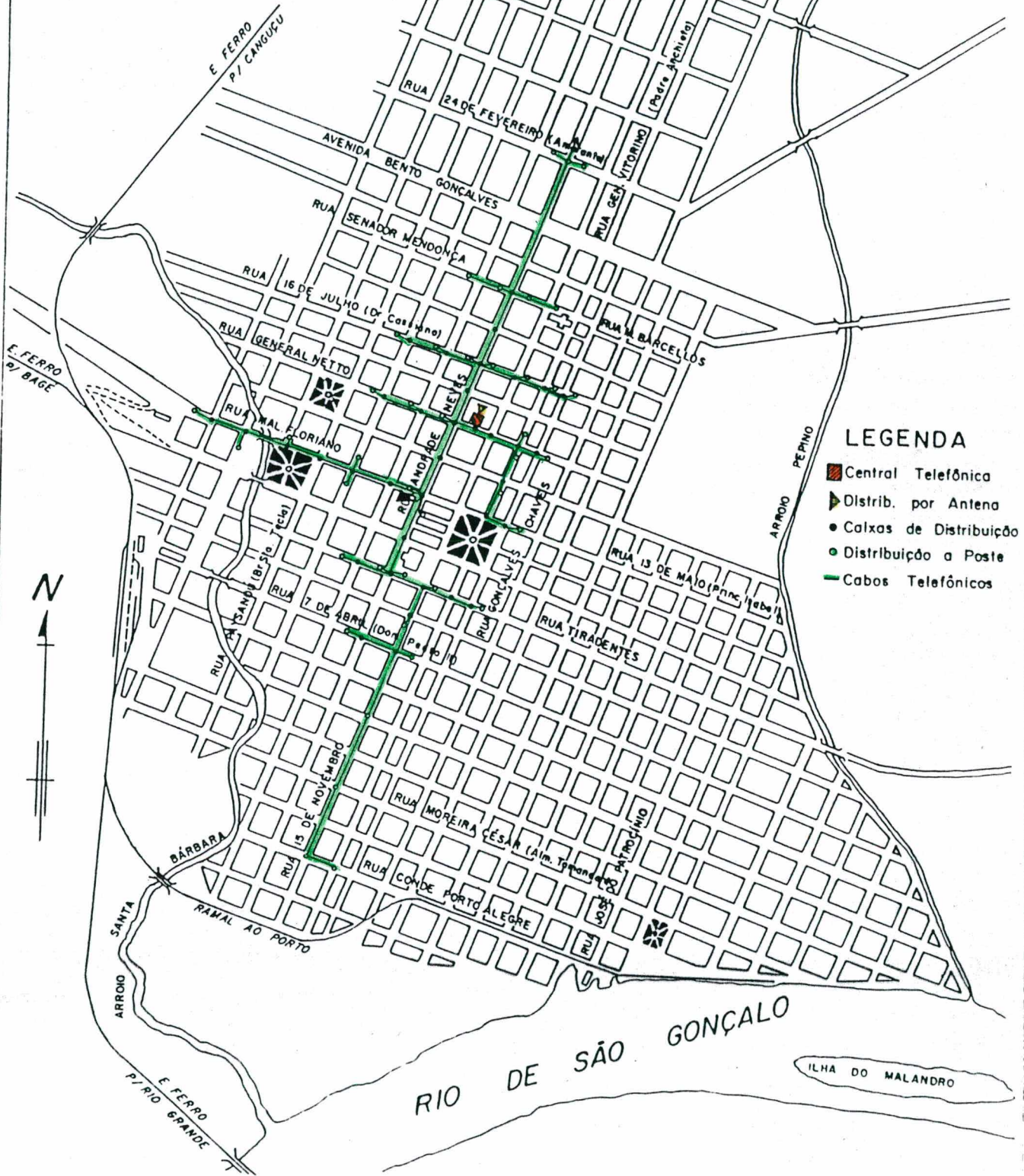
Dessa forma, em Pelotas os serviços telefônicos eram prestados por duas empresas. Durante algum tempo, quem necessitava comunicar-se com as cidades de Rio Grande e Porto Alegre, utilizava os

---

<sup>116</sup> A companhia norte-americana (ITT) "cobiçou" a CTMR, comprando ações suas durante anos. "*Tal fato ocasionou a mudança de estatutos da CTMR, que limitou em 10 o número de votos por acionista, independente da quantidade de ações que possuísse*". Pequena história da CTMR, publicado no Diário da Manhã, Pelotas, de 20 de março de 1986.

# PLANTA DE PELOTAS 1916

Editor: R. WRIEDT  
Porto Alegre



## LEGENDA

- Central Telefônica
- ▲ Distrib. por Antena
- Calças de Distribuição
- Distribuição a Poste
- Cabos Telefônicos

PELOTAS- REDE TELEFÔNICA URBANA-1919

FIGURA XI

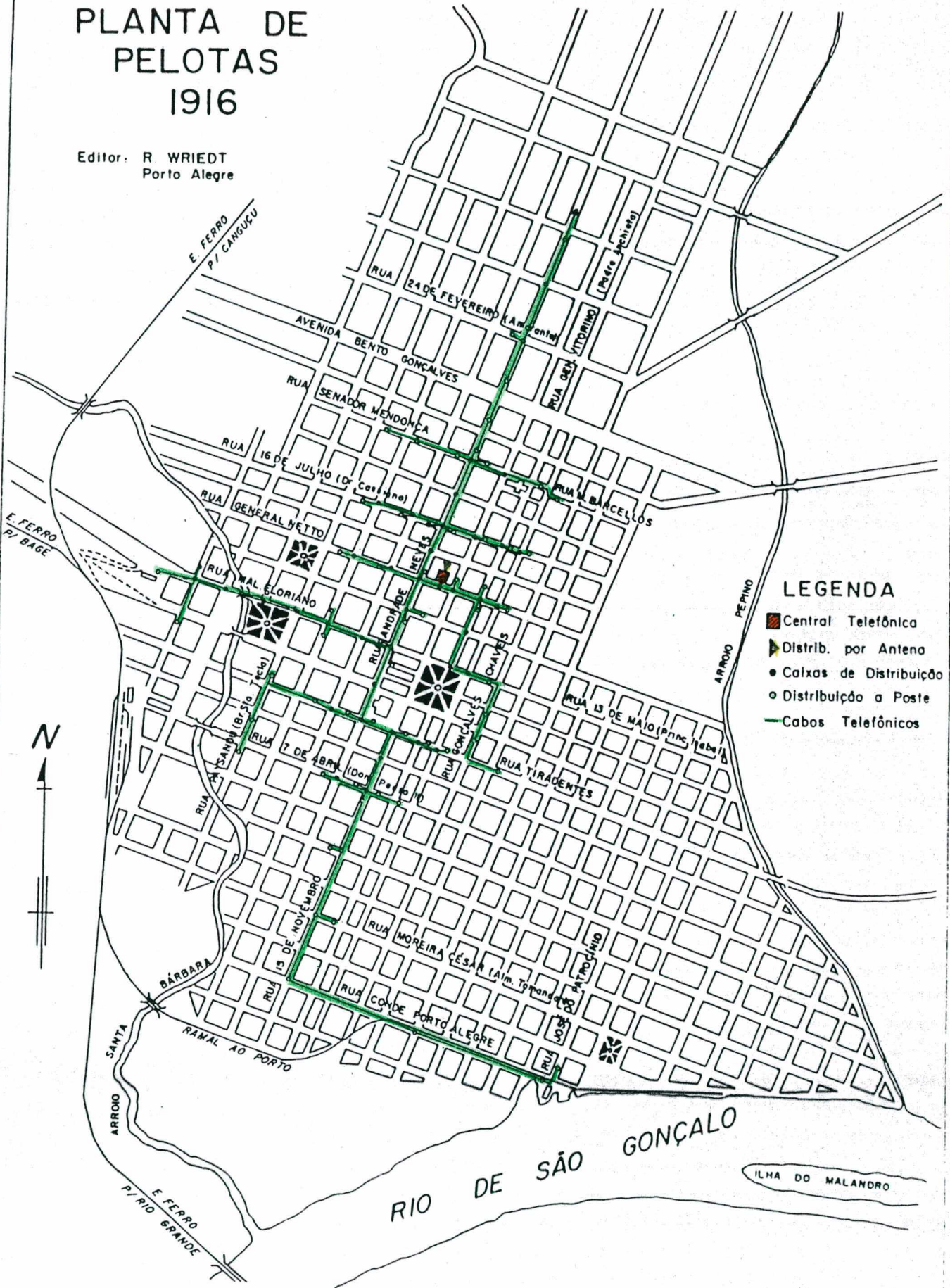
Fonte: Arquivo CTMR. Pelotas.

Desenho: M. Seibl

Escala: 1 : 10.000

# PLANTA DE PELOTAS 1916

Editor: R. WRIEDT  
Porto Alegre



## LEGENDA

- Central Telefônica
- Distrib. por Antena
- Calhas de Distribuição
- Distribuição a Poste
- Cabos Telefônicos

PELOTAS - REDE TELEFÔNICA URBANA - 1922

FIGURA XII

Fonte: Arquivo CTMR Pelotas.

Desenho: M. Seibt

Escala: 1 : 10.000

telefones da Companhia Telefônica Riograndense (Ganzo). Por isso, muitas empresas comerciais e industriais possuíam dois telefones, um de cada companhia (FIGURA XIII).

Quais foram as implicações e quais foram os espaços privilegiados pela e para expansão da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência?

Sabemos que a produção do espaço urbano não acontece no vazio, nem se constitui por relações abstratas. É um processo protagonizado por agentes que desempenham ações e relações sociais. A produção do espaço urbano é resultado das práticas de agentes que atuam no marco da reprodução do sistema capitalista e utilizam os mecanismos legais que estão à sua disposição<sup>117</sup>.

Pretendemos identificar, no processo de expansão da CTMR, quais foram os principais agentes, suas origens e o nível de complexidade das relações exercidas entre eles.

---

<sup>117</sup> H. CAPEL. "*Capitalismo y morfología urbana en España*". Los libros de la frontera, 1983, p. 85. Salientamos ainda que em recente conferência realizada no 6º EGAL (Encuentro de Geógrafos de América Latina) sobre "Desarrollo científico, innovación técnica y crecimiento económico en la ciudad contemporánea" Capel afirma que "*os agentes além de se utilizarem dos mecanismos legais existentes vão criar mecanismos como as instituições científicas (educação técnica e comercial) para legitimar o seu poder*". Buenos Aires, março de 1997.

Corôas,  
Arcos e  
Bouquets  
de bisquit  
e missanga  
na casa

**CONSTANTINO RIBEIRO**

Rua

General Osorio, 804

Telephones

M. R. 312 e

GANZO N. 114

ANÚNCIO COM TELEFONES DAS  
COMPANHIAS CTMR ("MR") E GANZO

Fonte: Almanach de Pelotas - 1930

FIGURA XIII

Escala: —

## 1-OS AGENTES INOVADORES NA CONSOLIDAÇÃO DA CTMR

Na sociedade capitalista, o urbano e o espaço geográfico são produzidos em função de interesses de uma série de agentes. Alguns autores como Capel (1983), Harvey (1980), Borja (1983), Corrêa (1989) e Zárate (1991) apresentam diversos agentes de acordo com estudos de caso realizados em realidades diferentes<sup>118</sup>. Sintetizando essas diversas visões, podemos citar os seguintes agentes: proprietários dos meios de produção, proprietários do solo, promotores imobiliários e empresas de construção e, por último, os organismos públicos. São agentes que realizam operações concretas que modelam a cidade. Suas ações devem ser vistas dentro de um marco jurídico<sup>119</sup>, que não é neutro e revela interesses hegemônicos em dada sociedade, ou seja, que defende os interesses das elites.

---

<sup>118</sup> Analisando o caso espanhol, H. CAPEL salienta "*la producción de las prácticas de unos agentes que actúan dentro del marco del sistema capitalista (...) En esencia estos agentes son: los propietarios de los medios de producción; los propietarios del suelo; los promotores inmobiliarios y las empresas de la construcción; y por último, los organismos públicos, agentes y árbitros a la vez en el proceso de producción del espacio urbano*". Idem, p. 85. Já David Harvey, discutindo o caso norte-americano, insere como agentes os proprietários individuais de residência ou inquilinos, os agentes imobiliários, os proprietários de terra e de imóveis, a indústria da construção civil, instituições financeiras e instituições governamentais. In: "*A Justiça Social e a Cidade*", Hucitec, 1980, Capítulo V, p. 131-166. Em seu artigo "*Los actores sociales en la construcción de la ciudad*" J. BORJA acrescenta que o descobrimento e a análise dos atores sociais permitem individualizar a especificidade do urbano e reconstruir projetos históricos com o sujeito social real. Acrescenta que os agentes sociais são: "*planificadores, poderes locales, constructores y promotores, propietarios del suelo y financieros, agentes industriales y tercerarios, intelectuales, organizaciones y movimientos sociales, inquilinos, ocupantes y usuarios, etc*". In: *Ciudad y territorio. Revista de Ciencia Urbana*. número 57-58, 3-4/83, p. 17-35. R. L. CORRÊA identifica os seguintes agentes: "*os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado e os grupos sociais excluídos*". In: "*O espaço urbano*", Ática, 1989, p. 12. A. ZÁRATE, em trabalho sobre o espaço interior da cidade coloca, ainda que de modo sintético, os seguintes agentes: "*proprietários privados do solo, promotores e imobiliários; proprietários dos meios de produção, os cidadãos e os poderes públicos*". In: "*El espacio interior de la ciudad*". Editorial Síntesis, 1991, p. 57-58.

<sup>119</sup> Encontramos o termo nos trabalhos de H. CAPEL (1983) e R. L. CORRÊA (1989).

Outro aspecto a ser considerado é a combinação do papel de vários agentes personificado em uma só pessoa ou entidade, dependendo da conjuntura e dos interesses em questão para a viabilidade do processo de acumulação capitalista em um determinado lugar<sup>120</sup>.

Definir com clareza os principais agentes inovadores e os incorporadores da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR), tendo à frente centenas de nomes, exigiria um trabalho à parte<sup>121</sup>. Por essa razão, trabalharemos com aqueles que foram considerados os principais agentes inovadores e incorporadores (proprietários dos meios de produção e promotores imobiliários), na tentativa de identificar quais espaços da cidade foram privilegiados com ou pela implantação das redes telefônicas. Saberemos, assim, quais eram os interesses econômicos, sociais e políticos predominantes na elite pelotense.

Em nossa busca foi possível identificar nomes de acionistas comuns, tanto da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência, como do Banco Pelotense. Eram acionistas que possuíam grande número de ações<sup>122</sup>. São eles: Cel. Alberto Rosa, Dr. Plotino Amaro Duarte, Cel. Pedro Luís Osório, Joaquim A. Assumpção e Dr. Lourival Mascarenhas de Souza.

Foram encontrados também, como acionistas da empresa, alguns nomes relacionados à administração pública, como o **intendente Dr. Cypriano Corrêa Barcellos, o vice-intendente Guilherme**

---

<sup>120</sup> Foi o que ocorreu com vários acionistas do Banco Pelotense. Um caso exemplar é o do Cel. Alberto R. Rosa, proprietário de terras, industrial, banqueiro, comerciante e detentor de cargos em associações de classe e órgãos públicos.

<sup>121</sup> Aproximadamente 400 acionistas; entre eles, muitos títulos eram de casas comerciais.

<sup>122</sup> Cada um desses acionistas possuía mais de 1.000 ações do Banco Pelotense. Encontramos também, na relação de acionistas, seus filhos e esposas, que possuíam uma quantia considerável de ações. Esta estratégia concentrava ações nas mãos de algumas famílias.

Echenique e os conselheiros Dr. Pedro Luís Osório, Cel. Manoel Simões Lopes, Dr. Antônio Silva Vasconcelos Júnior, o Cap. José Fernando Duval Júnior, Carlos Gotuzzo Giacoboni e José Ernesto Lang<sup>123</sup>. Percebemos que ex-conselheiros da Intendência também possuíam uma quantia expressiva de ações, como os senhores Edmundo Gastal, Pompeo Mascarenhas de Souza, João Lhüllier e Joaquim A. Assumpção. O nome do Dr. Augusto Simões Lopes sempre esteve ligado à administração, local, regional ou nacional.

Outros acionistas estavam relacionados em outras sociedades, como a "*Empresa Ferro-Caril e Caës de Pelotas*" e "*Companhia Hidráulica Pelotense*"<sup>124</sup>. É o caso de Pedro Luís Osório, Ildefonso Simões Lopes, Felipe Zorilla, Viscondessa da Graça, Cassius Junius Brutus de Almeida Barcelos, Faustino Trápaga, Nicolau Agrifoglio, Plotino Amaro Duarte e outros.

Não podemos esquecer, ainda, dos charqueadores e pecuaristas que investiam seus lucros em ações do Banco Pelotense e da CTMR, como ocorreu com Cássio Tamborindéguy.

Essa relação entre diversos nomes é apresentada no QUADRO IV, para mostrar que na implantação da CTMR em Pelotas foram mobilizados tanto o capital comercial e industrial como o capital financeiro (representado pelo Banco Pelotense)<sup>125</sup>.

<sup>123</sup> **Gestão 1916-1920.** No livro "A Cidade de Pelotas", já citado anteriormente, Fernando Osório traça de forma brilhante um quadro com os nomes de todos os membros da administração pública.

<sup>124</sup> Informações na lista dos acionistas em 31 de dezembro de 1902. "*Relatório anual da Empresa Ferro Caril e Caës de Pelotas*" e na lista da diretoria da Companhia Hidráulica Pelotense de 1906. Presidente: Dr. Joaquim Augusto de Assumpção; Vice-presidente-Barão do Arroio Grande; Diretores-Dr. Ildefonso Simões Lopes e Nicolau Agrifoglio; Suplentes-Dr. Manoel Luiz Osório e Bernardo José de Souza; Conselho Fiscal-Joaquim da Silva Ferreira, Boaventura Teixeira Leite, Antônio Xavier Nunes Vieira e os suplentes Plotino Amaro Duarte, Félix Antônio Gonçalves e Pedro Affonso dos Santos.

<sup>125</sup> Para traçar o quadro comparativo, consideramos as listas dos acionistas presentes no ato da fundação da CTMR, sócios e diretores da Associação Comercial e a lista dos principais acionistas do Banco Pelotense.



## QUADRO V

## Interesses relacionados com a fundação da CTMR - 1919

Atividades e empresas relacionadas  Pessoas físicas	Acionista do Banco Pelotense	Político com cargo na administração pública	Empresa ligada ao comércio	Sócio da associação comercial	Industrial	Estancieiro ou charqueador	Profissional liberal
1- Alberto Roberto Rosa	x	x	x	x	x	x	x
2- Antonio Tonca Duarte	x		x	x			
3- Feliciano Ignácio Xavier	x		x	x			
4- Alberto Echenique Leite	x		x	x	x		
5- Bruno de Mendonça Lima	x						x
6- Cássio Tamborindeguy	x		x	x		x	
7- Alexandre Gastaud	x	x	x	x			x
8- Raphael Mazza	x		x	x		x	
9- F.C. Ritter	x		x	x	x		
10- Caetano Gottuzzo	x	x	x	x			x
11- Frederico Carlos Lang	x		x	x	x		
12- Viscondessa da Graça	x		x	x		x	
13-Lourival Mascarenhas de Sousa	x	x	x	x			x
14- Benjamim Gastal	x		x	x			
15- Dr. Augusto Simões Lopes	x	x	x	x			x
16- Leopoldo Haertel	x		x	x	x		
17- Octaviano Jacinto Dias	x		x	x			
18- Dr. Urbano Garcia	x	x	x	x			x
19-Arthur Antunes Maciel	x	x	x	x			x
20- Luis Augusto Assumpção	x	x	x	x			x

Fonte: - Ata de Fundação da CTMR/1919- Lagemann, E. In: O Banco Pelotense. 1985.- Osório, F.L. In: A cidade de Pelotas.1922. Montagem: Vanda Ueda

Vejamos a seguir o papel de cada um desses agentes e seus interesses pela expansão da CTMR.

## 2- A ATUAÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS DOS MEIOS DE PRODUÇÃO

Os proprietários dos meios de produção (industriais e comerciantes), como "grandes consumidores de espaço" têm papel importante na organização e expansão do tecido urbano. A indústria que nasce externa a cidade, junto à fontes de energia, agrega-se ao núcleo urbano buscando vantagens de localização. A convivência da fábrica com outras atividades e usos do solo torna o espaço urbano mais complexo, realizando um número maior de funções, pois a atividade comercial também se desenvolve. Dessa forma, o papel de comerciantes e industriais se reforça organicamente, produzindo novas relações no espaço urbano.

### 2.1 OS INTERESSES DOS INDUSTRIAIS

Entre os proprietários dos meios de produção, os industriais locais e os novos empreendedores que chegaram à cidade no início do século procuraram grandes espaços para localizar suas empresas. Os industriais buscaram amplos locais e terras baratas que pudessem satisfazer seus requisitos locacionais.

Capel acrescenta que a indústria necessita ainda de localização adequada em relação às redes de telecomunicações e outros elementos de infra-estrutura (1983). As exigências crescentes por parte das indústrias e suas necessidades de infra-estrutura originaram, ao longo dos anos, uma concentração de fábricas em setores específicos do espaço urbano.

Em Pelotas, observamos que a maioria das grandes indústrias estavam localizadas na zona do porto, como a Fiação e Tecidos<sup>126</sup>, Fábrica Haertel<sup>127</sup>, Pedro Osório & Cia, Frigorífico Pelotense<sup>128</sup> que forjaram a construção de um ramal ferroviário em 1906 para o escoamento de sua produção e realizaram projetos para a ligação férrea Pelotas-Santa Maria. Em acordo com a Intendência Municipal, os industriais alteraram o limite urbano, incorporando parte do 2º distrito ao distrito sede. Trabalharam, ainda, para desobstruir a foz do Canal São Gonçalo, por onde entravam e saíam os navios e embarcações em geral <sup>129</sup>.

<sup>126</sup> COMPANHIA DE FIAÇÃO E TECIDOS PELOTENSE - Mais um empreendimento do Cel. Alberto Rosa e de Plotino Amaro Duarte, estava localizada à Rua Moreira César, próximo ao cais do porto. Foi construída e projetada pelo engenheiro Benjamim Gastal. Posteriormente, tornaram-se diretores da empresa: Ambrósio Perret, Antonio Planella e Álvaro Moreira Rosa. Com 200 operários e 300 operárias, sendo a sua maioria mulheres e crianças, em 1922, a fábrica produzia morins, algodões, brins, lenços, guardanapos. No pátio da Companhia existia uma seção de trilhos que ia até o cais, para o transporte do algodão. Era uma das companhias mais modernas, com máquinas e equipamentos importados. N.N. MAGALHÃES. Pelotas Memória, especial 1992, A. KREMER, Diário da Manhã de 13 de setembro de 1992 e F. OSÓRIO, op. cit., p. 243.

<sup>127</sup> FÁBRICA HAERTEL - A Cervejaria Sul Rio-Grandense, fundada em 1891, pertenceu a Leopoldo Haertel e produzia diversas marcas de cervejas Moreninha, Preta e Comercial, além de águas gasosas e gelo. Abastecia toda a região sul do Estado e se situava à Rua Conde de Porto Alegre. Em 1911, a fábrica trabalhava com máquinas vindas da Alemanha, possuía uma máquina de fabricar gelo, um filtro para cerveja e um engarrafador. A. KREMER, Diário da Manhã de 23 de agosto de 1992.

<sup>128</sup> FRIGORÍFICO PELOTENSE - Projetado em 1915 pelo engenheiro civil João Gabriel Ubatuba e inaugurado em 1919, a obra foi concluída em 1920 pelos construtores Scott e Hume, de Buenos Aires. O frigorífico estava localizado às margens do canal São Gonçalo, possuindo as mais modernas máquinas (compressores a gás, sistema de refrigeração com máquinas suíças, calefação individual, a força elétrica era fornecida por dois geradores etc.). A carne era exportada para a Inglaterra; os animais para abate vinham da campanha. Os trilhos do ramal férreo terminavam em frente ao frigorífico; para o transporte marítimo, a empresa possuía duas "chatas" que carregavam a produção pelo Canal São Gonçalo até as embarcações maiores, na Lagoa dos Patos. A. KREMER, Diário da Manhã de 6 de setembro de 1992.

<sup>129</sup> Foi criada a Companhia de Desobstrução da Foz do S. Gonçalo. F. OSÓRIO, 1922, op. cit., p. 233-234.

Outras empresas que não estavam localizadas às margens do Canal São Gonçalo (porto) se edificaram às margens de arroios e terrenos úmidos e encharcados, onde o valor do solo era bem menor (FIGURA XIV). É o caso da fábrica de velas e sabão F. C. Lang & Cia<sup>130</sup> (FIGURA XV), da Companhia Cervejaria Ritter<sup>131</sup>, Fábrica de Chapeús Rheingantz<sup>132</sup> e Fábrica de Fumos Santa Bárbara<sup>133</sup>.

---

<sup>130</sup> F. C. LANG & CIA - A fábrica de velas e sabão foi fundada em 1864 pelo alemão Frederico Carlos Lang. Situava-se na Rua Gonçalves Chaves, 1158 (perto do Arroio Pepino), e o engenho de beneficiar arroz, na Costa de Pelotas (ao lado do Arroio Pelotas). Em 1878, o proprietário seguiu para a Europa (Alemanha) levando seus filhos, aos quais desejava oferecer educação técnica e profissional. De lá trouxe caldeiras e máquinas para a fabricação de vela e sabão. Em 1895 F. C. Lang se associou ao seu irmão J. Ernesto Lang e ao filho Frederico Carlos. A mesma indústria contribuiu também com 100 ações na fundação do Banco Pelotense. F. OSÓRIO, 1922. op. cit., p. 242.

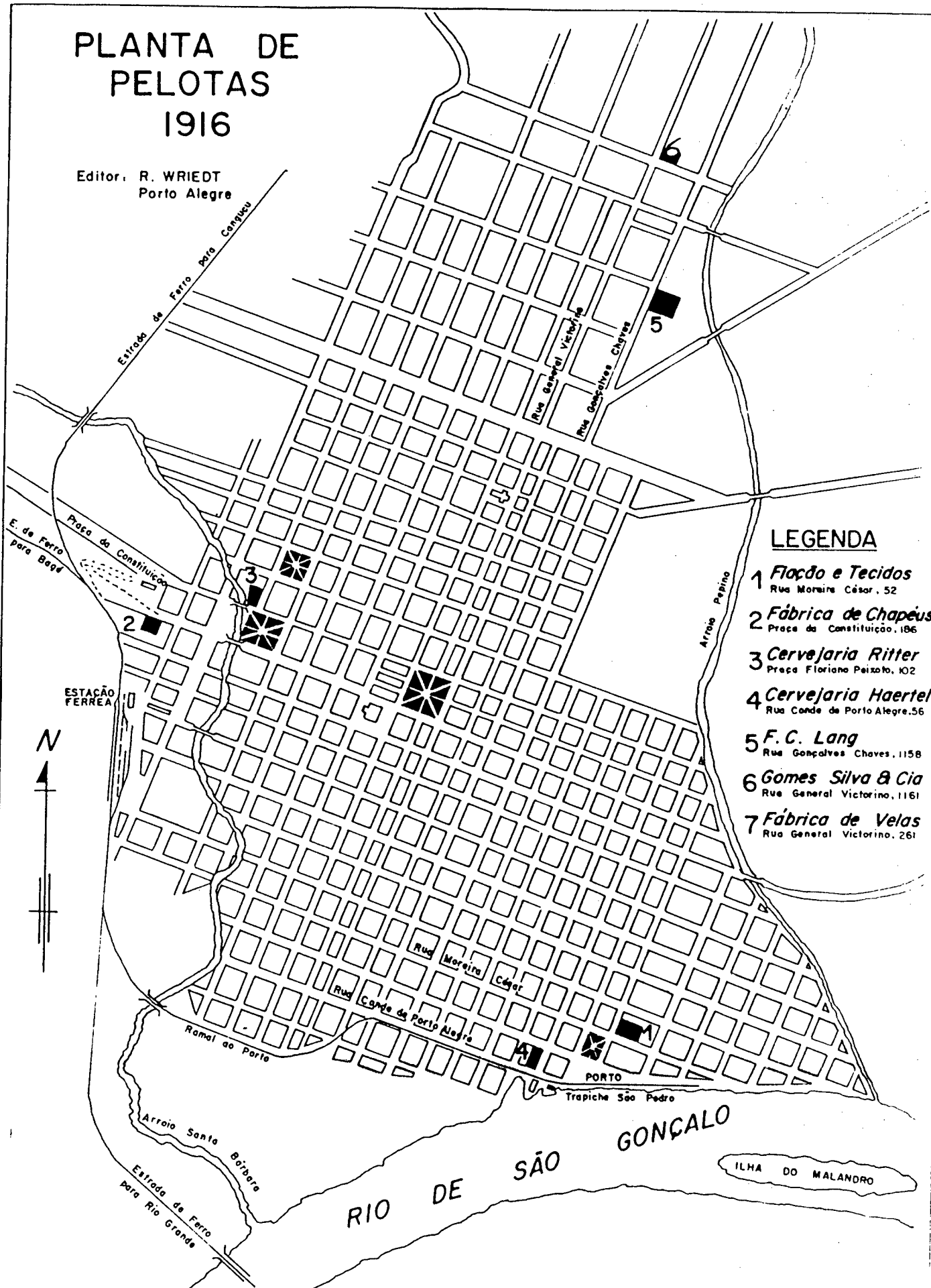
<sup>131</sup> COMPANHIA CERVEJARIA RITTER - Fundada em 1886 por Carlos Ritter, fabricava várias marcas de cerveja entre elas: Pelotense, Pilsen, Ritter, Maerzen Bier e Brau Preta. A cervejaria trouxe diversos profissionais e máquinas da Alemanha; concorreu também em muitas exposições nacionais e internacionais, ganhando prêmios em Porto Alegre, Berlim, Paris e Rio de Janeiro. Instalaram em 1905 o sistema de eletricidade. Seu proprietário possuía ainda uma fábrica de moer café e uma fábrica de fumos e cigarros. F. OSÓRIO, op. cit., p. 243.

<sup>132</sup> FÁBRICA DE CHAPEÚS RHEINGANTZ- Propriedade de Francisco Rheingantz, pertenceu anteriormente aos senhores Cordeiro e Wiener. Funcionava na Praça da Constituição 104, ocupando uma área de 6.236 metros quadrados. Possuía 61 máquinas das mais modernas. Trabalhavam na fábrica 152 operários de ambos os sexos. Ela possuía ainda: marcenaria, ferraria, serralheria e cartonagem. Os produtos eram vendidos para todo o país. Trouxeram da Alemanha o técnico em comércio o sr. Peckmann, para dirigir a fábrica; e o diretor técnico era C. Rheingantz (primo do proprietário). A. WRIGHT. "Impressões do Brazil no Século vinte", Loyd's greater Britain Publishing., 1913, p. 842-844.

<sup>133</sup> FÁBRICA DE FUMOS SANTA BÁRBARA- De Plotino Rodrigues, um dos maiores acionistas do Banco Pelotense, a fábrica de fumos Santa Bárbara foi fundada em 1874 e estava situada na Rua Santa Bárbara, 616. Era dotada de máquinas de origem alemã e inglesa, possuindo, ainda, sistema de iluminação elétrica. Idem., p. 847.

# PLANTA DE PELOTAS 1916

Editor: R. WRIEDT  
Porto Alegre



## LEGENDA

- 1 *Floço e Tecidos*  
Rua Moreira César, 52
- 2 *Fábrica de Chapéus*  
Praça da Constituição, 186
- 3 *Cervejaria Ritter*  
Praça Floriano Peixoto, 102
- 4 *Cervejaria Haertel*  
Rua Conde de Porto Alegre, 56
- 5 *F. C. Lang*  
Rua Gonçalves Chaves, 115B
- 6 *Gomes Silva & Cia*  
Rua General Victorino, 1161
- 7 *Fábrica de Velas*  
Rua General Victorino, 261

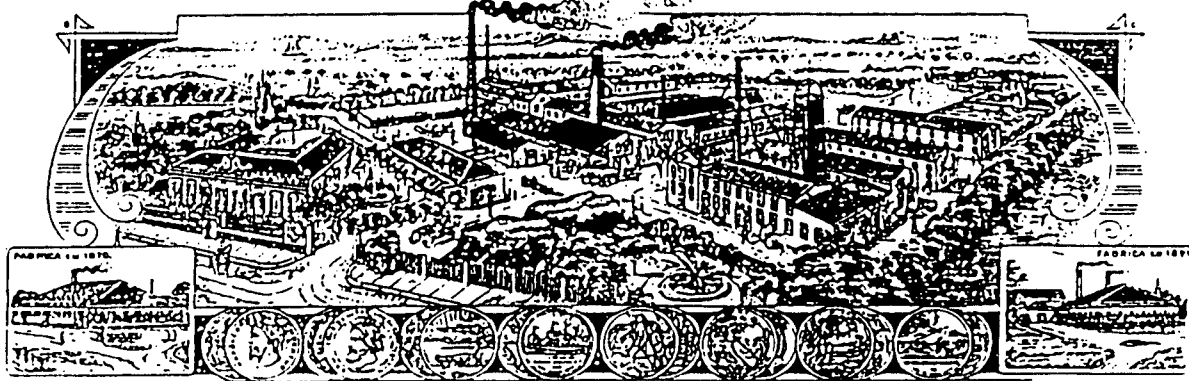
## PELOTAS- LOCALIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS INDUS- TRIAS ( FINAL DO SÉC. XIX, INÍCIO DO SÉC. XX)

Fonte: Arquivo Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente e Correio Mercantil.  
Montagem: Yanda Ueda  
Desenho: M. Seibt

## FIGURA XIV

Escala: 1 : 10.000

≡ ○ GRANDE FABRICA A VAPOR DE SABAÕ E VELAS ○ ≡  
 VELAS DE STEARINA  
 ≡ VELAS DE CÉRA ≡  
 ≡ VELAS DE SÉDO ≡  
 SABAÕ LIQUIDOS PUMOL  
**F. C. LANG & C<sup>o</sup>**  
**PELOTAS**  
 RUA GONCALVES CHAVES Nº 1158  
 SABAÕ COMMUM  
 SABAÕ PERFUMADO  
 ≡ SABONETES ≡  
 ≡ POS DE SABAÕ ≡



ENDEREÇO TELEGRAPHICO: LANG

CAIXA DO CORREIO, 45

Codigos RIBEIRO e A B C 5ª Edição

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

PELOTAS- FÁBRICA LANG

FIGURA XV

Fonte: Album comemorativo de Pelotas - 1922

Escala: —

Cabe salientar que a maioria dos proprietários dessas empresas podem ser caracterizados como da segunda geração de empreendedores, pois foram adquiridas de proprietários anteriores. Deste fato relacionamos a sua localização "menos favorável" em relação às outras indústrias no espaço urbano pelotense. Sua localização, embora distanciada das principais vias (o porto e a ferrovia), seguia o caminho das tropas<sup>134</sup>, traduzindo a necessidade de escoamento da produção.

As grandes empresas industriais contribuíram para a organização do espaço urbano por instalar suas sedes sociais no centro urbano, como o caso da indústria Pedro Osório e Cia, cuja planta industrial se localizava às margens do São Gonçalo, e os escritórios situavam-se na área central<sup>135</sup>.

Durante a década de vinte, os principais industriais pelotenses estiveram empenhados na construção de habitações higiênicas, ou habitações sociais, para seus operários. Embora reduzido número de obras na cidade tenha sido realmente realizado, foi possível localizar nos relatórios da Intendência o pedido de isenção de impostos para empresários que realizassem tais obras.

As exigências desses empresários da produção para que houvesse um sistema de telefonia rápido e eficiente foram marcantes. Com o propósito de buscar lucros na acumulação do capital, o telefone teria grande utilidade, pois, através dele, negócios poderiam

---

<sup>134</sup> Nome genérico dos antigos caminhos realizados pelos tropeiros que transportavam o gado das fazendas para as charqueadas. Muitas avenidas da cidade de Pelotas têm origem no caminho das tropas.

<sup>135</sup> PEDRO OSÓRIO & CIA. Fundada em 1888 pelo Cel. Pedro Luís Osório, que era considerado o "Rei do Arroz", por ter grande extensão de terras dedicadas a plantação e colheita de arroz; seu patrimônio era considerável. A indústria de beneficiamento de arroz tinha as mais modernas máquinas; fez importantes investimentos em drenagem do solo (localizava-se na área mais desvalorizada do porto). Os escritórios estavam na Rua General Netto, 201 e Andrade Neves, 612. F.OSÓRIO, op. cit., p. 238-239.

ser concretizados rapidamente. Com a presença de um sistema de infra-estrutura adequada, o telefone passou a ter qualidade de negócio e valor na aquisição de capitais, representando maior lucratividade para os empresários.

## 2.2 - OS COMERCIANTES E O TELEFONE

Sabemos que os comerciantes - enquanto proprietários dos meios de produção - também estavam entre os principais incorporadores da CTMR e acionistas do Banco Pelotense. Os acionistas, que eram sócios da Associação Comercial e possuíam ações do Banco Pelotense, foram os que mais se mobilizaram para a instalação da CTMR<sup>136</sup>.

Em Pelotas (como em qualquer cidade) as empresas comerciais (locais de venda) procuraram localizar-se na área central, enquanto seus depósitos de mercadorias ficavam próximos às vias de acesso.

Cabe ressaltar que havia na cidade dois tipos de proprietários de casas comerciais: os grandes proprietários, que se localizavam na área central, e os pequenos proprietários, que se instalavam nos bairros.

Os grandes proprietários de casas comerciais foram aqueles que transformaram a cidade segundo seus interesses. Quando a elite pelotense (os charqueadores) saiu das charqueadas e se instalou no núcleo urbano, precisou de equipamentos, infra-estrutura básica e de comércio diversificado para seguir os padrões e modelos europeus.

---

<sup>136</sup> A diretoria da Associação Comercial em 1922 era assim composta: Presidente- Alberto Echenique Leite, vice-presidente- Manoel Ferraz Vianna, secretários- Manoel C. da Cruz e Claro de Oliveira Pires, tesoureiro- Olympio Farias; diretores: Feliciano Ignácio Xavier, Antônio Tonca Duarte, Ernesto Beherensdorf, Ramón Trápaga Filho, Manoel Gomes da Silva Junior, Nede Lande Xavier, Oscar da Silva Rosa, Oscar da Rocha, Carlos G. Sica, J. F. Barbosa, Oscar Macedo, Lourival Pinheiro; comissão de contas: Patrício Simões Gaspar, Damásio Rodrigues e João Romeu.



Os comerciantes se convergiram para o centro da cidade. Localizavam-se principalmente nas Rua do Imperador (também conhecida como Rua do Comércio e atualmente denominada Félix da Cunha); na Quinze de Novembro e na Andrade Neves, pois as principais casas comerciais localizavam-se próximas à Praça da República.

A Rua do Imperador foi a primeira a ser ocupada pelos comerciantes. Traçada em 1815, nos terrenos do capitão-mor Antônio dos Anjos, estava destinada a concentrar as primeiras "casas de negócio".

Segundo o historiador M. O. Magalhães (1994), nela se vendia, em grandes estabelecimentos, desde tecidos, chapéus, secos e molhados, até instrumentos musicais e pratarias, entre outras mercadorias.

A Rua Quinze de Novembro, que em meados do século XIX era conhecida como Rua São Miguel, tornou-se a mais movimentada da época e palco dos grandes acontecimentos da cidade (FIGURA XVI).

Os principais proprietários faziam questão de localizar suas lojas nessa rua. Não somente casas comerciais, mas também hotéis, cafés, livrarias e fotógrafos. Como exemplo de comerciantes localizados nessa área podemos citar nomes de alguns acionistas da CTMR: Bojunga & Cia, Carlos Alberto Coelho, H. Krentel (fundada em 1871), Lhullier Sobrinho, Alberto Echenique Leite, Viúva Behrendorf & Cia<sup>137</sup> e

---

<sup>137</sup> Viúva F. Behrendorf & Cia- A casa de ferragens e máquinas para indústria e agricultura era administrada desde 1902 pela viúva Behrendorf e seus filhos. Importavam máquinas dos Estados Unidos, da Alemanha, da França etc. Fundada em 1874, em 1913 vai instala sucursal em Porto Alegre. Em Pelotas situava-se à rua mais movimentada da cidade (Rua 15 de novembro, 688). A. WRIGTS, 1913, op. cit., p. 847.



Pelotas - Rua XV de Novembro

PELOTAS - RUA XV DE NOVEMBRO NA DÉCADA DE 20

Fonte: Álbum Comemorativo de Pelotas - 1922 e edição Edson Nobre Magalhães 1997

FIGURA XVI

Escala: —

principalmente as casas de modas<sup>138</sup> (FIGURA XVII). Nela ainda se encontravam o prédio da Companhia Telefônica Riograndense, a Prefeitura Municipal, a Biblioteca Pública, o Mercado Público e era o portão de entrada e saída dos artistas que se apresentavam no Teatro Sete de Abril.

A Andrade Neves, conhecida como Rua das Flores, concentrava algumas casas de comércio que vendiam máquinas e equipamentos para o comércio, indústria e agricultura. Também ali se localizavam as principais lojas de importação e os armazéns<sup>139</sup>.

Os pequenos proprietários de casas comerciais estavam localizados sobretudo nas áreas mais afastadas do centro. Eram pequenos depósitos e armazéns localizados no Fragata e nas Três Vendas. Esses armazéns se dedicavam a abastecer a população da zona rural do município e localizavam-se às margens das estradas que demandavam para o Capão do Leão e Campanha (no Fragata) e para a zona colonial (de colonização alemã) e São Lourenço do Sul (nas Três Vendas<sup>140</sup>)(FIGURA XVIII).

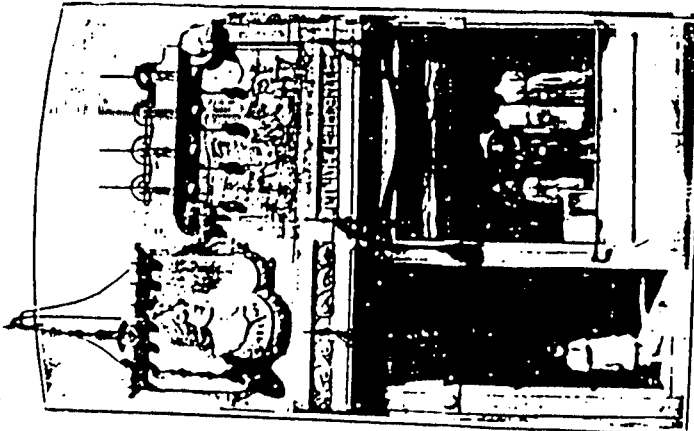
<sup>138</sup> Segundo o Almanaque de Pelotas de 1920, as casas de modas eram as seguintes: Félix Coufal, A. Mascorda, João Stoch, Geraldo Petrucci Filho, Mathilde Dupuis, Marcelo Moreau, Maria Thereza Carrier e "A moda elegante". Das 10 casas, somente duas não estavam localizadas nessa rua. *Indicadores econômicos*, p. 238

<sup>139</sup> Alguns exemplos: Scholberg & Cia - Loja de armas e importadores de armas e munições, fundada em 1854 sob a firma de Viúva Laport & Cia. João Larré - Fundada em 1870 pela firma de José Antonio de Oliveira, transformando-se logo após em J. M. Machado Abreu & Cia. Funcionou sempre com a mesma denominação- "Armazém Central" . Guerreiro, Irmão & Cia - Firma importadora de tecidos, fundada em 1877, pertencia a Benjamin Guerreiro e Francisco de Paula Guerreiro. Loyd Brasileiro de Pelotas - Companhia de navegação desde 1900, cujo agente era o Cel. Manoel Simões Lopes, proprietário de área com vasta plantação de arroz com seu irmão, o dr. Ildefonso Simões Lopes. Tamborindeguy & Costa - exportadores de charque. Torres, Portella & Cia - importadores de fazendas. In: *Almanaque de Pelotas-1920, 1927 e 1930* e F. OSÓRIO, op. cit., p. 234-247.

<sup>140</sup> O nome do bairro já indica, na sua origem, a função comercial.

# A MODA ELEGANTE

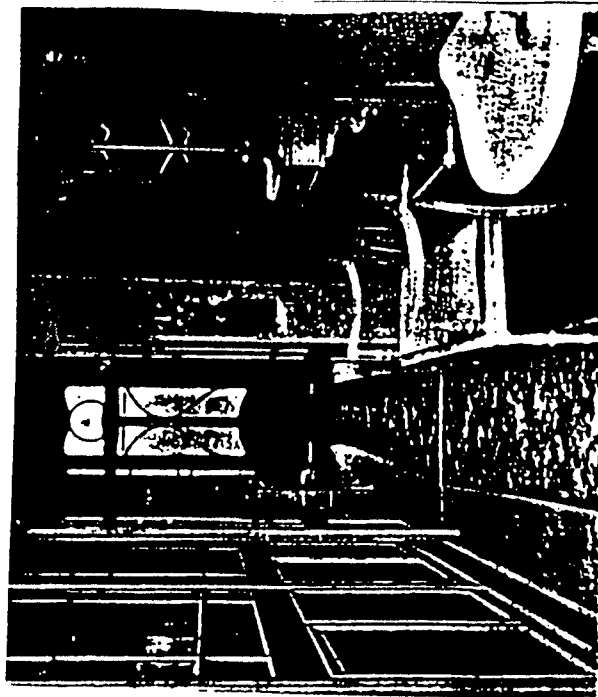
*A Moda Elegante cuja grande vitrine bem illuminada nada fica a dever ás grandes montras Euro-peas, rapidamente tornou-se a preferida do publico elegante de Pelotas.*



*Frente do magestoso edificio de A MODA ELEGANTE*



*Sala de vendas*



*Sala de espera*

*A Moda Elegante está installada á rua 15 de Novembro, em pleno centro do movimento commercial e social.*

PELOTAS - CASA COMERCIAL NA RUA XV DE NOVEMBRO

Fonte: Álbum Comemorativo de Pelotas - 1922  
Montagem Vanda Ueda

FIGURA XVII

Escala: —



Os comerciantes exerciam a função de ligação entre o mundo rural e o mundo urbano. Devido à distância em que se encontravam do centro e do porto da cidade (onde corriam as novidades e se localizavam as firmas importadoras), precisavam de um serviço telefônico, que passou a ser utilizado com mais freqüência. Mas a sua área de influência e o seu papel no abastecimento estavam mais restritos aos bairros e à zona rural (FIGURAS XIX e XX).

Os grandes comerciantes, que formavam a "elite" da Associação Comercial, constituíram a primeira diretoria da CTMR. Os diretores foram Feliciano Ignácio Xavier e Antônio Tonca Duarte, ambos diretores da Associação Comercial de Pelotas, que ficaram à frente da Companhia até 1930<sup>141</sup>. No conselho fiscal estavam os seguintes acionistas e membros da Associação Comercial: Alberto Echenique Leite<sup>142</sup>, Dr. Lourival Mascarenhas de Souza e Camillo Gomes Pires. Seus suplentes eram Cassio Tamborindeguy, Francisco Julio Mello e Leonardo Velho da Silva.

Os interesses eram evidentes, pois a maioria deles possuía atividades ligadas ao comércio ou à indústria.

---

<sup>141</sup> A empresa Xavier Irmão & Cia foi fundada em 1875, pelos irmãos José Ignácio da Silva Xavier e Feliciano Ignácio Xavier. Trabalhavam com importação e exportação, principalmente com açúcar refinado. Estava localizada na Rua 7 de Abril. A A. T. Duarte & Xavier, de propriedade de Antônio Tonca Duarte e Virgílio Xavier, estava localizada na Praça da Constituição números 102-106.

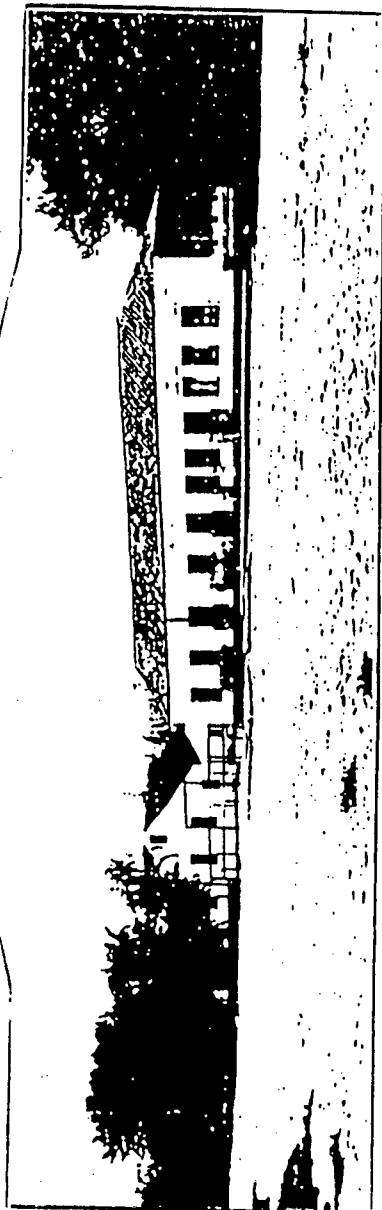
<sup>142</sup> Proprietário da fábrica de livros em branco, situada na Rua 15 de Novembro nº 579. Foi também presidente da Associação Comercial em 1922.

# VILLA DO RETIRO

DE

# JOÃO SCHILLD & FILHO

Casa de Seccos e Molhados, Fazendas,  
Ferragens, Louças e Miudezas



DEPOSITO COLONIAL  
de compras e vendas de productos do paiz.

Telephone 408 - RETIRO

PELOTAS Estado do Rio Grande do Sul

PELOTAS- ESTABELECIMENTO COMERCIAL  
NA ZONARURAL

Fonte: Álbum comemorativo de Pelotas - 1922

FIGURA XIX

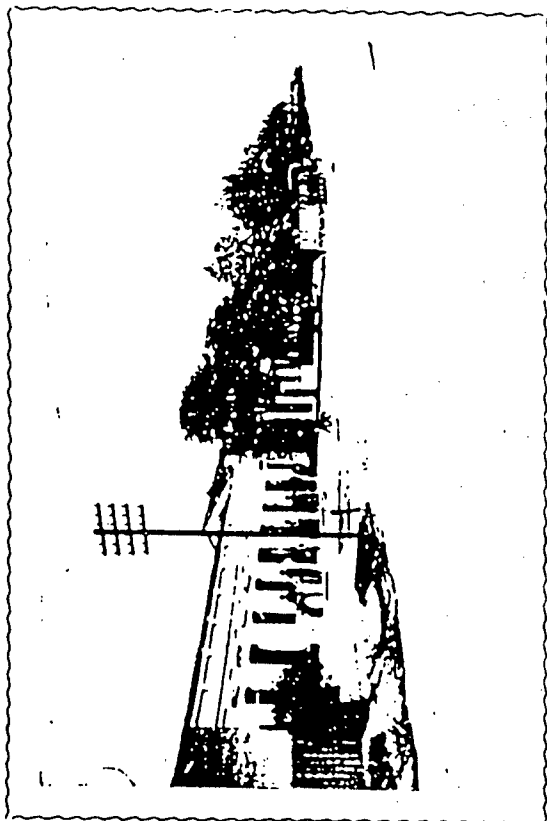
Escala:

—

DEPOSITO CONTINENTAL

ARMAZEM DE SECCOS MOLHADOS

**Brod & Jimão** Successores de Jacob Brod



Estrada do Retiro

Telephone N. 30

PELOTAS- ESTABELECIMENTO COMERCIAL  
NA ZONA RURAL

Fonte: Álbum comemorativo de Pelotas - 1922

FIGURA XX

Escala:

—

Tem sempre em deposito: Feijão, batatas  
ovos, carne de porco, banha, etc. etc.



### 2.3- UM CASO À PARTE: A PRESENÇA (CONSTANTE) DO CEL. ALBERTO ROSA

Em todos os artigos e atas encontrados percebemos que entre os principais agentes inovadores da CTMR estava o nome do Coronel Alberto Roberto Rosa. Esse personagem representava todos os setores da economia pelotense (comercial, industrial, pecuarista, bancário), exercendo grande influência na política da cidade.

Segundo Langemann

*"o Cel. Alberto Rosa foi o principal incorporador do Banco Pelotense, fundado em 1906, que visava atender o setor pecuarista/charqueador, com o apoio do comércio pelotense" (1985:89)*

O autor chama a atenção para o modo de organização da elite pelotense, que formou um grupo ou grupos de interesses. O exemplo do Cel. Alberto Roberto Rosa foi dos mais significativos no que se refere à concentração de bens. Proprietário de três fazendas (uma delas situada no primeiro distrito, próximo ao núcleo urbano) e sócio da empresa Pedro Osório & Cia<sup>143</sup>, foi diretor do Banco Pelotense (entre 1906 e 1923) e da Associação Comercial (de 1900 a 1904). O Coronel foi ainda o idealizador e principal incorporador da Fiação e Tecidos e da Companhia de Paquetes<sup>144</sup>.

Fora as atividades empresariais, o Cel. Alberto Rosa foi provedor da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas<sup>145</sup> e conseguiu, durante a sua participação na vida pública, realizar grandes empreendimentos

---

<sup>143</sup> Fundada em 1888, dedicava-se essencialmente à exploração de produtos pecuários e posteriormente à indústria do arroz.

<sup>144</sup> A Companhia de Paquetes Brazil Oriental e diques flutuantes trabalhava com comércio de importação e exportação.

<sup>145</sup> Ao evidenciar seu lado empreendedor e benemérito, o Coronel fortalecia ainda mais seu papel de líder da elite pelotense, legitimando sua liderança perante toda a cidade.

urbanos<sup>146</sup>. Terminado seu mandato, assumiu a presidência do Conselho Municipal, ficando no cargo de conselheiro até setembro de 1896<sup>147</sup>. Retornaria ao poder público como vice-intendente em 1903, permanecendo no cargo por um ano.

Na figura do Coronel Alberto Rosa presenciamos a capacidade e o poder da elite local em manter seus interesses. Os grandes investimentos em infra-estrutura no núcleo urbano, beneficiariam as ações de seus membros, pois estas eram também convertidas em bens materiais (casarões, automóveis, empregados, propriedades rurais e telefones). Com atos benemerentes, a elite comercial e industrial pelotense buscou sua legitimação para um processo de exclusão da maioria da população dentro do cenário urbano. A CTMR e o Banco Pelotense reforçariam o discurso de modernização dessa elite e de manutenção do mesmo grupo no poder.

### 3- A AÇÃO DOS PROMOTORES IMOBILIÁRIOS: AS REDES NA MALHA URBANA

Os promotores imobiliários são aqueles agentes que realizam a produção do espaço através da promoção, urbanização e construção. Esses agentes realizam desde a incorporação, o financiamento, o estudo técnico, a construção e a comercialização do espaço urbano.

---

<sup>146</sup> Participou da primeira junta administrativa após a Proclamação da República, sendo nomeado em 23 de junho de 1890, nela permanecendo até 1º de dezembro de 1891. Projetou empreendimentos, como calçamento de ruas, linhas de bondes, fornecimento de água etc.

<sup>147</sup> Era através do Conselho Municipal (Câmara Municipal) que a elite pelotense atendia seus negócios, pois por ali passavam todas as leis e decretos, e seus membros decidiam o destino da cidade.

No processo da promoção imobiliário, CORRÊA salienta que:

*"há desde o proprietário fundiário, que se transformou em construtor e incorporador, ao comerciante próspero que diversifica suas atividades, criando uma incorporadora, passando pela empresa industrial, que em momentos de crise ou ampliação de seus negócios cria uma subsidiária ligada à promoção imobiliária. Grandes bancos e o Estado atuam também como promotores imobiliários" (1989:19-20).*

Nesse sentido, as estratégias dos promotores imobiliários em Pelotas foram as mais variadas. Os proprietários individuais agiram para constituir e gerir seu patrimônio; as organizações econômicas utilizavam o espaço para seus próprios fins (banco, comércio, espetáculos etc.), intervindo na construção da cidade<sup>148</sup>.

O período de instalação e expansão da CTMR também promoveu grande expansão da área do núcleo urbano, com a incorporação de terras situadas às margens das estradas de acesso à cidade. Alguns dos principais acionistas da Companhia, que também eram incorporadores e possuíam grandes extensões de terra nos arredores da cidade, viram suas terras transformadas em bairros ou loteamentos para pessoas com poder aquisitivo mais baixo. A cidade crescia e se industrializava, havendo, portanto, demanda potencial para ocupação desses terrenos.

Alguns exemplos nos chamaram a atenção para o binômio inovação tecnológica (telefone) - urbanização. Em 1920, uma propaganda publicada no Diário Popular sobre um grande loteamento em terras de um dos acionistas da CTMR traz a seguinte frase :

*"Venha morar na Vila Gottuzzo. Temos toda infraestrutura, inclusive a dos telefones".*

---

<sup>148</sup> M.ROCAYOLO. "La ville et ses territoires". Gallemard, 1990, p. 127-128.

O senhor Caetano Gottuzzo era proprietário do Hotel Aliança, localizado no centro da cidade<sup>149</sup> (FIGURA XXI). Fazemos uma analogia ao que Ribeiro (1997) chama de "sobrelucro de urbanização", no qual o incorporador é capaz de planejar empreendimentos atrativos para os compradores, criando certos simbolismos e vendendo novo estilo de vida<sup>150</sup>. Outros acionistas também seguiram o mesmo caminho, parcelando suas terras em lotes.

Um dos maiores e mais organizados parcelamentos do solo foi o de Augusto Simões Lopes, iniciado em 1904<sup>151</sup>. Suas terras eram adjacentes ao eixo ferroviário, servidas por grande infra-estrutura e organização. O Bairro Simões Lopes nasceu com ruas projetadas, casas de pequeno e médio porte, um belo projeto urbanístico para a época. Próximo dali (também nas suas terras) localizavam-se as vilas Barros, Canela e Silva<sup>152</sup>.

Em 1924, o intendente Pedro Luis Osório organizou uma comissão para realizar um grande projeto de melhoramentos de que a cidade necessitava, alegando que seu traçado xadrez desfazia o conceito estético, por ser muito uniforme, pesado e monótono<sup>153</sup>.

<sup>149</sup> Este hotel orgulhava-se, em propagandas da época, por possuir "telefone em todos os quartos".

<sup>150</sup> L. C. de Q. RIBEIRO, 1997, op. cit., p.132-134.

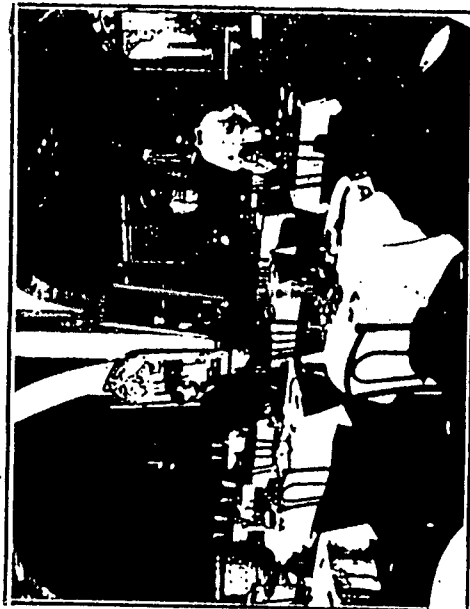
<sup>151</sup> O Dr. Augusto Simões Lopes era filho do Visconde da Graça (João Simões Lopes). Estudou Direito em São Paulo e foi grande administrador e empreendedor na cidade de Pelotas. Em artigo no jornal Diário da Manhã, A. Kremer (14-03-1993) colocou que "*Augusto Simões Lopes, à frente da intendência municipal mandou construir o canaleta que ligava a R. Marechal Deodoro com a Barroso, o prédio do almoxarifado municipal e o matadouro modelo*". Junto com o engenheiro da Intendência elaborou e construiu também o bairro que leva seu nome, onde localizava sua residência, conhecido como "*Castelo Simões Lopes*", com todos os requintes da época, inclusive sistema de calefação, fabricado na Alemanha, e iluminação. "*Em 1924 a 1928 foi intendente em Pelotas e logo a seguir deputado federal e em 1934 foi eleito senador da República*". Z. de LEÓN, "*Pelotas, casarões contam sua história*". D. M. Hofstätter, 1994, vol 2, p. 19-24 e 35-40.

<sup>152</sup> Em Pelotas foi o primeiro bairro a ser projetado com suas vilas dentro do padrão higienizador predominante na época.

<sup>153</sup> Os objetivos dessa comissão eram de dar parecer sobre a expansão da cidade e em todo e qualquer projeto de expansão e regulamentação dos lotes urbanos, passariam pela mesma. Representavam a comissão municipal do plano de melhoramentos os seguintes profissionais: Dr. João Py Crespo, dr. Antonio S.

# HOTEL ALIANÇA DE CAETANO GOTUZZO

Telegrammas: ALLIANÇA



*O bello jardim do Hotel Alliança*

TELEPHONE  
E ENCAMENTO  
HYDRAULICO  
EM TODOS OS  
QUARTOS

E TODO CONFORTO MODERNO

RUA 15 DE NOVEBRO N. 666

PELOTAS- ANÚNCIO DO HOTEL ALIANÇA

FIGURA XXI

Fonte: Álbum comemorativo de Pelotas - 1922

Escala: —

No plano geral, previa as futuras exigências dos proprietários dos meios de produção (industriais e comerciantes) e dava indicativos para os proprietários imobiliários, com melhoramentos próximos ou até mesmo nos locais onde estes possuíam terras.

Pelo plano, a cidade seria dividida nos seguintes setores:

*"centro comercial, centro industrial, zona da indústria da carne, centro de habitação operária, centro de cultura cívica e intelectual, centro de cultura física, cidade jardim e habitação burguesa".*

Convém ressaltar que, ao idealizar o plano de melhoramentos, a elite pelotense vai, através da incorporação imobiliária, valorizar suas terras. Nesse plano, percebemos que a habitação burguesa abrangia os terrenos canalizados e drenados do banhado do Arroio Santa Bárbara, ao longo da Avenida 20 de Setembro e no Bairro Simões Lopes. No traçado de ampliação, o arquiteto Fernando Rullmann projetou, na área da habitação burguesa, um parque de recreio, um hipódromo, um hospital e um centro de exposições agrícolas<sup>154</sup>. O cemitério da cidade, situado no local, seria removido.

Nos bairros de habitação burguesa e na cidade jardim (locais onde se concentraria a "elite pelotense") encontramos vários acionistas da CTMR que seguiram pelo mesmo caminho de Simões Lopes e Gottuzzo e expandiram seus negócios, tornando-se grandes incorporadores imobiliários ao parcelar suas terras. Fizeram grandes loteamentos os senhores Duarte (Vila Gastão Duarte), Gastal (Vila Gastal, depois Vila do Prado), Trápaga (Vila Trápaga) e Carúccio (Vila Carúccio no Fragata e outra no Areal), que, rapidamente, ampliaram o

---

<sup>154</sup> Nesta área existia o Parque Souza Soares e o Prado Pelotense, localizados perto do loteamento Gottuzzo.

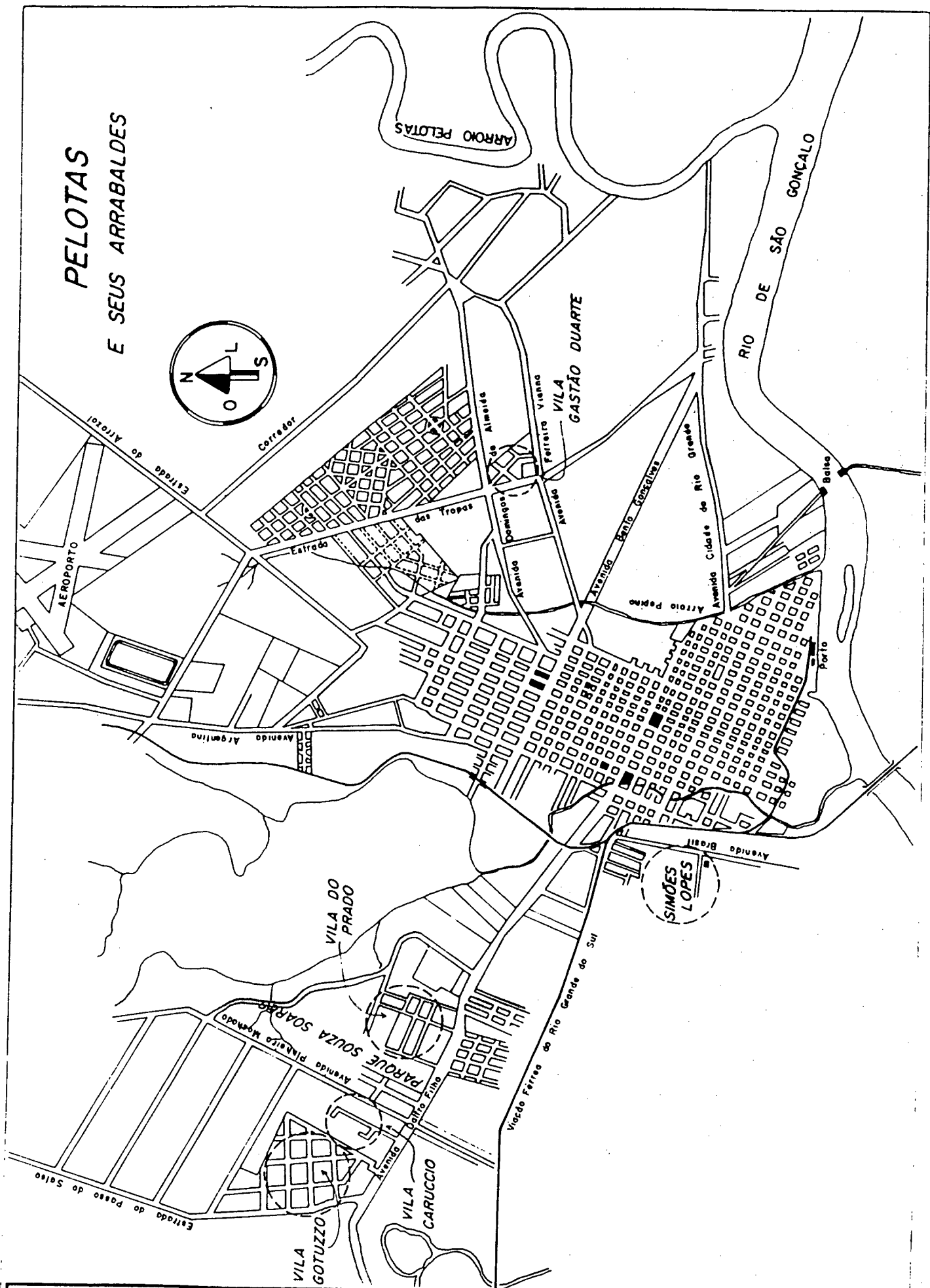
tecido urbano da cidade, formando o corpo dos seus principais bairros: Fragata e Areal<sup>155</sup> (FIGURA XXII).

Portanto, na produção e valorização do espaço urbano, os proprietários imobiliários e o poder público vão levar para seus bairros e vilas os melhoramentos urbanos necessários para a valorização de seus terrenos.

Cabe salientar que a realização de "planos de melhoramentos" era freqüente nas principais cidades brasileiras nesse período, o que trazia um discurso de modernidade para a ação da elite pelotense.

---

<sup>155</sup> No plano de melhoramentos o Bairro Fragata seria de habitação burguesa e o Areal a Cidade Jardim.



PELOTAS- ÁREA URBANA, 1924

FIGURA XXII

Fonte: Arquivo Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente.  
Montagem: Vanda Ueda

Desenho: M. Seibt

Escala: 1 : 25.000



#### 4. A EXPANSÃO TERRITORIAL DA CTMR: OS CENTROS TELEFÔNICOS

A moderna tecnologia adotada pela CTMR vai criar na cidade espaços privilegiados atendidos pelo sistema de telefonia. A tecnificação do espaço urbano passa a ser seletiva, quanto às áreas e aos setores da economia, pois a indústria e o comércio foram beneficiados com a expansão da rede telefônica no tecido urbano.

Assim, os acionistas do Banco Pelotense, que em 1919 não conseguiram satisfazer seus projetos de expansão, criaram outros mecanismos de acumulação, valorizando o solo urbano através de projetos empreendedores e modernizadores. Estébanez (1991) salienta que esses agentes criam novos espaços urbanos conforme as novas exigências tecnológicas, em que o discurso ideológico passa a ser justificado através dos projetos de higienismo e racionalismo vinculados à modernidade e ao progresso técnico<sup>156</sup>.

A expansão territorial da rede da CTMR ocorreu simultaneamente a um grande crescimento urbano e populacional. Foi no início do século XX, momento de crescimento acelerado com a imigração e a acumulação dos capitais por parte dos industriais e comerciantes que seu núcleo urbano foi ampliado.

Segundo OSÓRIO, a área urbana em 1922 era assim delimitada:

*"ao sul, pela margem esquerda do canal São Gonçalo, desde a ponte da estrada de ferro (Rio Grande-Bagé) até o desaguadouro do Arroio Pepino, até encontrar a linha da divisa norte. A oeste pelos trilhos da linha principal daquela via férrea, desde a ponte sobre o S. Gonçalo a ponte do arroio Fragata e dali, pela margem esquerda desse arroio, acima, até a ponte de madeira sobre o mesmo, na Avenida 20 de Setembro, e pelo lado norte desta até encontrar a linha divisória do norte. Ao norte uma linha reta leste-*

<sup>156</sup> J. ESTÉBANEZ ALVAREZ. "Las ciudades - morfología y estructura". Editorial Síntesis.S.A, 1991, p. 10-11.

*oeste, passando pela extremidade sul do logradouro público, desde o Arroio Pepino até os trilhos do ramal da linha férrea que desce pelos banhados do Santa Bárbara' (1922:150).*

Evidenciando o crescimento da cidade nesse período, Pelotas contava com 6.957 prédios, sendo 216 sobrados, 206 assobradados e 6.533 térreos. No ano de sua fundação (1919), o número de telefones em funcionamento ligados à CTMR era de 1.600<sup>157</sup>. Após o contrato com a "Western Company", a empresa passou a ter mais 400 linhas telefônicas, formando uma rede de 2.000 telefones. A mesma companhia instalou mais de 2.000 metros de cabos subterrâneos de 700 pares e 4.500 de linhas aéreas com 500 pares<sup>158</sup>.

Entre 1900 e 1920 a população de Pelotas teve um aumento estrondoso, alcançando 82.000 mil habitantes, sendo que 45.000 mil habitantes residiam no núcleo urbano. Tal crescimento refletia amplo processo de modernização em curso, que atingia as funções urbanas e toda a economia regional. A expansão urbana ocasionou a segmentação da cidade, pois naquele momento surgiram inúmeras vilas destinadas às camadas mais pobres, situadas em terrenos mal localizados, como nas áreas próximas às várzeas ou afastadas do centro.

A TABELA I mostra esse aumento significativo, quando as inovações tecnológicas em geral e os diferentes setores produtivos da região (comércio, indústria e serviços) provocaram e influenciaram o aumento populacional e, conseqüentemente, atuaram no processo de urbanização da cidade.

---

<sup>157</sup> Dados fornecidos pela CTMR. In: História da CTMR. s/d. A Companhia Telefônica Riograndense possuía na cidade apenas 320 assinantes.

<sup>158</sup> Relatório apresentado ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1923, pelo intendente Dr. Pedro Luís Osório, p. 78.

TABELA I

## PELOTAS: POPULAÇÃO RECENSEADA (1872-1920)

<i>ANO</i>	<i>POPULAÇÃO</i>
1872	24.503
1890	41.591
1900	44.881
1920	82.000

Fonte: Da Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul (1858-1972). FEE: Porto Alegre, 1981. Montagem: Vanda Ueda

Neste momento de crescimento da cidade, os diretores da CTMR iniciaram a construção de novos centros telefônicos e a rede telefônica subterrânea obedeceria aos planos de crescimento da cidade<sup>159</sup>.

Em 1921, a Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência passou a ser fiscalizada pela Intendência Municipal, comprometendo-se a instalar até quinze aparelhos telefônicos para a Intendência, nos pontos em que ela requeresse, inclusive na zona rural (ANEXO VIII). Assim, seus diretores em 1922 investem também nos "Centros Rurais", construindo os centros telefônicos do Fragata, Capão do Leão e Três Vendas, aumentando o número de telefones. Ao lado dessas linhas foram construídas, ainda, linhas rurais para as charqueadas na costa do Arroio Pelotas, Boa Vista, Cascalho, Cotovelo, Retiro e Hydraulica.

Apesar das dificuldades burocráticas e concorrenciais para expandir linhas telefônicas para outras cidades, observamos crescimento no número de telefones - 2.121 em 1923, com 2.025 assinantes<sup>160</sup>. Essa diferença se explica pelo fato de muitos agentes

<sup>159</sup> Plano de melhoramento, conforme a Intendência Municipal.

<sup>160</sup> Relatório de 1924, apresentado pelo intendente Dr. Pedro Luis Osório, p. 76-77.

possuírem dois telefones da CTMR<sup>161</sup>. Observamos que na concorrência por um serviço eficiente, a Companhia Telefônica Riograndense, que (conforme frisado anteriormente) também possuía telefones na cidade, investiu em manutenção e substituição dos postes e reduziu os preços das ligações apresentando tabelas diferenciadas para cada tipo de usuário<sup>162</sup>.

No relatório apresentado ao Conselho Municipal de 1926, existiam 2.475 particulares<sup>163</sup>. A cidade contava com 57 telefones nas repartições públicas, além de 12 telefones privativos da empresa<sup>164</sup>.

A extensão das linhas passou a ser de 3.837 metros e, pela primeira vez, encontramos nos relatórios da Intendência dados sobre o número de trabalhadores na CTMR. Eram no total 93 trabalhadores (37 homens e 56 mulheres - na sua maioria as telefonistas).

Na década de trinta, a Companhia possuía 2.830 aparelhos colocados nos municípios de Pelotas e São Lourenço do Sul. Contava ainda com 7.810 quilômetros de linhas urbanas, 1.810 quilômetros de linhas rurais e 480 quilômetros de linhas intermunicipais<sup>165</sup>.

---

<sup>161</sup> Como Alberto Rosa, Bruno de Mendonça Lima, Antônio Tonca Duarte, entre outros.

<sup>162</sup> Conforme o Relatório de 1924, a Companhia Telefônica Riograndense atualizava suas tabelas e reduzia os preços das assinaturas, organizando-as em quatro classes. *"A classe A era para as casas de família, garagens e cocheiras particulares. A Classe B era para as casas de negócio a varejo, escritórios, oficinas, pequenas fábricas, garagens e cocheiras para até dois veículos. A Classe C era a que mais pagava, pois nessa classe estavam as casas importadoras e exportadoras, fábricas, estabelecimentos industriais, bancos companhias, hotéis, messageiras; e a classe D era para telefones suplementares"*. p. 80.

<sup>163</sup> Relatório do intendente Dr. Augusto Simões Lopes, 1926, p. 41-43

<sup>164</sup> Conforme acordo que o intendente Dr. Pedro Luís Osório (1922) firmara com a CTMR, para isentá-la de pagamento dos telefones. Os 57 telefones estavam espalhados por todo o município de Pelotas e de São Lourenço do Sul. Os números 0, 13 e 24 eram os da CTMR, pois era difícil vender esses números. Exemplo do número 13: a maioria dos assinantes não gostaria de adquirir um número considerado de azar.

<sup>165</sup> F. PIMENTEL, *"Aspectos gerais de Pelotas"*, Typographia Gundlach, 1940, p. 27.

A tabela a seguir evidencia o crescimento do número de telefones em Pelotas, comparando-o com o da capital do Estado, a cidade de Porto Alegre.

TABELA II  
PELOTAS (CTMR) E PORTO ALEGRE: EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE  
TELEFONES (1919 A 1930)

ANO	NÚMERO DE TELEFONES EM PELOTAS	NÚMERO DE TELEFONES EM PORTO ALEGRE
1919	1.600	2.212*
1921	2.000	2.212
1923	2.121	2.330
1926	2.475	2.709
1930	2.830	4.180

\*O dado refere-se a 1920

Fontes: Documento interno da CTMR - 1996. Relatórios da Intendência Municipal de Pelotas - 1921-1923-1926 e PIMENTEL, F. "Aspectos gerais de Porto Alegre", 1945

Montagem: Vanda Ueda

Percebemos que o número de telefones na cidade de Pelotas equivalia ao da capital do Estado até 1926. Como sua população era menor (Porto Alegre em 1920 já possuía 205.000 habitantes), a cidade apresentava um número de telefones por habitante muito maior. Mesmo quando em 1930, o número de telefones instalados em Porto Alegre é maior que o de Pelotas, relativamente ao número de habitantes, temos uma equivalência. Convém destacar, ainda, que

sendo Porto Alegre a capital do Estado, o número de telefones em repartições e órgãos públicos seria bem maior do que em Pelotas. Concluímos que nessa cidade houve maior apropriação do telefone pelos seus habitantes do que na capital do Estado. Cabe ressaltar, ainda, que o quadro apresentado refere-se apenas aos telefones da CTMR, não sendo computados os aparelhos pertencentes à Companhia Telefônica Riograndense, pois, conforme visto anteriormente, muitas empresas possuíam telefones das duas companhias na cidade.

Implantaram-se nesse período, também, nos principais bairros da cidade e nas localidades atendidas pelos serviços da Companhia, os "Centros-filiais" (centrais telefônicas que atendiam tais localidades):

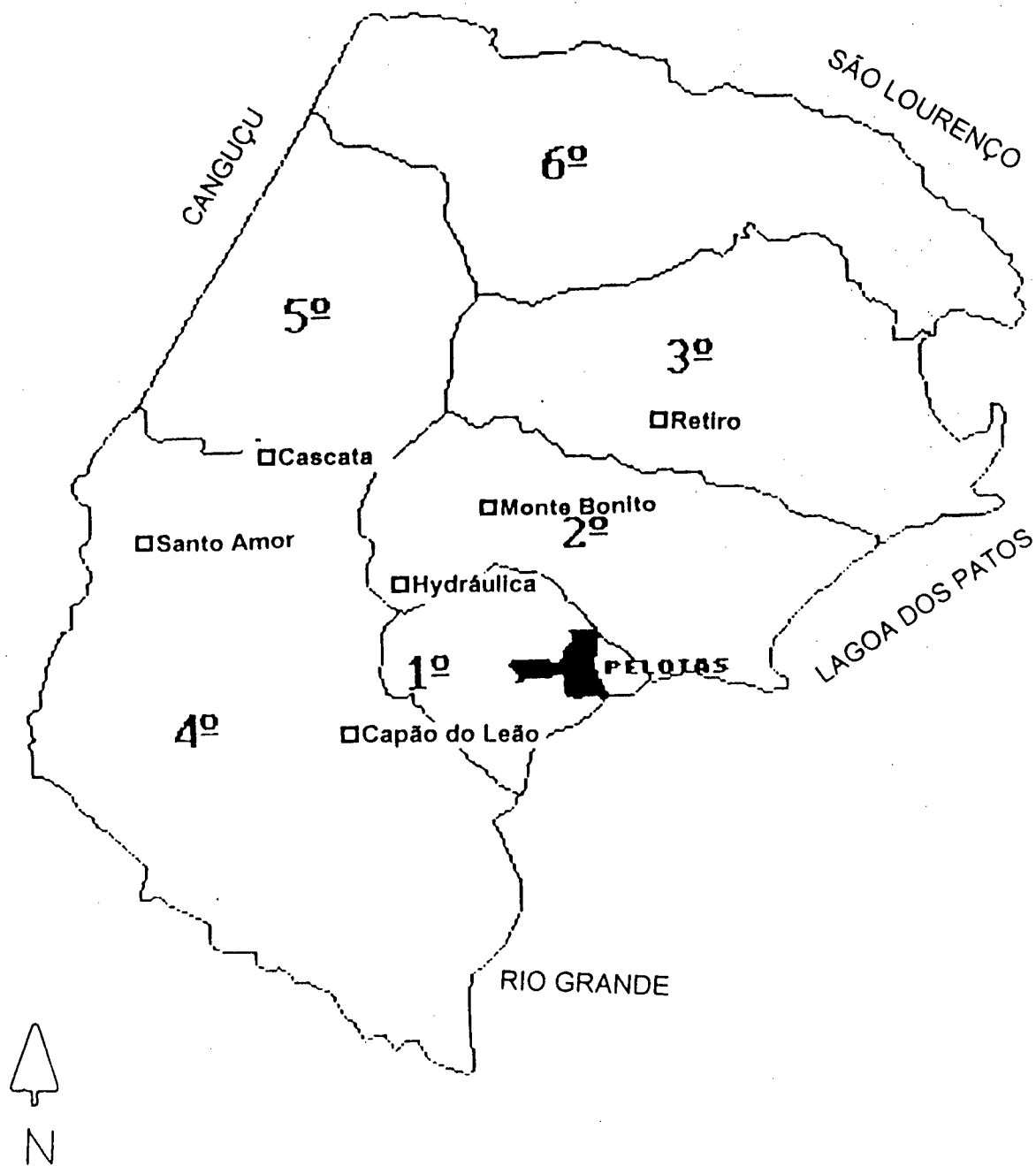
A seguir, apresentamos a expansão territorial do telefone em Pelotas na década de trinta, com os nomes desses centros, citando a sua localização e as principais características quanto aos usuários dos telefones<sup>166</sup> (FIGURA XXIII).

#### 4.1 ÁREA CENTRAL DA CIDADE AO PORTO

A localização da rede telefônica na área central visava a atender principalmente comerciantes, profissionais liberais, bancos e as famílias que residiam no núcleo urbano. Eram eles os que mais utilizavam o telefone nesse centro. Nos levantamentos realizados, percebemos que os acionistas da CTMR possuíam mais de um telefone em seu nome ou em nome de algum filho(a). Em 1924, visando a atender (mais uma vez) interesses específicos da elite pelotense, a Intendência e o Conselho Municipal alteraram os limites distritais. O bairro Areal, que pertencia ao segundo distrito, passou a pertencer ao primeiro, pois a "Cia Française du Port de Rio Grande do Sul" que estava

---

<sup>166</sup> Segundo o Guia nº 13 da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência.



**PELOTAS- LOCALIZAÇÃO DOS CENTROS TELEFÔNICOS DA CTMR NA ZONA RURAL**

Fonte: Guia no. 13 da CTMR e mapa do município - 1911  
 Montagem: Vanda Ueda

Desenho digitalizado Alexandre A

**FIGURA XXIII**

Escala: 1: 90.000

construindo o barro e o porto de Rio Grande projetara a construção de uma estrada de ferro que ligaria o centro industrial de Pelotas com a cidade de Santa Maria<sup>167</sup>. O ramal passaria pelo bairro do Areal, porém não foi construído em sua totalidade.

No bairro Areal estavam, também, as sedes das indústrias pastoris (charqueadas), que seriam contempladas com os benefícios da rede telefônica e de outro tipos de infra-estrutura.

Cabe salientar que parte do bairro, segundo o plano de melhoramentos de 1924, estaria dentro da chamada "cidade jardim", portanto o telefone teria grande utilidade.

#### 4.2 OS BAIRROS DA CIDADE

- Fragata: bairro localizado em uma das principais vias de acesso das tropas<sup>168</sup>. As linhas telefônicas atendiam principalmente as famílias, pois era um bairro residencial com grandes loteamentos e estabelecimentos comerciais (armazéns), "depósitos coloniais", além de chácaras, poucas fábricas e o Instituto Agrônômico. Possuía boa infraestrutura, principalmente nos novos loteamentos (Gotuzzo, Prado, Vila São Francisco) e no Parque Pelotense.

- Três Vendas: bairro de ligação entre a cidade e a "Colônia"<sup>169</sup>, os telefones eram de depósitos coloniais, de famílias e armazéns. Além disso, possuía muitas pousadas para os viajantes que o utilizavam como

<sup>167</sup> Assim os produtos das indústrias pelotenses atingiriam as áreas centrais do Estado.

<sup>168</sup> M. O. MAGALHÃES, no artigo "Em torno das raízes" coloca que, "*o Bairro Fragata tem esse nome por causa do arroio. E o arroio chama-se assim porque em certa altura das margens é que se erguia a charqueada de Antônio dos Anjos que era filho de contra-mestre de navio e, por isso, foi apelidado de Fragatinha. Os apelidos de pai e filho acabaram por identificar, por extensão, o bairro-cidade.*" Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas, Pelotas, v.1, n.1, p. 41-49, abr/jun 1994.

<sup>169</sup> Denominação comum da área da zona rural de Pelotas, caracterizada pela pequena propriedade policultora.



ponto de paragem. Nesse bairro estavam localizados principalmente os armazéns dos imigrantes alemães.

#### 4.3 A ZONA RURAL DO MUNICÍPIO

- Capão do Leão: Existia um pequeno núcleo urbano às margens da estrada de ferro (Bagé-Rio Grande), por cuja estação de trem os proprietários locais escoavam sua produção, armazenando-a também ali. Nesse pequeno núcleo estava localizada ainda a pedreira municipal (de onde eram retirados os paralelepípedos para o calçamento das ruas e para as construções). Os telefones nesse centro eram de chácaras e estâncias (muitas das quais de fundadores e acionistas da CTMR). As localidades de Passo do Valdez, Passo das Pedras e Climaco eram caracterizadas pela presença das grandes propriedades com plantações de arroz, milho e cevada. Os maiores proprietários de terras eram das famílias Assumpção, Osório, Berchon e Alberto Rosa<sup>170</sup>;

- Hydraulica: Era um centro com telefones pertencentes à depósitos coloniais, armazéns e famílias, além da Represa Moreira (reservatório de abastecimento da cidade);

- Retiro: Centro-filial de maior abrangência territorial na zona rural do município, atendia as localidades de Retiro, Cerrito, Cerrito Alegre e a colônia Santa Silvana. Os telefones aí instalados eram basicamente os dos depósitos coloniais e das subprefeituras espalhados pelo interior. Localizava-se nessa área a Sociedade Cooperativa União Rural, que servia de entreposto dos produtos da colônia e distribuía

---

<sup>170</sup> Arthur Augusto de Assumpção possuía a Estância do Pavão. O Instituto Agrônomo possuía para as aulas práticas de campo, a estância denominada "Palma". Os acionistas José de Souza Mascarenhas, Dr. Nede Lende Xavier, Dr. Edmundo Des-Essarts Peres possuíam chácaras onde passavam os finais de semana.

mercadorias.<sup>171</sup>

- Monte Bonito: Era um centro que atendia poucos armazéns e depósitos, além do "Batalhão Ferroviário" da estrada-de-ferro Pelotas-Santa Maria que estava em construção.
- Cascata: caracterizada pela pequena propriedade de imigrantes europeus e algumas chácaras (de acionistas da CTMR). Devido à sua grande produção de árvores frutíferas, ali foi construída a Estação Experimental de Pelotas (agrícola). Os telefones serviam à estação e aos proprietários dessas chácaras, entre eles Frederico Carlos Lang Filho e Sylvio da Cunha Echenique.
- Santo Amor: os telefones atendiam os depósitos coloniais aí localizados.

Não podemos deixar de mencionar ainda os centros da cidade vizinha de São Lourenço do Sul e Boqueirão.

- São Lourenço (cidade): atendia famílias, repartições públicas e negócios, incluindo a agência da Capitania dos Portos do Rio Grande do Sul.
- Boqueirão (zona rural): atendia basicamente casas de negócio (armazéns e depósitos coloniais).

Esta era a distribuição dos centros telefônicos, que, de acordo com os tipos de telefones que atendiam, esboçam a dimensão da organização espacial do município de Pelotas e a relação entre a rede técnica implantada (a rede telefônica), sua expansão e a espacialização das atividades econômicas.

É relevante considerar a presença do telefone nos estabelecimentos rurais dos principais acionistas da CTMR,

---

<sup>171</sup> Os depósitos coloniais de Nelson Krolow, Rudi Lang, Herbert Teichert e Ambrosio Perret estavam localizados na sua grande maioria, na Colônia Santa Silvana.

evidenciando que a companhia atendia muito bem os interesses dos seus controladores.

A expansão da rede telefônica, nas primeiras décadas do século XX em Pelotas, demonstrava todo o dinamismo da sua economia, sendo necessário investir em infra-estrutura básica.

Neste processo, a elite pelotense investiu na urbanização, nas inovações tecnológicas em geral e na expansão da rede telefônica, da qual os acionistas da CTMR se beneficiariam, utilizando-se do seu poder sobre a mesma. O telefone foi utilizado como fator de diminuição de distâncias e auxiliar na acumulação de capitais, satisfazendo esses empreendedores na busca dos benefícios proporcionados pela modernidade.

Observamos, assim, como uma elite que teve suas origens na propriedade e na produção agropecuária transferiu seus negócios e seu poder (sem se desligar da terra) para o meio urbano, tornando o crescimento da cidade e seus elementos de infra-estrutura (em particular a rede telefônica) um fator de acumulação.

Chegamos aqui ao modelo espacial que se consolidou como a área de atuação da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência, que não se expandiu para outras áreas do Rio Grande do Sul e se tornou uma empresa de telecomunicações restrita ao espaço de Pelotas, mas que forneceu condições de ligação entre a cidade e o resto do mundo. Convém ressaltar que, os serviços interurbanos foram implantados num período posterior ao de nosso estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos nosso trabalho, tínhamos a preocupação de responder a seguinte questão: quais foram as condições de ordem política, econômica, social e espacial que presidiram a implantação da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR) na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, bem como os interesses e as estratégias de sua manutenção e expansão?

Optamos por formular, em nossa investigação, uma hipótese central: a criação e a expansão da CTMR refletiam os anseios e aspirações da elite pelotense, que vivenciava a perda de poder econômico e político com a liquidação do Banco Pelotense, seu principal instrumento de acumulação.

Partimos de um referencial teórico-metodológico que considera as redes técnicas como partes constituintes do espaço geográfico, sendo, portanto, produzidas de acordo com os processos de produção e reprodução da sociedade.

A partir daí, procuramos analisar como se dá a territorialização e a apropriação das inovações tecnológicas e das redes técnicas (a rede telefônica em particular) na sociedade capitalista. Todavia, nosso

interesse voltou-se principalmente sobretudo para a implantação da rede telefônica em um espaço específico: a cidade de Pelotas.

Por esta razão, é necessário reconstruir o processo histórico de desenvolvimento econômico e regional de Pelotas e os seus reflexos na produção e organização do espaço urbano da cidade.

Através desse caminho, pudemos observar que a elite da cidade, no final do século XIX, estava perfeitamente relacionada com os principais centros mundiais que viviam o advento da modernidade. Os modelos seguidos foram sobretudo os de Londres, Paris, Barcelona e, na América do Sul, Buenos Aires, que vivia também sob o ritmo da europeização. Em Pelotas, esta se deu através da inserção - no cotidiano da cidade - de hábitos, costumes, modas, que procuravam imitar o modelo europeu de vida moderna. O telefone foi um instrumento poderoso na definição desse novo cotidiano em Pelotas.

Em decorrência do desenvolvimento econômico e do crescimento populacional da cidade de Pelotas, sua elite buscou mais uma vez modelos para superação dos problemas urbanos<sup>172</sup>, criando novos espaços de expansão urbana. As reformas nos códigos de construção e reconstrução visavam sobretudo impor medidas de higiene e estética das habitações. Porém, essas medidas de "reorganização social"<sup>173</sup> do espaço urbano revelam, em todos os documentos consultados, o discurso de uma elite que ansiava por fortalecer ainda mais o seu poder junto com a expansão da cidade. Nessa busca pelas reformas urbanas, as classes populares não tiveram opção de escolha com relação às moradias, e ainda pagaram altas taxas por elas.

---

<sup>172</sup> Cortiços na área central, falta de calçamento, precário serviço de coleta de lixo e esgotos e segurança.

<sup>173</sup> Termo utilizado por C. MONTEIRO, op. cit, 1995.

Observamos que a elite se beneficiou com as reformas, valorizando seus terrenos com os projetos de melhoramento. Pretendiam dotar a cidade de infra-estrutura urbana que impulsionasse o seu desenvolvimento, tendo por modelo e imagem as grandes cidades do mundo.

A criação de nova Companhia e sua expansão criou espaços privilegiados pela técnica (telefone) e, conseqüentemente, formou uma "rede de telefones" de acordo com seus interesses, fortalecendo ainda mais a hegemonia da elite pelotense.

Percebemos que alguns agentes inovadores (a elite pelotense) estavam ligados entre si, formando uma "rede social" e uma "rede geográfica" vinculada à acumulação de capitais. Esses agentes sociais, aqui representados pelos proprietários fundiários e imobiliários, modificaram e reestruturaram os espaços de acordo com seus interesses.

O poder de tais agentes não estava apenas na sua ligação com a CTMR, mas também em uma gama de cargos políticos (nas diversas esferas) que eram ocupados por essas pessoas. Também a sua posição enquanto comerciantes e industriais era favorecida pela presença de uma companhia telefônica sob seu controle.

A CTMR foi fundada em 1919 tendo dois objetivos principais: melhorar os serviços e resistir à dominação do capital estrangeiro. Objetivos da e para a elite pelotense, um grupo social que procurava manter seu poder, mesmo que se distanciando (pelas mudanças políticas e econômicas que ocorriam no país) do poder político e econômico do Estado.

A manutenção do controle da Companhia entre a elite pelotense evidenciou a coesão desse grupo e a sua capacidade de

articulação visando à reprodução do seu esquema de poder, ainda que circunscrito à cidade e ao município de Pelotas.

Destacamos o papel das redes técnicas (a rede telefônica em particular) na constituição do espaço geográfico. Vimos que elas exercem funções importantes no espaço urbano ao acrescentar-lhe um conteúdo técnico-científico. Todavia, pudemos concluir que as redes por si sós não protagonizam a estruturação do espaço, ou seja, as redes estão no espaço urbano para atender interesses dos grupos dominantes que presidem a sua produção e organização.

A partir desta leitura tendo como base um espaço singular, de história riquíssima como a cidade de Pelotas, esperamos ter contribuído para a ampliação da discussão deste tema na Geografia.

## BIBLIOGRAFIA

### LIVROS E TESES

- ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. São Paulo: Mestre Jou, 1982. 979p.
- ALMEIDA, P. F. C. de (coord.). A economia gaúcha os anos 80: uma trajetória regional no contexto da crise brasileira. Porto Alegre: FEE, 1990.198p.
- ALONSO, J. A. F. Evolução das desigualdades inter-regionais de renda interna no Rio Grande do Sul: 1939-70. Porto Alegre: FEE, 1986. 160p.
- ARRIADA, E. Pelotas: gênese e desenvolvimento urbano (1780-1835). Pelotas: Editora Armazém Literário, 1994. 176p.
- BADARÓ, R. de S. C. Campinas: o despontar da modernidade. Campinas: Área de publicações CMU/UNICAMP, 1996. 161p.
- BAKIS, H. Géographie des télécommunications. Paris: Press Universitaires de France, 1984. 127p.
- BANDEIRA, P. S. O Rio Grande do Sul e as tendências da distribuição geográfica do crescimento da economia brasileira 1940-1980. Porto Alegre: FEE, 1988. 115p



- BENAKOUCHE, T. Du téléphone aux nouvelles technologies: implications sociales et spatiales des réseaux de télécommunication au Brasil. Tese de Doutorado. Paris: Université Paris XII, 1989. 254p.
- BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 360p.
- BOBBIO, N. et al. Dicionário de política. Brasília: EdUNB, 1992. v. 1 e 2.
- BOTTOMORE, T. B. As elites e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1985, v. 1 e 2.
- BRITO, M. Subsídios para a história da telefonia no Brasil. Rio de Janeiro: NEC do Brasil, 1976. 193p.
- CALDEIRA, J. et al. Viagem pela História do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 351 p.
- CAPEL, H. Capitalismo y morfología urbana en España. Barcelona: Los libros de la frontera, 1983. 143p.
- CAPEL, H. (dir.). Las Tres Chimeneas. Implantación industrial, cambio tecnológico y transformación de un espacio urbano barcelones. Barcelona, 1994, v. 1, 2 e 3.
- CARVALHO, J. M. de. Mauá e a ética Saint-Simoniana. Londrina: Editora UEL, 1997. 293p.
- CARDOSO, F. H. Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 303p.
- CHARLOT, M. e MARX, R. Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 191p.
- CLAVAL, P. Espaço e poder. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. 254p.
- CORRÊA, R. L. A rede urbana. São Paulo: Ática, 1989. 96p.

- CORRÊA, R. L. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989. 94p.
- CORRÊA, R. L. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 302p.
- COSTA, R. H. da. Latifúndio e identidade regional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 104p.
- COSTA, R. H. da. "Gaúchos" no nordeste: modernidade, des-territorialização e identidade. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.
- DIAS, L. C. D. Les réseaux de télécommunication et l'organisation territoriale et urbaine au Brésil. Paris: Tese de Doutorado, 1991. 304p.
- DIAS, L. C. D. Réseaux d'information et réseau urbain au Brésil. Paris: L'Harmattan, 1995a, 172p.
- DUTRA, E. de F. (org.) . BH: horizontes históricos. Belo Horizonte: C/ARTE, 1996. 344p.
- ESTÉBANEZ-ALVAREZ, J. Las ciudades - morfología y estructura. Madrid: Editorial Sintesis S.A, 1991. 192 p.
- FONSECA, P. C. D. RS: economia & conflitos políticos na República Velha. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1983. 144p.
- GOMES, P. C. da C. Geografia e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1996. 366p.
- GONZÁLEZ, H. A comuna de Paris - os assaltantes do céu. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. 120p.
- GOULART, J. S. A formação do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985. 208p.
- HARVEY, D . A justiça social e a cidade. São Paulo: Hucitec, 1980. 291p.
- HARVEY, D. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola. 1992. 349p.

- HOBSBAWM, E. J. A era dos impérios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 546p.
- HUGHES, R. Barcelona. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 614p.
- LAGEMANN, E. O Banco Pelotense. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1985. 254p.
- LAYTANO, D. de. História da república rio-grandense (1835-1845). Porto Alegre: Sulina, 1983. 389p.
- LEÓN, Z. de. Pelotas, casarões contam sua história. Pelotas: D. M. Hofstätter, V. 1 e 2, 1994.
- LIBOIS, L.-J. Genèse et croissance des télécommunications. Paris: Masson, 1983. p. 415.
- KROETZ, L. R. A história da telefonia no Paraná. Curitiba: TELEPAR, 1982. 133p.
- MACHADO, L. O. Brasil II - recursos y regiones. Madrid: Ediciones Anaya, 1988. V. 2.
- MACULAN, A-M. O processo decisório no setor das telecomunicações. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1981. 197p.
- MAGALHÃES, M. O. Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Editora da UFPel, 1993. 293p.
- MAGALHÃES, M. O. Os passeios da cidade antiga - guia histórico das ruas de Pelotas. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1994. 119p.
- MARQUES, A. da F. Evolução das charqueadas rio-grandenses. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990. 196p.
- MARQUES, A. da F. A economia do charque. O charque nas artes. Culinária do charque. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992. 190P.
- MELO, F. Os fios telefônicos: novelo. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 1996. 146 p. (reedição).

- MINELLA, A. C. Los banqueros y su organización de clase en Brasil (1960-1980). Tese de Doutorado, UAM, 1986.
- MONBEIG, P. Pioneiros e fazendeiros de São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1984. 392p.
- MONTEIRO, C. Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. 152p.
- NEDELL, J. D. Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do Século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 383p.
- NETO, J. S. L. História de Pelotas. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1994. 120p.
- OSÓRIO, F. L. A Cidade de Pelotas. Porto Alegre: Editora Globo, 1922. 243p.
- OSÓRIO, Fernando Luiz. Álbum de Pelotas. Pelotas: Sete de Setembro de 1922.
- PESAVENTO, S. J. RS: A economia & o poder nos anos 30. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. 192p.
- PESAVENTO, S. J. República velha gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980. 305p.
- PESAVENTO, S. J. História da indústria sul-rio-grandense. Guaíba: RIOCELL, 1985. 125p.
- PIMENTEL, F. Aspectos gerais de Pelotas. Porto Alegre: Typographia Gundlach, 1940.
- PIMENTEL, F. Aspectos gerais de Porto Alegre. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1945, Vol. I e II.
- RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993. 269p.

- RÉMOND, R. Introdução à história de nosso tempo. São Paulo: Cultrix, 1976, vol. 2, 207p.
- RIBEIRO, L. C. de Q. Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira:IPPUR,UFRJ: FASE, 1997. 352p.
- ROBIN, G. Les télécommunications. Paris: Press Universitaires de France, 1985.126p.
- RONCAYOLO, M. La ville et ses territoires. Paris:Gallemand, 1990. 278p.
- SANTOS, M. Ensaio sobre a urbanização latino-americana. São Paulo: Hucitec, 1982. 194p.
- SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SANTOS, M. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993. 157p.
- SANTOS, M. Técnica, espaço, tempo-globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994. 190p.
- SANTOS, M. A natureza do espaço-técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996. 308p.
- SANTOS, M. et al. Fim do Século e globalização. São Paulo: Hucitec, 1993. 342p.
- SCARDIGLI, V. Les sens de la technique. Paris: PUF, 1992. 275p.
- SILVA, P. A. de O. Pequena história da telefonia no Ceará. Fortaleza: TELECEARÁ, 1982.177p.
- SINGER, P. I. Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- SOJA, E. W. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. ,1993. 324p.

- TEIXEIRA, J. P. Os donos da cidade. Florianópolis: Editora Insular. 1996. 244p.
- VARELA, A. Rio Grande do Sul, descrição physica, histórica e econômica. Porto Alegre: Livraria Universal, 1897.
- VÁSQUEZ-RIAL, H. (dir.). Buenos Aires 1880-1930. La capital de un imperio imaginario. Madrid: Alianza Editorial, 1996. 443p.
- VIRILIO, P. Vitesse et politique. Paris: Galilée, 1977. 151p.
- VIRILIO, P. O espaço crítico e as perspectivas do tempo real. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993. 160p.
- ZÁRATE MARTÍN, A. El espacio interior de la ciudad. Madrid: Editorial Síntesis, 1991. 253 p.
- WILHELM, J. Paris no tempo do rei sol, 1660-1715. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 269p
- WRIGHT, A. Impressões do Brazil no Século vinte. Londres: Loyd's greater Britain Publishing., 1913.

## ARTIGOS

- ABREU, M. de A. Habitação popular, forma urbana e transição para o capitalismo industrial: o caso do Rio de Janeiro. In: Geografia e meio ambiente. Berta K. Becker (org.). São Paulo: Hucitec, p. 118-135.
- ABREU, M. de A. Pensando a cidade no Brasil do passado. In: Colóquio - O discurso geográfico na aurora do Século XXI. Programa de Pós-graduação em Geografia - UFSC. nov.1996.
- BENAKOUCHE, T. Novas tecnologias de comunicação, velhas desigualdades regionais. Cadernos IPPUR-UFRJ, nº 01, p.33-45, 1991.

- BENAKOUCHE, T. Novas tecnologias de comunicação: realidades e mitos. Universidade e Sociedade, Ano V, nº 9, p.56-59, outubro 1995.
- BERTHO, C. Pneumatique, télégraphe, téléphone. Les réseaux de télécommunications à Paris-1879-1927. Les Annales de la recherche urbaine, nº 23-24. p.143-155
- BORJA, J. Los actores sociales en la construcción de la ciudad. In: Ciudad y territorio. Revista de Ciencia Urbana. nº 57-58, 3-4, p.17-35, 1983.
- BRAUN, C. e CACCIATORE, J. El imaginario interior: el intendente Alvear y sus herederos. Metamorfosis y modernidad urbana. In: Buenos Aires 1880-1930 (La capital de un imperio imaginario). H. Vázquez-Rial (dir.). Madrid: Alianza Editorial, p. 31-71, 1996.
- CAPEL, H. Estado, administración municipal y empresa privada en la organización de las redes telefónicas de las ciudades españolas -1877-1923. Geocrítica nº100. Universidad de Barcelona. dezembro 1994. 65p.
- CAPEL, H. Desarrollo científico, innovación técnica y crecimiento económico em la ciudad contemporánea. Conferência no 6º Encontro de Geógrafos de America Latina. Buenos Aires: março de 1997.
- CAPEL, H e TATJER, M. La organización de la red telegráfica española. In: Ciencia e ideología en la ciudad II. I Coloquio interdepartamental, Valencia, 1991. Valencia: Generalitat Valenciana - Conselleria d'Obres Públiques, Urbanisme i Transports, 1994.
- CARRION, O. B. K. e DEBIAGI, M. C. Novas tecnologias e organização do espaço. In: O Rio Grande do Sul Urbano. Naia Oliveira, Tanya Barcellos (orgs.). Porto Alegre, FEE, p. 214-229, 1990.

- CASTELLS, M. Mudanças tecnológicas, reestruturação econômica e a nova divisão espacial do trabalho. Espaço & Debates. São Paulo: NERU, 6 (17), p. 5-23, 1986.
- CORDEIRO, H. K. As telecomunicações e as redes urbanas no Brasil: pesquisas em desenvolvimento. Boletim de Geografia Teórica. nº39, p. 89-93, 1990.
- CRUZ, G. P. da. Pelotas. Espaço construído no início da república. In: Urbanismo no Rio Grande do Sul. Günter Weimer (org.). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, p. 109-134, 1992.
- CRUZ, J. M. et al. Telecomunicações e seu desenvolvimento no Brasil. Brasil: Uma Visão Geográfica nos Anos 80. Rio de Janeiro: IBGE. p. 227-264, 1988.
- CURIEN, N. e GENSOLLEN, M. Réseaux de télécommunications et aménagement de l'espace. Révue Géographique de l'Est. nº 1, p. 47- 56, 1985.
- DIAS, L. C. D. Redes de informação, grandes organizações e ritmos de ritmos de modernização. 3º Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 53-55, 1993.
- DIAS, L. C. D. Desenvolvimento tecnológico e urbanização: o ritmo das redes técnicas. Seminário Metropolização e Sociedade: Novas tendências nas relações espaço-tempo. Rio de Janeiro: 1993.
- DIAS, L. C. D. Redes: emergência e organização. In: Geografia: conceitos e temas. Iná Elias de Castro, Paulo César da Costa Gomes e Roberto Lobato Corrêa (orgs.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 141-162, 1995b.



- DIAS, L. C. D. e BENAKOUCHE, Tamara. Télécommunications et dynamique spatiale le cas du Brésil. Communications et territoires communications and territories. Paris: PUF, p.177-185,1990.
- DUPUY, G. Les effets spatiaux des techniques de télécommunications: ouvrons la boîte noire!. Bulletin de l'IDATE. nº 7, p.77-83,1982.
- DUPUY, G. Villes, systèmes et réseaux. Les Annales de la Recherche Urbaine. nº 23-24, p.231-241, 1984.
- DUPUY, G. Les réseaux techniques sont-ils des réseaux territoriaux? L'espace géographique. nº 3, p. 175-184, 1987.
- GOURNAY, C. de. Les réseaux téléphoniques en France et en Grande-Bretagne. Les Annales de la recherche urbaine. nº 23-24. 156-169.
- JULIÃO, L. Belo Horizonte: itinerários do cidade moderna (1891-1920). In: BH: horizontes históricos. Eliana de Freitas Dutra (org.). Belo Horizonte: C/ARTE, p. 49-118, 1996.
- MAGALHÃES, G. Telecomunicações. In: História da técnica e da tecnologia no Brasil. Milton Vargas (org.) São Paulo: Editora da UNESP: CEETEPS, p.315-373, 1994.
- MAGALHÃES, M. O. Em torno das raízes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas. Pelotas, v.1, n.1, p. 41-49, abr./jun. 1994.
- OFFNER, J.-M. Les "effets structurants" du transport: mythe politique, mystification scientifique. L'Espace géographique, 1993, nº 3. p. 233-242.
- PARDO, M.M. Nuevas tecnologías, territorio y espacio local. Reflexiones y experiencias. In: Estudios territoriales, 31, p. 37-55, 1989.
- POOL, I. de S. Os efeitos sociais do telefone. In: O telefone: ontem, hoje e amanhã. Brasília: Telebrás, p. 09-20, 1979.

RIBEILL, G. Au temps de la révolution ferroviaire: l'utopique réseau.  
In: Réseaux territoriaux. Gabriel Dupuy (dir.). Caen, Paradigme,  
p. 51 -66. 1988.

SARLO, B. Modernidad y mezcla cultural. In: Buenos Aires 1880-1930  
(La capital de un imperio imaginario). H. Vázquez-Rial (dir.).  
Madrid: Alianza Editorial, p. 183-195, 1996.

### PUBLICAÇÕES OFICIAIS E INSTITUCIONAIS

Banco Pelotense. Lista dos acionistas. Relatório anual - 1906.

Banco Pelotense. Lista dos acionistas. Relatório anual - 1929.

BRASIL. Leis, Decretos, etc. Colleção das Leis. Typographia Nacional,  
1880.

BRASIL. Colleção das Leis do Imperio do Brazil. Parte I. Tomo XXIX. Vol.  
I, Typographia Nacional, 1882.

Companhia Hydráulica Pelotense. Relatório anual - 1906.

Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia. Ata de  
Fundação. Pelotas, 1919.

EMBRATEL. Pequena cronologia das telecomunicações. 1994.

Empresa Ferro Carril e Caës de Pelotas. Relatório anual - 1902

FEE. Da Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul (1858-  
1972). Porto Alegre, 1981.

Município de Pelotas. Relatórios da Intendência Municipal  
apresentados ao Conselho Municipal - 1918 a 1928 .

REVISTAS E JORNAIS

Almanaque de Pelotas - 1920, 1927, 1930.

Correio Mercantil - Pelotas - 04 de julho de 1884.

Correio Mercantil - Pelotas - 09 de julho de 1884.

Correio Mercantil - Pelotas - 12 de julho de 1884.

Correio Mercantil - Pelotas - 14 de julho de 1884.

Correio Mercantil - Pelotas - 17 de julho de 1884.

Correio Mercantil - Pelotas - 23 de julho de 1884.

Correio Mercantil - Pelotas - 24 de julho de 1884.

Correio Mercantil - Pelotas - 03 de julho de 1895.

Correio Mercantil - Pelotas - 20 de agosto de 1886.

Correio Mercantil - Pelotas - 27 de março de 1891.

Diário Popular - Pelotas - 02 de agosto de 1917.

Diário Popular - Pelotas - 31 de dezembro de 1918.

Diário Popular - Pelotas - 03 de maio de 1919.

Diário Popular - Pelotas - 08 de março de 1997.

Diário da Manhã - Pelotas - 20 de março de 1986.

Diário da Manhã - Pelotas - 23 de agosto de 1992.

Diário da Manhã - Pelotas - 06 de setembro de 1992.

Diário da Manhã - Pelotas - 13 de setembro de 1992.

Diário da Manhã - Pelotas - 14 de março de 1993.

Diário de Rio Grande - Rio Grande - 21 de agosto de 1886.

Hotelnews - número 278 - maio/junho - 1995.

MAGALHÃES, N. N. (editor) Pelotas Memória, ano 8 - número 1- 1997

Revista do Museu do Telefone. São Paulo: TELESP, s/d.

## ANEXO I

## ACTOS DO PODER EXECUTIVO

DECRETO N. 8453 A - DE 11 DE MARÇO DE 1882

**Estabelece bases para a concessão de linha telephonicas.**

Convindo estabelecer bases geraes para a concessão de linhas telephonicas, Hei por bem Approvar as que com este baixam assignadas por Manoel Alves de Araújo, do Meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negócios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, que assim o tenha entendido e faça executar. Palácio do Rio de Janeiro em 11 de Março de 1882, 61º da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.

*Manoel Alves de Araujo*

**Bases para a concessão de linha telephonicas,  
a que se refere o Decreto n. 8453 A desta data**

## I

É concedida a F..... permissão para construir e explorar por si ou por meio de uma empreza linhas telephonicas na Provincia de.....

## II

O assentamento das linhas telephonicas será feito de accôrdo com a Repartição dos Telegraphos, precedendo o seu consentimento por escripto, e não podendo o fio dessas linhas passar por cima das linhas do Estado, de modo que por qualquer córte ou ruptura venham a cahir sobre estas.

## III

Os fios, quer interiores quer exteriores, e os apparatus, serão estabelecidos e mantidos com material, à custa e á guarda do concessionário, o qual deverá obter a autorização necessária dos proprietarios, cujos immoveis tiverem de receber os fios conductores, ou de servir, de outro qualquer modo, para o uso das communicações telephonicas.

## IV

O concessionario ou a empreza autorizada removerá as suas linhas sempre que estas embaraçarem o desenvolvimento que se houver de dar ao serviço telegraphico do Estado.

**V**

O concessionario ou a empresa terá em cada cidade, onde se acha estabelecido o serviço telegraphico, um escriptorio central para o qual convergirão todas as linhas que assentar, podendo estas ser ligadas entre si, mediante accôrdo com os particulares.

**VI**

A rede telephonica que comprehender estabelecimentos publicos, ficará separada. Na estação central haverá uma secção especial, na qual terminarão sómente os fios da rede telephonica que comprehender os ditos estabelecimentos publicos.

O serviço nesta secção será feito por prepostos da Directoria Geral dos Telegraphos do Estado, retribuidos pelo concessionario.

**VII**

É livre o assentamento de linhas privadas que ligarem entre si predios ou estabelecimentos publicos ou particulares sem communicacão com qualquer centro telephonic. Poderão estas linhas ser contratadas com a empresa e sómente ella terá o direito de ligal-as ao escriptorio central.

**VIII**

O concessionario, ou a empresa que organizar, poderá estender os fios para as suas communicacões sobre os tectos das casas e bem assim sobre postes fincados nas ruas e estradas, observando as posturas municipaes e salvo a indemnizacão a que tiverem direito os proprietarios.

**IX**

A rede telephonica deverá restringir-se aos limites da cidade e dos seus arrabaldes, salvo concessão especial por decreto imperial.

**X**

Será submetida à approvacão do Governo a tabella das taxas que houverem de ser cobradas pelo serviço telephonic, não devendo exceder a 20\$ mensaes a contribuiçã dos assignantes.

**XI**

O concessionario fica obrigado a estabelecer gratuitamente o serviço telephonic entre as principaes repartições das capitaes das provincias em que se fizer a concessão.

**XII**

Pela infracção de qualquer das presentes clausulas, incorrerá o concessionário ou a empresa que o representar na multa de 200\$ a 1:000\$, ficando além disso sujeito às multas estabelecidas no regulamento dos telegraphos.

**XIII**

O serviço da rede telephonica será submettido à fiscalizacão do Governo. Para esse fim os prepostos da Directoria Geral dos Telegraphos terão o direito de entrar em qualquer occasião na estação central e de proceder ahi ao exame que julguem conveniente.

**XIV**

A concessão durará quinze annos, durante os quaes não poderá ser autorizada empresa identica dentro da mesma circumscripção.

**XV**

Nenhum concessionario poderá transferir a concessão sem ter effectivamente realizado, pelo menos, a collocação de 50 linhas telephonicas, ligadas a uma estação central em cada cidade.

**XVI**

Caducará a concessão:

1.º Si o assentamento das linhas não estiver começado dentro do prazo de seis mezes, contados da publicação do respectivo decreto.

2.º Si dentro de uma anno contado das mesma data não se tiver concluido o assentamento das linhas.

3.º Si fôr verificado o abuso de empregar-se algum dos fios para outro fim que não seja a transmissão da voz.

4.º Si depois de estabelecido o serviço fôr interrompido por mais de um mez, salvo caso de força maior, a juizo do Governo.

**XVII**

Findo o prazo do privilegio todas as linhas exploradas pela empresa reverterão para a Camara Municipal do logar da concessão.

Palacio do Rio de Janeiro em 11 de Março de 1882.-

*Manoel Alves de Araujo.*

Fonte: Colleção das Leis do Imperio do Brazil . Parte I. Tomo XXIX. Vol. I, Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882. p. 313- 315.

## ANEXO II

## DECRETO Nº 8.457 - DE 18 DE MARÇO DE 1882

Concede permissão à Companhia Telephonica do Brazil para assentar linhas telephonicas nas cidades de S. Salvador da Bahia, Maceió, Porto Alegre, **Pelotas**, Rio Grande e Petropolis.

Attendendo ao que Me requereu a Companhia Telephonica do Brazil, Hei por bem Conceder-lhe permissão para assentar linhas telephonicas nas cidades de S. Salvador da Bahia, Maceió, Porto Alegre, **Pelotas**, Rio Grande e Petropolis, de conformidade com as bases approvadas pelo Decreto n. 8453 A, de 11 de Março de 1882.

Manoel Alves de Araujo, do Meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro em 18 de Março de 1882, 61º da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.

*Manoel Alves de Araujo.*

Fonte: Colleção das Leis do Imperio do Brazil . Parte I. Tomo XXIX. Vol. I, Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882. p. 366.

## ANEXO III

## BANCO COMMERCIAL PELOTENSE: ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DE SUA CONSTITUIÇÃO

Banco Commercial Pelotense - acta da assembléa geral de sua constituição:

"As 12 horas do dia 12 de outubro de 1889, reunido no Salão da Praça do Commercio os subscriptores, abaixo assignado, em numero superior ao exigido pela lei das sociedades anonymas, foi pelo incorporador Barão do Arroio Grande, proposto para presidir a sessão o Exmo. Sr. Visconde da Graça, o que foi approvedo unanimemente. Occupando o respectivo lugar o mesmo Exmo. Sr. convidou para os cargos de secretarios a Diogo Simões Gaspar Filho e Joaquim da Silva Ferreira, que occuparam os respectivos lugares. Assim constituída a meza, o Sr. presidente verificando a legalidade da procuração apresentada, declarou que a presente reunião tinha por fim dar por constituída a Sociedade anonyma - Banco Commercial Pelotense, - cumprindo as disposições legais necessarias para tal fim, recebidos pelo secretario Gaspar Filho, da mão dos incorporadores, os estatutos já assignados por todos os subscriptores, procedeu a sua leitura. O que feito, foi, declarado pelo Sr. presidente que se não houver quem sobre os mesmos faça observações os dará por apurados. Depois de alguma pausa não havendo quem pedisse a palavra, deu-os por approvedos. De accordo com os membros são declarados directores os Srs. Barão do Arroio Grande, Faustino Trápaga e Antonio Francisco Rocha. Para membros do conselho fiscal, Possidonio Mancio da Cunha, Bernardo José de Souza e Pedro Fontoura Lopes. Para suppletes: Antonio Francisco Vaesques, Luiz Maria Corrêa Brandão e Joaquim Maria da Silva, os quaes são acclamados pelo Sr. Presidente. Em seguida o mesmo secretario procedeu a leitura do documento comprovativo de estar effectuado o deposito da decima parte do capital subscripto, que é do theor seguinte: Recebemos dos Srs. Barão do Arroio Grande, Faustino Trapaga, Pedro da Fontoura Lopes e José Bernardino de Souza, incorporadores do Banco Commercial Pelotense, a quantia de duzentos contos de reis, moeda corrente, constando de tres mil quinhentos e oitenta e sete libras sterlinas ouro, dez contos e vinte mil reis, em moeda nacional ouro, e o saldo em notas do Thezouro Nacional, sendo esta importancia da primeira chamada de dez por cento do capital nominal do referido Banco, e cuja quantia fica depositada em nosso poder para ser entregue aos mesmos Srs. incorporadores, ou aos Srs. Directores do mencionado Banco, depois de legalmente constituída, deduzindo a nossa commissão combinada de um oitavo por cento. Pelotas 12 de Outubro de 1889. Carimbo do London & Brazilian Bank Limited. J. Mackensie, gerente, A. Godfrey, contador. O que foi feito, o Sr. Presidente convidou aos Srs. subscriptores a fazerem qualquer observação que lhes aprouvesse. Ninguem pedindo a palavra o mesmo Sr. declarou constituído e instalado o Banco Commercial Pelotense, e agradecendo a honra que lhe conferiram declarou encerrada a sessão, lavrada esta: Visconde da Graça, Presidente Diogo Simões Gaspar Filho e Joaquim da Silva Ferreira, secretarios. Barão do Arroio Grande Antonio Luiz Pinto Leite, Irmãos e Cia., Campos, Moraes & C.,



representados pelo socio Joaquim T. da Costa Leite, Francisco de Britto Gouvea, Benito Maurell Filho, Joaquim Leite da C. Vasconcellos, Bernardo José de Souza, Lausence W. Hislop, p. p. Francisco Roiz da Silva, Laurence W. Hislop, Domingos Pinto da França Mascarenhas, Anselmo Fluyxench, Ramon Trapaga, domingos G. da Costa, Antonio Francisco Vasques, Francisco Oliveras, João Dias Vianna, Henrique Martins Chaves, Possidonio Mancio da Cunha, Antonio Ferreira Netto, Dr. Francisco da P. Gonçalves Moreira, Veiga, Faria & Leite, representada pelo socio Antonio da Veiga Faria, Francisco de P. Roiz da Silva, Antonio Maria Ferreira, Mauricio Rosselli, Rosa & Noronha, representada pelo socio J. Coelho de noronha, Possodonio M. da Cunha Junior, Antonio Pereira de Azevedo, José Maria Moreira, Felipe Zorrilla, Pedro Uhalt, Nutasch & Cia., representada pelo socio Pedro Uhalt, Antonio Affonso Monteiro, Faustino Trapaga, Francisco Monzarro, Carlos Ferreira Ramos, Granja & Nogueira, representada pelo socio Augusto D. Nogueira, Francisco José Teixeira Guimarães, Francisco de Paula Barcellos, Julio Hermenegildo de Farias, Antonio Pinto Rego Magalhães, Francisco Antonio Pinto de Campos, Eduardo H. de Menezes, Luiz Antonio de Souza, Joaquim Antonio de Oliveira, Paulino Teixeira da Costa Leite, Urbano Martins Garcia, Cortez, Azevedo & Cia., Success. representado pelo socio Urbano M. Garcia, Custodio Francisco Vasques, José Fernandes Duval, Felix Antonio Gonçalves, Virginio J. de Campos, José Bernardino de Souza, José F. Agrifoglio, Antonio Francisco da Rocha, Pedro da Fontoura Lopes, Baroneza do Arroio Grande, representada por seu marido Barão do Arroio Grande, Luiz Maria Corrêa Brandão, J. M. da Silva, Dr. Thomaz Roiz Pereira.

Fonte: OSÓRIO, Fernando Luis. A cidade de Pelotas, 1922. p.246

## ANEXO IV

## EMPRESA UNIÃO TELEPHONICA

Aos Srs. accionistas da **Empresa União Telephonica**

A proposta apresentada pela comissão fiscal, na ultima sessão de assembléa geral, realisado a 15 do corrente mez, como indicação, que será discutido na próxima reunião é a següinte:

Considerando que a lei garante a todo accionista, ainda mesmo de minima parcella de capital, o direito de fiscalisar os actos da administração, discutil-as, censural-os ou louval-os, como lhe aprouver;

Considerando que os accionistas, em sua maioria, não estão satisfeitos com a marcha que ultimamente, têm tomado os negócios da Empresa;

Nesta conjuctura parece que o unico caminho a seguir é:

1º Destituir não só a actual directoria e seus supplente, como também a comissão fiscal e seus supplente e o conselho consultivo.

Assim procedendo, os accionistas exercem um direito, escudados nos § 1º e 2º, art. 97 da lei das sociedades anonymas.

2º Nomear uma comissão para gerir, provisoriamente, todos os negócios da Empresa, dar o balanço exacto do seu activo e passivo, o qual será opportunamente approved pela assembléa geral, sendo depois disso eleita nova directoria, que terá de dirigir os destinos desta instituição sem acarretar com responsabilidades, que não lhe devem cober.

3º Os haveres e todos os livros de escripturação da Empresa sejam pela directoria destituida entregue aos novos mandatarios, em sessão de assembléa geral, para que tudo conste na acta. Quantos aos livros, encerrados pelos actuaes directores, no estado em que estiverem, com a declaração das paginas até onde forem escripturados. Quanto do dinheiro existente mencionando-se qual a sua importância.

4º Dado o balanço da Empresa, verificando-se erro, dolo, fraude ou simulação na sua escripta e reconhecidos os verdadeiros culpados de taes delictos, sejam elles, se assim a assembléa o resolver, responsabilisados, na forma da lei.

5º Nomear uma comissão para rever e reformar os estatutos, pondo em linguagem clara e positiva e de acordo com o decreto nº 434 de 4 de junho de 1891.

Esta proposta, desannunciada de paixões é feita com o intuito de pôr termo aos desgostos que têm lavrado entre os accionistas, e, pugnando pela fiel e zelosa administração dos bens presentes e futuros da Empresa União Telephonica, não deixará de ser bem acceita e subscrita por todo o accionista e tenho uma consciéncia recta e uma correção proba.

Para viver e poder triumphar dos tropeços que lhe estão creando, a União Telephonica precisa reconhecer toda a verdade. É uma empresa genuinamente pelotense e no capital figuram peculios de senhoras e creanças.

O segredo e o mystério são os peiores inimigos das sociedades anonymas, e a lei, obrigando-as a publicar actos, balanços e outros documentos, é porque os considera como instituição de interesse publico.

A comissão fiscal, tendo encontrado todos os empecilhos e as maiores dificuldades para o cabal desempenho de sua missão, vem depor nas mãos dos srs. accionistas o mandato que lhe foi confiado, lembrando o unico alvitre que, em seu entender, poderá salvar a empresa de um desastre financeiro.

Pelotas, 15 de julho de 1908

Domingos Fernandes da Rocha  
João dos Santos Silva  
Matheus Gomes dos Santos.

Fonte: Diário Popular - 19 de julho de 1908.

## ANEXO V

### ESTATUTOS DA CTMR-1919

#### COMPANHIA TELEPHONICA "MELHORAMENTO E RESISTENCIA"

Em cumprimento do conceituado no artigo 80 do Decreto nº 434 de 4 de julho de 1891, e para conhecimento dos interessados, publicamos os documentos seguintes, relativos a constituição desta Companhia:

- a) os Estatutos, assignados pelos senhores accionistas;
- b) a acta da Assembléa Geral constitutiva, realisada em 20 de Março do corrente anno, della constando o prospecto para incorporação da sociedade e a nomeação dos respectivos directores, abaixo assignados, bem como dos membros do conselho fiscal e seus suplentes;
- c) guia de recolhimento em depósito da quantia de 40.000\$000, na agencia do Banco do Brasil em Pelotas, correspondente a decima parte do capital social; e
- d) certidão do Registro Geral, do archivamento dos documentos a que se a lei em vigor sobre Sociedades Anonymas.

ESTATUTOS DA SOCIEDADE ANONYMA - Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia -, com séde em Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul e incorporada pela Associação Commercial, da mesma cidade.

#### CAPÍTULO I Dos fins sociaes

Art. 1º - Fica fundada a Companhia Telephonica "Melhoramento e Resistência", com séde na cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul.

Art. 2º - O fim da Companhia é explorar a industria telephonica no Rio Grande do Sul e onde mais convenha, procurando organizar um serviço aperfeiçoado e barato.

Art. 3º - A Companhia é organizada pelo prazo de trinta annos, a contar do dia 1 de Janeiro de 1919, podendo este prazo ser prorrogado na forma da lei.

#### CAPÍTULO II Da direcção e fiscalização

Art. 4º - A direcção e fiscalização da Companhia competem aos seguintes órgãos:

- a) assembléa geral;
- b) directoria;
- c) conselho fiscal.

Art. 5º - A assembléa geral é a reunião de accionistas em numero legal e legalmente aconvocada.

Art. 6º - A assembléa geral reunir-se-á ordinariamente no mez de Março de cada anno, e extraordinariamente sempre que fôr convocada regularmente.

Art. 7º - A convocação será feita pela imprensa, em dois ou mais jornaes da séde social, com oito dias de antecedencia pelo menos.

§ 1º - A convocação poderá ser feita:

a) pelos directores;

b) pelo conselho fiscal;

c) por sete accionistas, que representem, pelo menos um quinto do capital social, nos termos do art. 137 do Decreto nº 434 de 4 de julho de 1891;

d) por qualquer accionista, nos termos do art. 140 do cit. Dec.

§ 2º - As convocações serão sempre motivadas e declararão o objeto da reunião.

§ 3º - Si não comparecer numero legal, dentro de uma hora apos a designada para a reunião, far-se-á uma segunda convocação, annunciando-se que a assembléia funcionará com qualquer numero de socios, e qualquer que seja a quota de capital representada.

§ 4º - As assembléias gerais ordinárias não poderão funcionar com menos de 3 socios, além dos directores e fiscaes.

Art. 8º - O numero legal, para que a assembléia possa deliberar, é de accionistas que representem pelo menos um quarto do capital social, salvo tratando-se de assembléias que tenham por objecto a dissolução da companhia, augmento de capital, emissão de debentures, ou reforma dos estatutos, casos em que se exige pelo menos o comparecimento de accionistas que representem tres quartos de capital social.

§ unico - Nos casos em que se exige o comparecimento de tres quartos do capital social, só em terceira convocação se pode deliberar com qualquer numero, fazendo-se a convocação por meio de cartas registradas, além das publicações.

Art. 9º - A assembléia começará a funcionar assim que houver numero legal ou, em segunda ou terceira convocação, trinta minutos após a hora designada nos annuncios.

§ 1º - A sessão será aberta por um dos directores, ou por qualquer accionista, procedendo-se em seguida a nomeação, eleição ou acclamação de um presidente para a sessão.

§ 2º - O presidente, que será accionista, convidará dois outros para secretarios, constituindo-se assim a mesa da assembléia, na qual não podem tomar parte directores ou fiscaes.

§ 3º - Os accionistas poder-se-ão representar por procuração, contando que não seja outorgada a director ou fiscal.

§ 4º - Qualquer accionista pode discutir na assembléia geral, votar e ser votado.

§ 5º - Os votos serão contados de uma para cinco accões ou fracção, até 500 accões; deste numero em diante, os votos serão contados na proporção de um para cada grupo de 25 accões ou fracção.

§ 6º - Em caso de empate, o presidente desempatará salvo nas eleições, em que o empate será decidido a favor do mais velho, ou pela sorte, si os eleitos tiveram a mesma idade.

§ 7º - Nas sessões ordinarias, após a discussão da acta, seguir-se-á a leitura e discussão do parecer do conselho fiscal e relatorio da directoria, seguindo-se as eleições.

§ 8º - Do ocorrido em cada sessão, um dos secretarios lavrará uma acta circunstanciada que será assignada pela mesa da assembléia.

§ 9º - As actas das sessões ordinarias serão publicadas dentro de trinta dias, e dellas dar-se-á certidão a quem pedir.

§ 10º - Um mez antes do dia designado para a reunião da assembléia geral, os directores por aviso na imprensa, porão á disposição dos accionistas, para seu exame na séde social os seguintes documentos:

- a) cópia dos balanços, com indicação dos valores moveis e immoveis, e, em synopse, as dividas activas e passivas, por classes, segundo a natureza dos titulos;
- b) cópia da lista nominal dos accionistas, com o numero de acções de cada um, e o estado de pagamento;
- c) cópia da lista das transferências de acções, em algarismos, realizadas no decurso do anno.

Art. 10º - Compete á assembléia geral, além de outras atribuições que lhe confere a lei:

- a) eleger os directores e fiscaes;
- b) approvar o relatorio e as contas dos directores, e o parecer dos fiscaes;
- c) reformar os estatutos;
- d) resolver sobre a alienação ou hypotheca dos immoveis sociaes;
- e) autorizar a emissão de debentures;
- f) tomar qualquer outra medida necessaria á boa marcha dos negocios sociaes.

Art. 11 - A directoria da Companhia compõe-se de dois directores, eleitos pela assembléia geral pelo prazo de quatro annos, dentre os accionistas.

§ 1º - Por occasião da eleição da primeira directoria, um dos directores será eleito pelo prazo de dois annos, de modo a evitar-se que os dois directores sejam substituídos ao mesmo tempo.

§ 2º - Os directores são reelegíveis.

§ 3º - No caso de impedimento definitivo ou temporario de algum director, o conselho fiscal nomeará o substituto, que servirá até que cesse o impedimento, ou até a primeira reunião da assembléia geral.

§ 4º - O director, effectivo ou substituto, caucionará cincoenta acções, para garantia de sua gestão, podendo a caução ser apresentada por qualquer accionista.

Art. 12 - Cada director perceberá o ordenado annual de um conto de réis, que lhe será pago por semestre vencido.

§ único - Esse ordenado só será devido a contar do dia em que se iniciar - em os trabalhos de assentamento da rêde telephonica.

Art. 13 - Compete aos directores:

- a) nomear um gerente da Companhia, dentre pessoas de reconhecida competencia technica, accionista ou não;
- b) nomear os demais empregados necessarios, ou delegar ao gerente essa attribuição;
- c) superintender todos os negócios e serviços da companhia;
- d) conferir semanalmente a caixa, visando o livro respectivo;
- e) representar a companhia em juizo e em qualquer acto ou relação jurídica, podendo constituir advogados ou procuradores;
- f) convocar a assembléia geral e cumprir as suas resoluções;
- g) cumprir os presentes estatutos e as leis referentes a sociedades anonymas;
- h) contratar em noma da companhia, e tomar compromissos em geral;
- i) autorizar despesas e visar contas, antes de serem pagas pelo gerente;
- j) resolver amigavelmente as questões entre a companhia e accionistas ou terceiros, podendo para isso transigir ou renunciar direitos, respeitada a competencia da assembléia geral;
- k) procurar obter dos poderes publicos favores, concessões e privilegios.

Art. 14 - Ao gerente da companhia compete a administração dos serviços da Companhia sob as ordens e fiscalização dos directores.

§ unico - os directores contratarão com o gerente o seu ordenado, que lhe será normalmente pago, e arbitrar-lhe-ão, por ocasião do balanço, uma gratificação entre 5% e 10% dos lucros liquidos do anno, depois de feitas as depreciações necessarias e deduzido o fundo de reserva.

Art. 15 - O conselho fiscal será constituido de tres accionistas, eleitos annualmente e reelegiveis.

§ 1º - Em seus impedimentos, os fiscais serão substituidos por supplentes, eleitos na mesma occasião, e reelegiveis.

§ 2º - Cada fiscal perceberá a gratificação annual de quinhentos mil réis.

§ 3º - Ao conselho fiscal compete:

- a) reunir-se pelo menos uma vez por trimestre;
- b) exercer permanente fiscalização sobre todos os negocios sociaes, podendo para isso, examinar, em qualquer tempo, a escripta social;
- c) convocar a assembléia geral;
- d) conceder licença aos directores;
- e) dar parecer e opiniões á directoria, quando esta solicitar;
- f) dar parecer sobre as contas e relatorios da directoria, conferindo previamente a caixa, e publicar o seu relatorio, pelo menos na vespera da sessão da assembléia geral ordinaria;
- g) nomear substituto provisoria para algum director impedido.

### CAPITULO III

#### Da organização financeira

Art. 16 - O capital social será de quatrocentos contos de réis (400:000\$), representado por duas mil (2.000) acções de valor de duzentos mil réis (200\$), todas nominativas.

§ unico - o capital social poderá ser augmentado, na fórma da lei, dando-se na subscrição preferencia aos accionistas.

Art. 17 - Cada subscriptor entrará com 40% (quarenta por cento) do valor das acções que tomar, no momento da subscrição, fazendo a integralização mediante chamada feita pela directoria com o prazo de trinta dias.

§ 1º - o accionista que não effectuar as entradas na epoca estipulada, incorrerá na multa de 3% sobre o valor das acções, e si, apesar disso, deixar passar mais trinta dias sem fazer a entrada com a multa, a Companhia, si não preferir cobrar-se por acção competente, poderá fazer vender as acções ou declara-las perdidas nos termos dos arts. 33 e 34 do cit. Dec. n. 434 de 1891.

§ 2º - A propriedade das acções se estabelecerá pela inscripção do livro de registro que haverá na séde da Companhia, com as formalidades do art. 22 do cit. Dec. n. 434.

§ 3º - A cessão se opera pelo termo de transferencia, devidamente sellado, lavrado no dito livro e assignado pelo cedente e cessionario, ou seus procuradores com poderes necessarios.

§ 4º - No caso de transmissão da acção a titulo de legado, successão universal, arrematação ou adjudicação, a transferencia far-se-á unicamente á vista de alvará do juiz, formal da partilha ou carta de arrematação ou adjudicação.

Art. 18 - Os lucros, verificados no fim do anno social, serão assim distribuidos:

- a) seis por cento para o fundo de reserva;

b) dez por cento para depreciação de moveis, immoveis, utensilios, machins, rêdes, installações e apparatus;

c) do restante, cinco a dez por cento para gratificação ao Gerente, cinco por cento a cada um dos directores, quando houver distribuição de dividendo, além das gratificações que a directoria resolva conceder aos empregados ou á outras pessoas, em qualquer occasião e que a isso fizerem jús, por serviços prestados a Companhia.

d) o saldo será o dividendo a distribuir pelos accionistas, contando que esse dividendo não exceda de doze por cento.

e) e o que exceder, após a distribuição do dividendo maximo, será levado á conta de lucros suspensos.

§ unico - os dividendos não reclamados prescrevem em cinco annos, em favor da Companhia.

Art. 19 - O fundo de reserva é destinado a fazer face a prejuizo extraordinario, a juizo da Directoria.

§ unico - A deducção para o fundo de reserva cessará, quando elle attingir a importancia de cincoenta por cento do capital social.

Art. 20 - Á conta de lucros suspensos levar-se-á a multa a que fica obrigado o accionista que se utilizar de serviços de outra empresa ou companhia telephonica, a não ser para communicar-se com localidades ainda não servidas pela rêde da Companhia "Resistencia".

§ unico - Esta multa será equal ao valor nominal de uma acção.

Art. 21 - Os lucros suspensos destinar-se-ão, a juizo da assembléa geral:

a) ao melhoramento e aperfeiçoamento do serviço telephnico, introduzindo-se as mais recentes creações do progresso;

b) ao maximo barateamento do serviço.

Art. 21 - Ficão os directores autorizados a emissão de obrigações (debentures) ao portador até a importancia correspondente ao capital social (arts. 41 e 42 do decr. 434) e ao melhor typo de juro não excedente de 8% ao anno.

#### CAPITULO IV Disposições transitorias

Art. 24 - A primeira directoria da Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia fica assim constituida.

##### Directores

Feliciano Ignacio Xavier e Antonio Tonca Duarte.

##### Conselho Fiscal

Alberto Echenique Leite, Dr. Lourival Mascarenhas de Souza e Camillo Gomes Pires.

##### Supplentes do Conselho Fiscal

Cassio Tamborindeguy, Francisco Julio de Mello e Leonardo Velho da Silva.

Art. 25 - Os presentes estatutos que ficam approvados não poderão ser alterados na assembléa geral de installação.

Pelotas, 12 de fevereiro de 1919.



Feliciano Ignacio Xavier, Benjamin Gastal, R. A. Johnston, João Larré, M. J. da Silva Netto, Alfredo Planella, Nogueira, Capdeboscq & Comp., Antonio Martins Gomes, Pons & Pires, Leonidio d'Oliveira Vasconcellos, Ramiro da Fonseca, Pires & Cascaes, Arthur Corrêa de Azevedo, Francisco Ferreira da Silva Maia, Demócrito Francisco dos Santos, Felipe Lopresto, Domingos José Bento, Salvador F. de Pinho, Viuva Rego Magalhães & Filhos, João Antonio Pinheiro, Carlos Sica, Sica & Teixeira, Costa & Ribeiro, Dr. Hercio de Araujo, Benjamin F. da França Mascarenhas, João Manoel de Freitas Gomes, José Ignacio da Silva Xavier, Antonio Bernardo de Pinho, Antonio T. de Seixas, Mario Braga, Alexandre de Souza Coelho, por minha mulher Maria Roiz de Carvalho, Antonio Leivas de Carvalho, Manoel Prietto Filho, Dr. José Ottoni Xavier, Ribeiro Teixeira & Comp., p.p. F. Rheingantz & C., R. Peckmann, Dr. Edmundo Gastal, J. M. dos Anjos, José Maria Simões, João José de Freitas Machado, Freitas & Tavares, Mathilde Dupuis, Jorge C. Duarte, p.p. Felipe Zorrilla, Mauricio Rosselli, Antonio Tonca Duarte, Francisco Ferrér, Trajano L. de Medeiros, Lhullier Sobrinho, Francisco Rodrigues Pinto, José Teixeira dos Reis, Armando Sica, Collares & Silva, B. M. Castro, p.p. Lydio Alves Pereira, B. M. Castro, Atto Aquino, José Antonio Barros Faria, Ramon Gonzalles Conde, J. G. Mendes, p.p. da Empresa Diário Popular Oscar Aguiar, Gerente, Feliciano Sanson, Antonio Treptow, Armando A. Costa, Augusto Da-Iliés, Bernardino Abreu & C., Leonel de Mello Calheiros, Rodrigo do Rego Barreto, Dr. Augusto Simões Lopes, pp. Viscondessa da Graça, Augusto Simões Lopes, Joaquim Kraemer, Luis Augusto de Assumpção, Nogueira Sobrinho & Irmão, Sergio Guimarães Abreu, H. C. Bojunga, Alfredo da Silva Paula, pp. Henrique Krentel, Henrique Krentel Filho, Alvaro Maria Reis, José Rodrigues Sant'Anna, Antonio Conceição Nobre, Arthur Antunes Maciel, Antonio Francisco de Almeida, Julio Luis do Rosario, Luiz D. Cunha, José Pereira Monteiro, José Bernardino Teixeira, Arthur Alves Lisbôa, Carlos Rodrigues, Vianna & C., José Maria Loureiro, F. R. de Araujo, pp. Antonio dos Santos Reis, Luiz Gonzaga Reis, Manoel José Alves, José Almeida Valente, Domingos S. Moreira, Pedro Espindola de Mendonça, Bernardo Pinto Rego, José Simões Dias, Manoel Tavares Ribeiro, Affonso Adures, Alberto de Pinho, Pedro Affonso dos Santos, Manoel Luis Lamas, Julio Alberto de Lima, Theophilo de Mattos, Francisco Santos, A. Bertoni, Luis Teixeira Guedes, Maria Guedes da Costa, Roberto Neumann, Hugo Krüger, F. C. Lang, Antonio Salgado Guimarães, Guerreiro & Mascarenhas, Alberto Guedes da Costa, Francisco Couto Lamego, Irmãos Sacco, Otavio Dias & Comp. Pedro Fandinho Maneiro, Joaquim de Almeida Fernandes, Corrêa, Brizolara & Comp., João Teixeira de Souza, Pierino Mariani, João José de Azevedo, pela Companhia Cervejaria Ritter, Guilherme Romano Fabres, director, Antonio Xavier Nunes Vieira, Rios Irmãos & C., pp. Amanda Bezares Maia, Antonio L. Rios, Fernando Brocstedt & Filho, José Francisco Lima, Nicolau Agrifoglio, André de Oliveira, Salvador G. Petrucci, Gregorio G. Petrucci, Portella, Irmão & C., Tarcillo M. Fabião & C., Miguel B. Camps, Alexandre Gastaud, Manoel Cordeiro, Manoel Ferreira Lopes, Antonio Telles da Silva Scholberg & C., João Hubert Jacottet, por meu filho Paulo, Carlos Guilherme Litran, João Leopoldo Borda, Antonio Luis Machado, Manoel Morales, J. A. de Freitas, Ignacio Ferreira Bes, Irmãos Magalhães & Lima, João Badia, Ramon Trapaga, filho, Meira & C., Manoel Ribeiro da Fonseca, Antonio Pereira de Mesquita, Eduardo C. Sequeira, pp. Justiniano Simões, Brenno C. Tavares, Taraves & Cascaes, Leonardo Collares Candiota, Ignacio Pinheiro Brados, Francisco da Silva Vidinha, Manoel H. Nogueira, José dos Santos Sobrinho, Admar Ernesto Ficher, C. Corrêa Barcellos, Reis & Pires, João Coimbra Barboza, Euclides Lança, Augusto Vieira de

Almeida Peres, Jerônimo Del Grande, Francisco Silveira Goulart, Konrady & Raupp, Israel Rangel & C., Luiz Beltrão Barboza, Antonio J. Pinheiro, F. Farias & C., Ambrosio Perret, Francisco Julio de Mello, Fonseca & Comp., Manoel V. Costa Leite, C. Tamborindeguy & Comp., Boaventura S. Barcellos, Fabião & Comp., Alvaro Ribeiro Saraiva, pp. Rozauro Zambrano, Arthur Zambrano, Antonio Ferreira Borges, Alberto Aleixo Braga, Garibaldi Gentilini, pp. J. C. Maurell, F. Almeida, Ferreira & Fernandes, Barbas Jorge, Caetano Casaretto, Costa & Nogueira, Dr. Edison Fagundes, Roselli & Menezes, Dr. Armando Fagundes, Frederico Russomano, Martins & Pinheiro, Dirceu Ribeiro Moreira, Olavo Affonso Alves, pela Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres "Pelotense", Olavo Affonso Alves, director, F. C. Ritter, Trindade & Co., Guido G. Chaves, Mesquita Filho & Comp., Maria Luiza J. Chevallier, Moreira & Filhos, Antonio da Rocha Dourado, Eleutherio Pinto, pp. Albino Cunha, Abelardo Veiga, Acrizio Moraes, Pedro Dias, Octaviano T. de Oliveira, V. Torres & Co., José Luis Fagundes, Arthur Rodrigues de Abreu, Fagundes & Filho, Duarte & Co., Bento Martins, Oscar Salengue, Damasio Rodrigues, Baldomero Trapaga Zorrilla por si e pp. Faustino Trapaga, José F. de Oliveira, Cassio M. Peirano, José Duval Junior, Sequeira Pinto & Irmão, José Rodrigues Gomes, Amaral & Farias, Gervasio Lagos & Filhos, Pedro Lourival, Antonio Valente Marques, Gaspar Antonio Granada, Francisco Costa Junior, Oscar Luis Pereira da Silva, L. Lopes dos Santos, Amaral & Co., Ismael A. Marçal Carneiro, Felix Coufal, João B. Nunes & Irmãos, J. H. Guilherme Sieburger, Antonio Gigante & Co., Manoel da Silva Ribeiro, Joaquim da Costa Fonseca, pp. Alberto R. Rosa, Patricio Simões Gaspar, Leite, Nunes & Irmão, pp. F. Nunes de Souza, Alvaro L. Nunes, Antonio Alves de Carvalho, José Alves de Carvalho, Francisco de Paula Mascarenhas, Levy, Irmãos & Co., Joaquim Arêde Coelho, Alfredo José de Mattos, Palmor do Rosario Real, Tavares & Irmão, Benjamin de Souza Oliveira, Jacintho Gomes & Co., pp. Pedro Osorio & Co., Patricio Simões Gaspar, Gastão Fernandes Duval, pp. Viuva F. Behrendorf & Co., E. Dischinger, pp. Costa Reis & Co., Pedro Ferreira Louzada, Francisco O. Neves, Pitombo & Co., Pedro Kaul, F. Treptow & Co., Diaphanes Lemos & Co., Samuel Moreira, Bruno de Mendonça Lima, Nympha Revault da Silveira, Annibal do Espirito Santo Rocha, Tancredo Campos, pp. Leopoldo Haertel, João B. Haertel, pp. Joaquim Marques Coelho, A. Marques Coelho, Constantino da Silva Ribeiro, Florduardo Fantinha do Nascimento, Luiz Rickes, Manoel Etchegaray Succs, Oliveira & Machado, Dr. Cassio Braga, Manoel Ferreira de Moura, José Moreira dos Santos, Joaquim Alexandre Martins, José Lourenço Vieira, Luis Carlos de Abreu e Mello, Manoel dos Prazeres de Mattos, Balthazar F. de Andrade Dias, E. Riu Cristiá, Cristiá & Co., Affonso Trindade, Antonio Laranjeira, Antonio Fernandes Sobrinho, José Manoel Pereira, Raphael Bassols Y Oliver, Julio Gross, Leandro Rodrigues, pp. Joaquim Zozimo de Lima, Octaviano Jacintho Dias, Bento Agostinho Peixoto, Americo Guedes da Costa, Röhrig & Pacheco, Frederico Wirth, Romeu & Co., Manoel Millan Cassal, Torres, Portella & Co., A. Gadret & Leite, por meus filhos Maria e Sully, Ablard Gadret, José da Silva Tavares, F. P. Monteiro, Lourenço José de Faria, F. Real & Pereira, Menoti Gentilini, Alexandre Patzer, Augusto Lopes de Figueiredo, Demetrio Jorge & Irmão, Antonio Pereira da Cunha, Xavier, Duarte & Co., Fernando C. Quadrado, Anselmo Bassoles, Francisco Mendes de Mattos, Carlos Chaves Lopes, José Faustino da Rocha, Rocco & Co., Manoel Pereira das Neves, Domingos Thomé Pereira, Joaquim Gadret Filho, Garibaldi Perez, A. Moura & Co., Manoel de Oliveira Thomaz, Amos Nocchi, Manoel Portella, Achyles Nery, João Ferreira Guimarães, Cortez & Ferreira, Emilio Guilayn, Caetano Sallazzo, Julio Hadler, Esteban F. de Andion,

José Gonçalves Norte, Julio Lhamme, Felipe José Mechereffe, Domingos M. Pinheiro, Manoel Lopes Rodrigues, A. Durand, Echenique & Co., Alvaro Veiga & Co., Joaquim da Silva Ribeiro, José Tavares Candeixa, Frederico Ernesto Boaventura Dias, Angelo M. Giusti, Pinto da Silva & Irmão, Francisco Carvalho & Co., Luiz Maria de Barros, Coelho, Dourado & Santos Junior, Pereira & Motta, Boaventura Teixeira Leite, João Gabriel Ubatuba, Avelino Pinto de Azevedo, Antonio Pereira Bastos Lima, Delphim da Silva, Perfecto Garcia, Tobias G. Sica, Domingos L. de Barros, Luis Ferrúa, Caetano Pepe, Jeronymo da Costa Ramos, Antonio da Fonseca Araujo, Antonio Mattos da Cruz Jor, Francisco de Paula Luz, Caza Nova & Cia., Carlos G. Giacoboni, Vasconcellos & Filho, Luis Carlos Massot, Antonio Lopes Ferreira Duarte, Manoel Marques Fonseca, Guilherme Bottermund, Bertrand Golfo, Francisco Farias Guimarães, Tavares & Pinho, Elyseu Adures, José Joaquim Corrêa da Silva, Santos, Oliveira & Cia., J. R. Ryff, Dario Moreira Lopes, A. Gonçalves Dias, Dr. Alvaro da Silveira Barcellos, Luis Coelho Saraiva, Affonso Sica, Luis Morales, Emma Behrendorf Osorio, Dr. Francisco Ferreira Veloso, Manoel L. Gaspas & Cia., Moraes & Oliveira, Democrito Rodrigues da Silva, Gastão C. Duarte, José Pereira da Costa, Gomes Silva & Cia., João da Costa Oliveira, Antônio Aguiar & Cia., Alipio Botelho Cardoso, Adolpho Oliveira, Luis Schiöder, J. F. Passos, Manoel Figueiredo Bastos, João Mascarenhas Sanjurjo, João Vaz da Silva, Augusto da Fonseca, Raphael Mazza, Adelino Portella, Carlos Bohns, Jacintho Ignacio Teixeira, F. A. Gomes da Costa, Amadeu Duarte da Conceição, Carlos Alberto Cuelho, Adelino Trindade & Cia., P. Oliveira & Cia., Rodrigues & Cia., Dr. Alvaro Eston, Dreyfus & Gomes, Dr. Manoel Luis Osorio, Martim Echenique, José Fernandes Filho, Eduardo H. Nogueira, Octaviano Peres de Macedo, Vicente Gervini & Filho, Germano Hammes, Orlando Baptista Roiz de Sá, Augusto Noronha, por si e pela Associação Derby Club Pelotense, Carlos Tillmann, Banco Nacional do Comercio, P. C. Peixoto, gerente, Heraclito Julio da Costa, Vva. Espellet Succs., Armando Xavier, Francisco Pereira, pp. D. Francisco de Campos Barreto, Conego Roque Ambrosiny, Caetano Gotuzzo, Augusto da Silva Tavares, Francisco Biaggio & Cia., Carlos Treptow, Abilio Moraes da Silva, Cezar Simões, Adolpho Pereira & Cia., Alfredo da Silva Tavares, Dr. Pompeu Mascarenhas de Souza, Alvaro de Carvalho Armando, Dr. Balbino da França Mascarenhas, pp. Soc. Med. Souza Soares Ltda., Leopoldo S. Soares, José Nogueira Junior, Maximiano Vieira Pinto, João Tamborindeguey, João Fernandes da Silva, Germano Roschildt, Manoel Martins Vieira, José de Oliveira Costa Sobrinho, Leonardo Brasil Collares, Dias & Irmãos, Antonio Henrique Nogueira filho, Dr. Lourival Mascarenhas de Souza, José Ghisolfi, João Luis Ferreira, pp. Antonio Siqueira Pinto, Antonio Salvador Pinto, Antonio Madureira de Castro, Ernesto Lang, Victorino José Dias, Amabilio Rosa da Cunha, Antonio A. Ribeiro, Henrique Schäffer, L. Geraldo da Silva, Alfredo Augusto Braga, João Fernandes Barbosa, Antonio Ferreira Vieira, Villar & Cia., Ribeiro Sobrinho, Joaquim Augusto de Assumpção, Dr. Urbano Garcia, Manoela Crespo Carvalho, José Del Grande, Antonio Soares, pp. Augusto da Silva Tavares, João Larré, José Gaspar da Silva, Octaviano Jacinto Dias, Nede Lande Xavier, pp. Marciano G. Terra, Edmundo Ribeiro, Banco Pelotense, Alberto R. Rosa, director, Virgilio Ignacio Xavier, Epaminondas Seraphim da Silva, Alberto Echenique Leite, Alberto Sanz Navas, Fernando Luiz Osorio, J. Xavier de Freitas.

Fonte: Diário Popular, 03 de maio de 1919, p. 03-04 e Ata de fundação da CTMR, 1919.

**ANEXO VI****CAPITAL DECLARADO**

## Conhecimento

Declaramos ter recebido da Associação Commercial de Pelotas a importancia de quarenta contos de réis (40.000\$000) correspondente a dez por cento (10%) do capital declarado da Companhia Telephonica "Melhoramento e Resistência", de que a dita Associação é incorporadora. Pelotas, 19 de Março de 1919. Banco do Brasil em Pelotas. Adalardo M. Freitas, Gerente Thesoureiro. E. Macial de Sá, contador Guarda-Livros.

CERTIFICO que, mediante apresentação dos directores da Companhia Telephonica "Melhoramento e Resistência", sociedade anonyma com sede nesta cidade, incorporada pela Associação Commercial de Pelotas, archivei, hoje, neste Cartório do Registro Geral e de accordo com a lei em vigor sobre Sociedades Anonymas, os documentos seguintes: - Os Estatutos, assignados pelos accionistas, a lista nominativa dos accionistas, com o numero de acções e entradas de cada um; a delcaração na competente guia do recolhimento em depósito na Agencia do Banco do Brasil nesta cidade, de quantia de quarenta contos de réis (40.000\$000) decima parte do capital; e a acta da assembléia geral constitutiva da companhia, realisada em vinte de Março do corrente anno, constando da mesma acta o prospecto para incorporação da sociedade e a nomeação dos respectivos directores Feliciano Ignácio Xavier e Antonio Tonca Duarte, bem como dos membros do Conselho Fiscal e seus suplentes, o que tudo rubriquei com o appellido - Massot - de que uso. Certifico mais que fiz a competente annotação sob n. 103, a pags. 33v do Protocolo - Registro de Sociedades Anonymas. Dou fé que o referido é verdade. Pelotas, 19 de Abril de 1919. Eu Luis Carlos Massot, Official do Registro Geral, o escrevi e assigno.

Pelotas, 25 de Abril de 1919.

OS DIRECTORES: - Feliciano I. Xavier  
- Antonio T. Duarte

Fonte: Diário Popular, 03 de maio de 1919, p.14.

## ANEXO VII

**ACTA DA ASSEMBLÉIA GERAL CONSTITUTIVA DA COMPANHIA TELEPHONICA "MELHORAMENTO E RESISTÊNCIA."**

Às dezesseis horas do dia vinte de Março de mil novecentos e dezenove, reunidos na séde da Associação Commercial, por convocação desta, como incorporadora, representada pelo seu Presidente Feliciano Ignácio Xavier, os subscriptores de acções da Companhia Telephonica "Melhoramento e Resistência", representado por si, e por seus procuradores, mais de dois terços do numero de acções, conforme consta do livro de presença, o presidente da Associação Commercial Feliciano Ignácio Xavier, agradecendo com breves palavras aos senhores subscriptores a coadjuvação que lhe haviam prestado, bem como a Associação Commercial, para levarem a effeito tão útil instituição, convidou a assembléia a escolher o presidente da sessão, o que foi feito por aclamação, recahindo a escolha no Senhor Coronel Alberto Rosa que assumiu a presidencia, convidando para primeiro secretario a mim Bruno de Mendonça Lima e para segundo o senhor Rodrigo do Rego Barreto. Verificado pelo livro de presença haver mais de dois terços de acções legalmente representadas, declarou o senhor Presidente aberta a sessão e que, na forma da lei, ia dar principio aos trabalhos. Em seguida o senhor Presidente mandou que o primeiro secretario lêsse o conhecimento do deposito da decima parte do capital subscripto que foi lido e é do teor seguinte: - "Declaramos ter recebido da Associação Commercial de Pelotas a importancia de quarenta contos de réis (40.000\$000) correspondente a dez por cento (10%) do capital declarado da Companhia Telephonica "Melhoramento e Resistencia", de que a dita Associação é incorporadora. Pelotas, 1º de março de 1919. Banco do Brasil em Pelotas, Adalardo M. Freitas, Gerente Thesoureiro. E. Manuel de Sá, contador guarda-livros. Consecutivamente foram, pelo segundo secretario, lidos os Estatutos da Companhia e respectivo prospecto que é do teor seguinte: - "Bazes do projeto para incorporação da Companhia Telephonica "Melhoramento e Resistencia". Capital nominal: 400.000\$000. Acções: 2.000, valor de 200\$000. Entradas: a 1º de 40%, no acto da subscrição, as restantes á proporção que a Directoria fôr chamando, com o praso de trinta dias. Séde social: Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul ou onde convier. Fins sociais: explorar a industria telephonica no Estado do Rio Grande do Sul ou onde convier, procurando o aperfeiçoamento e barateamento do serviço. Estatutos: o projeto acha-se a disposição dos interessados na séde da Associação Commercial de Pelotas, de 8 à 16 de janeiro. Subscrições: a subscrição publica das acções será aberta a 16 do corrente, na séde da Associação Commercial. Comissão: a Associação Commercial não cobrará comissão alguma pelo trabalho de incorporação. Pelotas, 8 de Janeiro de 1919. Pela Associação Commercial, incorporadora: Feliciano J. Xavier, Presidente, A. Echenique Leite, secretario, Patrício Simões Gaspar, thesoureiro. - Pelo senhor Presidente foi dito que na forma do artigo vinte e quatro dos Estatutos assignados pelos subscriptores, ficam desde já nomeados directores Feliciano Ignacio Xavier e Antonio Tonca Duarte, ambos commerciantes, residentes nesta cidade; membros do conselho fiscal Alberto Echenique Leite, Doutor Lourival Mascarenhas de Souza

e Camilo Gomes Pires; suplentes do conselho fiscal Cassio Tamborindeguy, Francisco Julio de Mello e Leonardo Velho da Silva. Nada mais havendo a tratar e nenhum dos presentes pedindo a palavra, o senhor Presidente declarou encerrada a sessão, agradecendo o comparecimento de todos e mandando lavrar a presente acta que vae subscripta por todos os accionistas presentes. Antes de declarada encerrada a sessão por proposta do senhor Camilo Gomes Pires ficou unanimemente deliberado que os actos relativos a incorporação e ao preenchimento de formalidades legais da Companhia ficassem sob a responsabilidade desta, correndo por sua conta as despesas feitas. Alberto Roberto Rosa. Bruno de Mendonça Lima. Rodrigo de Rego Barreto (seguem-se as assinaturas dos accionistas, representando mais de dous terços do capital subscripto).

Fonte: Diário Popular, 03 de maio de 1919, p. 01.

## ANEXO VIII

CONTRATO FIRMADO ENTRE A "COMPANHIA TELEPHONICA  
MELHORAMENTO E RESISTENCIA" E A INTENDÊNCIA  
MUNICIPAL DE PELOTAS/RS - 1921

- Aos vinte e um dias do mez de março do anno de mil novecentos e vinte e um, nesta 1ª Directoria, em presença do doutor Pedro Luis Osório, intendente do Municipio, compareceram os senhores Antonio Tonca Duarte e Feliciano Ignacio Xavier, directores da "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia", concessionaria de serviço telephonico publico e particular, e declararam que vinham assignar, como effectivamente assignam o presente termo, pelo qual a referida "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" se compromette a acceitar e fielmente cumprir as obrigações contidas nas clausulas abaixo:

1ª.) A "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" constituirá a sua rêde de conformidades cem os planos e detalhes que forem approvados e os já approvados, obedecendo aos regulamentos municipaes.

2ª.) Na exploração do serviço sujeitar-se-á a "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" aos regulamentos municipaes em relação não só á rêde construida, como aos accrescimos feitos depois da rêde.

3ª.) Se a intendencia deliberar por si dentro dos limites urbanos, estabelecer signaes automaticos de incendio ou de accidentes policiaes, a "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" se obriga a admitir sempre em seus postes espaço para a collocação de linhas, sem direito á indemnisação ou contribuição de especie alguma.

4ª.) A referida "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" fica obrigada a instalar para o serviço da intendencia até quinze (15) aparelhos telephonicos, nos pontos que esta determinar, desde que hajam linhas construidas e para os quaes a Empreza fara serviço gratuito, assim como a primeira installação.

5ª.) A "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" estabelecerá para os cinco (5) primeiros annos, deste termo as seguintes taxas maximas, e, findos os quaes serão ellas revistas pela intendencia para outros cinco (5) annos, e assim durante o presente termo de compromisso. Especies - telephones de grande movimento com preferencia em ligações até oitenta mil réis (80\$000), mensalmente; 1ª. Classe - casas commercias, industrias e outras equivalentes que possam ser consideradas de 1ª. Ordem, até cincoenta mil réis (50\$000), mensalmente; 2ª. Classe - idem, idem, inferiores ás precedentes, até trinta e oito mil réis (38\$000), mensalmente; 3ª. Classe - idem, idem, inferiores ás precedentes, até vinte e oito mil réis (28\$000), mensalmente; casas de familia - até dezoito mil réis (18\$000), mensalmente. Nestas taxas está incluido o valor da primeira installação e da sua conservação.

6ª.) Além dos quinze (15) aparelhos gratuitos de que trata a clausula quarta (4ª.), a intendencia poderá mandar installar outros e então pagará por elles os preços que vigorarem, com cincoenta por cento (50%) de abatimento.

7ª.) Terão tambem direito a abatimento de vinte e cinco por cento (25%) dos preços da tabella os telephones installados nas Repartições Federaes e Estadoaes para as mesmas, sempre que forem concedidas



vantagens para o material importado pela Empresa, nas leis da Receita Geral da Republica.

8ª.) A "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" só poderá cobrar dos assignantes, além das mensalidades, as taxas maximas, nos casos abaixo indicados: 1 - Mudança de um aparelho de um edificio para outro, até vinte e cinco mil réis (25\$000); 2 - Mudança de um aparelho no mesmo edificio, de um para outro aposento, até quinze mil réis (15\$000); 3 - Mudança de um aparelho no mesmo aposento, até dez mil réis (10\$000); - Danos nos aparelhos e installações que não sejam os communs de uso dos mesmos, até cem mil réis (100\$000).

9ª.) A "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" installara aparelhos para uso do publico, na razão de um aparelho por grupo de trescentos (300) aparelhos telephonicos, no maximo, de assignantes em funcionamento, cuja localização será determinada pela intendencia. As ligações locais desses aparelhos publicos para quaesquer outros telephones ligados á rêde do Municipio serão cobradas na razão de duzentos réis (200) por tres minutos, contados do momento em que o cliente possa falar. Sómente a substituição de material inutilisado ou aparelho quebrado por malfeitores se fará por conta da intendencia.

10ª.) Fica "ad referendum" do Conselho Municipal a isenção do imposto do paragrapho primeiro (§ 1º) da lei do orçamento, referente ao serviço ou a contribuição de uma taxa reduzida em relação a actual do mesmo paragrapho, pelo espaço de vinte (20) annos.

11ª.) Todas as desapropriações que forem necessarias para o estabelecimento dos serviços serão feitos pela Municipalidade, mas por conta da Empresa e de conformidade com a legislação em vigor.

12ª.) A "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" só poderá transferir esta concessão com previa autorisação da intendencia.

13ª.) As obrigações constantes deste termo prevalecerão ainda, embora a Empresa seja alterada em sua organização ou transfira o seu acervo a outra Empresa ou a particular.

14ª.) A "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" fica sujeita ás multas previstas nos regulamentos municipaes, quando nelles incorrer, e na de cincoenta mil réis (50\$000) a quinhentos mil réis (500\$000), nas infracções das clausulas deste termo, e para as quaes não haja multa especial naquelles regulamentos.

15ª.) A "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" não será obrigada a acceitar assignantes por praso menor de um (1) anno, ficando a cobrança a seu arbitrio, quanto aos periodos a serem pagos.

16ª.) É livre a Intendencia conceder identicos favores ás companhias congeneres que venham estabelecer concurrencia á "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia".

17ª.) A Empresa, por seus regulamentos internos, só poderá suspender o serviço a seus assignantes, ajuizo da Intendencia, e com aviso previo de cinco (5) dias.

18ª.) A "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" conservará as actuaes linhas municipaes das Sub-intendencias e das installações de abastecimento d'agua, de modo ligar-se entre si e com a sua rêde, e fará gratuitamente o respectivo serviço. A Empresa poderá aproveitar essas linhas, sem prejuizo do serviço publico, que terá preferencia. Essas linhas passarão, desde já, á propriedade da "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia", que garantirá o seu funcionamento na

vigencia deste termo de compromisso e restituirá cada aparelho com seu condutor installado, se a referida companhia fôr liquidada por qualquer motivo.

19ª.) A "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" poderá criar um serviço com cincoenta por cento (50%) de abatimento sobre o preço correspondente que vigorar, tendo os assignantes direito a um numero limitado de ligações, mensalmente, e pagando pelas que pedir, além do numero estipulado, a taxa de duzentos réis (200) por cada uma, como os telephones publicos. O numero de ligações acima referido é, conforme a classe - Familia - cento e cincoenta (150) ligações; 3ª Classe - quatrocentos (400); Especiais - seiscentas (600).

20ª.) A "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" construirá também linhas telephonicas para uso dos habitantes ruraes, mediante accordo entre a Intendencia, a Empreza e os interessados.

21ª.) O presente termo de compromisso, na parte referente á "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia", fica sujeito á ractificação da Assembléia Geral da referida Companhia. Caso não seja ractificado, ficará este termo de compromisso sem effeito e considerada a Intendencia como credora da importancia correspondente aos impostos que a "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia" deveria pagar, se não tivesse tido esta concessão, e revertendo ao Governo Federal a parte a elle correspondente.

22ª.) A Intendencia requererá, na forma devida, a concessão das taxas reduzidas para o material importado pela "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia", a empregar em suas installações, sempre que, em taes casos fôr concedido pela Lei da Receita Geral da Republica.

23ª.) Findos os vinte (20) annos de que trata a clausula decima (10ª), poderá este termo ser revisto pela Intendencia e modificadas as obrigações da "Companhia Telephonica Melhoramento e Resistencia".